



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE
(PPGCom)**

JANAÍNA VILARES DA SILVA

“ESTUDAR, PARA UM PÓS-GRADUANDO *STRICTO SENSU*, É O TRABALHO!”

PALMAS - TO

2019

“ESTUDAR, PARA UM PÓS-GRADUANDO *STRICTO SENSU*, É O TRABALHO!”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Liliam Deisy Ghizoni.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586  Silva, Janaina Vilares da.
“Estudar, para um pós-graduando stricto sensu, é o trabalho!”. / Janaina Vilares da Silva. – Palmas, TO, 2019.
177 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Comunicação e Sociedade, 2019.

Orientadora : Liliam Deisy Ghizoni

1. Estudantes stricto sensu. 2. Prazer-sofrimento. 3. Comunicação. 4. Trabalho. I. Título

CDD 302.2

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



FOLHA DE APROVAÇÃO

JANAÍNA VILARES DA SILVA

“ESTUDAR PARA UM PÓS-GRADUANDO STRICTO SENSU É O TRABALHO!”

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 19/12/2019

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Liliam Deisy Ghizoni
Universidade Federal do Tocantins
Orientadora

Prof. Dr. José Fernando Patinho Torres (vídeo conferência)
Universidade Federal do Tocantins
Primeiro avaliador

Prof. Dr. Leandro Rodrigues Lage (videoconferência)
Universidade Federal do Tocantins
Segundo avaliador

*Ao universo, à vida, aos meus pais e a todos
aqueles que me ajudaram a ser a pessoa que
me tornei e a pessoa que ainda hei de ser...*

*No meu outono, tornei-me mais esperançoso
quanto o animal humano no trabalho [...] podemos alcançar uma vida material mais humana, se pelo menos entendermos como são feitas as coisas (SENNETT, 2009).*

AGRADECIMENTOS

Carrego tanta gratidão por esta oportunidade e processo, que não poderia deixar de agradecer àqueles que tornaram tudo possível.

Em primeiro lugar, agradeço a minha família!!! Minha Mãe, Lourdes, que me deu a vida e me criou se esforçando para que eu obtivesse tudo o que eu desejasse, sem nunca deixar de lutar! Meu Pai, Luiz, que me apoiava nos momentos de crises e choros sem me julgar! Meus irmãos, André e Raul, que me fizeram ser mais madura, ensinando a compartilhar e resistir aos obstáculos que a vida impunha.

Minha cunhada e minha sobrinha, Nathália e Luna, que me mostraram como a vida pode ser bela e leve, mesmo com os problemas que surgem no caminho.

Minha amiga, Bárbara, que entre piadas, charges, café, panquecas e vinho, me mostrou a força de uma verdadeira amizade para superar quaisquer obstáculos, mesmo estando longe.

Ao meu amor, Nayon, amigo, parceiro, homem que convive diariamente com minhas dores e alegrias, que sempre me incentiva a buscar mais, a ser independente e a sonhar. Juntos, vamos nos tornando melhores, fazendo dar certo até dar certo.

À minha outra família, Kikuchi, que entre sogros, cunhados e cunhadas, sobrinhos e tios, ganhei uma nova família, que me ensinou a superar obstáculos.

À minha incrível orientadora, Liliam, sempre ativa, alegre e agitada, que, mesmo numa cobrança exaustiva imposta pelo sistema, consegue fazê-la de modo leve e prazeroso.

Ao grupo de pesquisa “Trabalho e Emancipação”, a todos os membros, que entraram e saíram nos dois últimos anos e com os quais pude conviver, que me ensinaram a ser uma pessoa melhor, mais humilde, sempre incentivando uns aos outros na escrita e no aperfeiçoamento profissional.

À minha turma de mestrado, simplesmente seres incríveis e maravilhosos que compartilham conhecimento e saberes.

À minha banca de qualificação e de defesa, ao professor José Fernando e ao professor Leandro, que me acolheram nesse processo e me ensinaram através de sugestões para minha melhoria.

Aos professores do PPGCom, em especial ao professor Gilson, que em meio a sua firmeza, compartilharam seus ensinamentos com dedicação e amor.

Ao Universo ou Deus, que me permitiu existir e chegar aonde cheguei e mais além, dando a certeza de que sempre vai acabar da melhor forma possível.

SILVA, Janaína Vilares da. “Estudar, para um pós-graduando *stricto sensu*, é o trabalho!”. 2019. 176f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019.

RESUMO

A presente pesquisa apresenta e amplia o debate da visualização do universitário (seja de graduação, mestrado ou doutorado) como um sujeito trabalhador, inserido no mundo do trabalho, considerando o caminho percorrido por este em toda sua formação, sob exigências e responsabilidades inerentes ao processo de formação/trabalho. Dialogou-se com os campos da sociologia, psicologia, filosofia, economia, comunicação, ciências políticas, psicanálise, antropologia, linguística, psicodinâmica do trabalho, dentre outros. Assim, objetivou-se analisar as vivências de prazer-sofrimento que os mestrandos e doutorandos vinculados aos programas de Pós-Graduação em comunicação no Brasil tem vivenciado, através de uma pesquisa social de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, na qual foi realizado um levantamento bibliográfico e aplicado um questionário elaborado pela própria autora e orientadora, via Google *forms* através de e-mail encaminhado às coordenações dos cursos de pós-graduação em Comunicação do Brasil, que foram encaminhados aos seus discentes. Recebeu-se 185 instrumentos respondidos e destes, 176 foram válidos, seguindo os critérios de inclusão e exclusão, compondo uma amostra não probabilística. Os dados foram analisados com o auxílio do Excel e através do SPSS e da análise de conteúdo. Constatou-se, com relação à organização do trabalho dos estudantes *stricto sensu* em comunicação que esta não aparece como uma causa direta para o adoecimento, possuindo fatores que podem levar tanto ao sofrimento quanto ao prazer, todavia o estudo aponta uma auto cobrança e sentimentos negativos, principalmente referente ao seu próprio desempenho na universidade, que não podem ser negligenciados, uma vez que existe o ao risco de se tornarem patologias e de serem um agravantes ao risco de suicídio. Foram apontadas várias fontes, tanto de sofrimento como conciliar o mestrado/doutorado com um trabalho remunerado, a pressão pela produção e dificuldades financeiras; algumas formas de assédios e violências e sofrimento ético; quanto de prazer e sofrimento criativo. Há uma satisfação com a universidade e o curso de pós-graduação, bem como algumas vantagens foram apresentadas pelos estudantes: desenvolvimento do pensamento crítico, possibilidade de ir para eventos/ congressos, maior motivação para estudar, dentre outras. Com relação aos destinos dados ao sofrimento, os estudantes estão conseguindo desenvolver estratégias eficazes para evitar adoecimentos, como buscar atendimento médico, psicoterapia e outros tipos de terapias, bem como a prática de exercícios físicos para liberação de estresse e sobrecarga de trabalho, além de estratégias para relaxar, se divertir, ficar com amigos e fazer atividades não relacionadas ao trabalho. Assim, conclui-se que a presente pesquisa atingiu o objetivo proposto e pode subsidiar a elaboração de projetos e ações de saúde e qualidade de vida no trabalho/estudo, direcionando assim a forma como a universidade e programas de pós-graduação *stricto sensu* poderão lidar com os seus estudantes.

Palavras-chave: Estudantes *stricto sensu*. Prazer-sofrimento. Comunicação. Trabalho.

SILVA, Janaína Vilares da. “Studying, for a *stricto sensu* graduate, is the work!”. 2019. 176p. Master's Dissertation (Postgraduate Program in Communication and Society), Federal University of Tocantins, Palmas, 2019.

ABSTRACT

This research presents and broadens the debate on the visualization of the undergraduate student (whether graduation, mastering or doctorate) as a working subject, inserted in the world of work, considering the path taken by him in all his training, under the demands and responsibilities inherent in the process of training / work. It was discussed with the fields such as sociology, psychology, philosophy, economics, communication, political science, psychoanalysis, anthropology, linguistics, work psychodynamics, among others, aiming at preventing the theoretical reductionism of the researched theme. Thus, the objective was to analyze the experiences of pleasure-suffering that master's and doctoral students linked to the Postgraduate Programs in Communication in Brazil have been experiencing, through a social research of qualitative approach and descriptive and exploratory nature, in which a survey was conducted. bibliographic and applied a questionnaire prepared by the author and advisor, via Google forms through e-mail sent to the coordinators of postgraduation courses in Communication in Brazil, which were sent to their students. 185 instruments were received and 176 were valid, following the inclusion and exclusion criteria, composing a non-probabilistic sample. Data were analyzed with the help of Excel and through SPSS and content analysis. It was found, regarding the organization of students' work *stricto sensu* in communication that this does not seem as a direct cause for illness, having factors that can lead to both suffering and pleasure, however the study points to self-collection and negative feelings , especially regarding their own university performance, which cannot be neglected, since there is a risk of becoming pathological and aggravating the risk of suicide. Several sources were pointed, as much of suffering as to reconcile the mastering / doctorate with a paid work, the pressure for the production and financial difficulties; some forms of harassment and violence and ethical suffering; As for pleasure and creative suffering, there is a satisfaction with the university and the postgraduate course; As well as some advantages were presented by the students: development of critical thinking, possibility of going to events / congresses, greater motivation to study, among others. Regarding the destinations given to suffering, students are being able to develop effective strategies to avoid illness, such as seeking medical attention, psychotherapy and other types of therapies, as well as the practice of physical activities to release stress and work overload, as well as strategies for relax, have fun, hang out with friends, and do non-work activities. Thus, it is concluded that the present research achieved the proposed objective and can support the elaboration of projects and actions of health and quality of life at work / study, thus directing the way the *stricto sensu* university and graduate programs can deal with your students.

Key-words: Students *stricto sensu*. Pleasure-suffering. Communication. Work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Adoecimento Mental nas Universidades.....	36
Figura 02	Sufrimento e Suicídio na Pós-Graduação.....	38
Figura 03	Desenho da Pesquisa.....	45
Figura 04	Mapa dos Mestrados em Comunicação nas Universidades Federais do Brasil.....	46
Figura 05	Ciclo da constituição da amostra por acessibilidade.....	47
Figura 06	Constructo Único Prazer-Sufrimento.....	74
Figura 07	Atividade Final da Disciplina “Prazer e Sofrimento na Universidade”, segunda-feira - Arco e Flecha.....	77
Figura 08	Atividade Final da Disciplina “Prazer e Sofrimento na Universidade”, segunda-feira – Xadrez.....	78
Figura 09	Atividade Final da Disciplina “Prazer e Sofrimento na Universidade”, quinta-feira - Parede da Felicidade.....	79
Figura 10	Atividade Final da Disciplina “Prazer e Sofrimento na Universidade”, quinta-feira - Arte Parede da Felicidade.....	80
Figura 11	Diálogos sobre saúde mental na universidade – Campus Palmas A.....	82
Figura 12	Diálogos sobre saúde mental na universidade – Campus Palmas B.....	83
Figura 13	Diálogos sobre saúde mental na universidade – Campus Tocantinópolis.....	84
Figura 14	Grupo de Encontro de Aluno(as) – Campus Araguaína.....	85
Figura 15	Mural Vale a Pena Viver I.....	86
Figura 16	Mural Vale a Pena Viver II.....	87
Figura 17	Página do <i>Facebook</i> “Pega leve - Saúde Mental do Estudante Universitário”.....	90
Figura 18	Página do <i>Facebook</i> “Drama universitário”.....	90
Figura 19	Página do <i>Facebook</i> “Universitário não é gente”.....	91
Figura 20	Página do CVV na internet.....	92
Figura 21	Participantes por região do país.....	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Relato de abusos sofridos por estudantes de pós-graduação.....	33
Quadro 02	Encadeamento e funções das estratégias defensivas.....	70
Quadro 03	Mecanismos de defesa comumente descritos na literatura.....	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Categorias e temas das questões abertas.....	53
Tabela 02	Comparações das modalidades de pós-graduação <i>stricto sensu</i>	93
Tabela 03	Comparações das variáveis da população estudada.....	95
Tabela 04	Programas de pós-graduação <i>stricto sensu</i> em Comunicação do Brasil.....	96
Tabela 05	Categorias e temas das questões abertas com percentual.....	106
Tabela 06	Temas - “Quando penso nas atividades do meu mestrado/doutorado eu sinto...”.....	107
Tabela 07	Temas - “Quando eu me sinto bem diante das atividades do mestrado/doutorado eu procuro...”.....	108
Tabela 08	Temas - “Quando eu me sinto mal diante das atividades do mestrado/doutorado eu procuro...”.....	109

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Principais dificuldades encontradas no mestrado/doutorado.....	100
Gráfico 02	Sentimentos e sensações apresentadas durante o curso de mestrado/doutorado.....	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEULP/ULBRA	Centro Universitário Luterano de Palmas/ Universidade Luterana do Brasil
COEST	Coordenação de Estágio e Assistência Estudantil
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CVV	Centro de Valorização da Vida
ESPM	Escola Superior de Propaganda e Marketing
FAAM	Faculdades de Artes Alcântara Machado
FACEPE	Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia de Pernambuco
FAMED	Faculdade de Medicina
FCL	Fundação Cásper Líbero
FIAM	Faculdades Integradas Alcântara Machado
IES	Instituições de Ensino Superior
MPCOM	Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público
NAPE	Núcleo de Apoio Psicossocial e Educacional
PM	Polícia Militar
PPGs	Programas de Pós-Graduação
PPGCom	Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade
PPGCINE	Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual
POSCOM	Pós-Graduação em Comunicação Social
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PTSD	Desordem pós-traumática por estresse
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RJ	Rio de Janeiro
SP	São Paulo
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
SUCOM	Superintendência de Comunicação

TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCB	Universidade Católica de Brasília
UCSC	Universidade Municipal de São Caetano do Sul
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UMESP	Universidade Metodista de São Paulo
UnB	Universidade de Brasília
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UNIP	Universidade Paulista
Unisinos	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNISO	Universidade de Sorocaba
Unitins	Universidade Estadual do Tocantins
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UTP	Universidade Tuiuti do Paraná
USP	Universidade de São Paulo
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA	Universidade Federal do Pará

UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSE	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA	26
1.1.1	O Eu na Pesquisa	26
1.1.2	O Problema de Pesquisa.....	28
1.1.3	Delimitação do Escopo	29
1.1.4	Justificativa	30
1.2	OBJETIVOS	41
1.2.1	Objetivo Geral.....	41
1.3.2	Objetivos Específicos	41
2	METODOLOGIA	42
2.1	DESENHO DO ESTUDO	42
2.2	PARTICIPANTES	46
2.2.1	População	47
2.2.2	Amostra.....	47
2.3	INSTRUMENTO DE PESQUISA	48
2.4	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	48
2.5	CUIDADOS ÉTICOS	50
2.5.1	Critério de Inclusão e de Exclusão.....	50
2.6	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	51
2.7	RETORNO À POPULAÇÃO.....	54
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	55
3.1	VIOLÊNCIA: SUAS FORMAS E MODELOS	55
3.2	VIOLÊNCIA NAS UNIVERSIDADES: APONTAMENTOS TEÓRICOS	59
3.3	ORGANIZAÇÃO E PSICODINÂMICA DO TRABALHO	66
3.4	O QUE TEM SIDO FEITO NAS UNIVERSIDADES: ALGUMAS AÇÕES	74
4	RESULTADOS	93
5	DISCUSSÕES.....	113
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
	REFERÊNCIAS	127
	ANEXOS.....	137
	ANEXO 01 - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA (CEP)....	137
	APÊNDICES	141
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	141

APÊNDICE B - PPG's EM COMUNICAÇÃO DA PLATAFORMA SUCUPIRA	150
APÊNDICE C - MODELO DA CARTA ÀS COORDENAÇÕES DE CURSO	173
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	175

1 INTRODUÇÃO

O trabalho é algo tão antigo quanto o próprio homem. Etimologicamente, a palavra trabalho vem do latim *trabs/trabis*, que significa viga, originando as palavras *tripaliare* e *tripalium*, um instrumento/máquina de tortura com três pontas, utilizado para conter animais e forçar escravos a aumentar sua produção (ARAÚJO, 2008; BUENO, 1988; FERRARI; NASCIMENTO; MARTINS FILHO, 1998; OLIVEIRA, 1998; OLIVEIRA; SILVEIRA, 2012).

Este termo “trabalho” evoluiu para definir todo e qualquer esforço físico ou intelectual realizado com o objetivo de conseguir alguma coisa, ou seja, toda atividade exercida pelo homem (CESARINO JÚNIOR, 1970; FURQUIM, 2001; OLIVEIRA, 1998). Portanto, o trabalho é fundamental como fonte de sobrevivência e subsistência do homem, compreendendo como um ciclo fundamental da sua natureza (ALVES, 2014).

E continuando a evoluir, passou a ser considerado uma ação transformadora do homem sobre a natureza, que possui o poder de modificar a maneira de pensar, agir e sentir, possibilitando a este se autoproduzir, ao mesmo tempo em que produz sua própria cultura (ARANHA, 1996).

Desta forma, o ato de trabalhar é uma atividade vital, universal, necessidade e realização social, entre o ser humano e a natureza, mas também é uma mercadoria, uma atividade imposta, forçada e compulsória. Pode tanto configurar relações sociais marcadas pelo poder, dominação e exploração, possuindo conotações negativas, mas também podem ser fonte de expressão de coesão, consentimento e prazer (MARX, 2004; CATTANI; HOLZMANN, 2011).

O trabalho não se resume a um “emprego”, no sentido de ser uma forma de se obter renda, mas trata-se de uma atividade que proporciona realização pessoal, possibilidade de criar e manter relações interpessoais e dar significado à vida do sujeito. Todavia, quando a vida se resume exclusivamente ao trabalho, este se torna um esforço penoso e alienante, aprisionando os indivíduos de modo unilateral (SOARES, 1992; KUBO; GOUVÊA, 2011).

Assim, o “mundo do trabalho” é algo vital, pois faz parte da longa história do ser humano, que desde os primórdios já lutava incessantemente por sua sobrevivência, bem como pela conquista da sua dignidade, humanidade e felicidade social. O trabalhar possui uma dimensão dupla e dialética, central quando se estuda e se busca compreender o laborar humano, pois, se por um lado deve-se reconhecer o potencial emancipador do trabalho no ser

humano e social, também se deve recusar o trabalho que aliena, explora e o infelicitiza (ANTUNES, 2000, 2005, 2008, 2018).

Desta forma, o trabalho é um elemento central na vida do sujeito, que não se resume a uma questão de sobrevivência, mas sim como condição de existência social e contribuidor na formação da identidade e, conseqüentemente, das relações sociais e na construção da sociedade (FACAS; SILVA; ARAÚJO, 2013; ROIK; PILATTI, 2009).

Assim, o termo identidade, de origem latina *identitās*, significa “idem”. Muitas vezes sinônimo de “personalidade”, é compreendida como “traços distintivos que acompanham uma pessoa no decorrer da vida e a tornam única e, ao mesmo tempo, membro de um grupo, cultura ou sociedade” (MACÊDO; HELOANI, 2013, p. 219).

Neffa (2015) aponta que o trabalho possui várias dimensões, dentre elas a subjetiva e a objetiva, nas quais o trabalho contribui para dar sentido à existência do ser humano ao oportunizar a construção de experiências, relacionamentos, aprendizados e até mesmo a construção da sua identidade enquanto sujeito.

Desta forma, se, por um lado, a origem do trabalho parece ser compreendida desde sua origem como algo “ruim”, que conota ao esforço, cansaço, pena e, até mesmo, castigo (ARAÚJO, 2008; BUENO, 1988; FERRARI; NASCIMENTO; MARTINS FILHO, 1998; OLIVEIRA; SILVEIRA, 2012), por outro, o trabalho pode ser visto como aquele que constitui o ser humano como tal, pois é por meio do trabalho que o ser humano cria e inova aquilo que faz e produz a sua vida social e individual. Destarte, o trabalho acaba por produzir a vida do trabalhador socialmente e individualmente (MARX, 2004).

Analisando todos estes conceitos e ideias, infere-se que o trabalho é uma atividade humana e social carregada de significados e significações que impactam diretamente na (re)construção de identidades e papéis e na (re)definição da condução de vida de cada sujeito. Logo, pode-se afirmar que um estudante matriculado formalmente em uma instituição de ensino, seja em nível fundamental, médio, superior ou de pós-graduação, é um trabalhador por ocupação, uma vez que tal ocupação corrobora com as descrições aqui apresentadas.

Similar ao trabalho remunerado, cuja importância pode ser constatada pelas quantidades de horas por dia nas quais os sujeitos passam no seu ambiente de trabalho, bem como os dias, meses e anos dedicadas ao ato de trabalhar e pela preparação das suas atividades, o estudo, na modalidade *stricto sensu*¹ exige tanta dedicação e esforço quanto um

¹ De acordo com o Ministério da Educação (MEC) as pós-graduações *stricto sensu* correspondem aos programas de mestrado e doutorado, sendo estes abertos a candidatos diplomados em cursos superiores e que atendam às exigências das instituições de ensino e ao edital de seleção. Informação disponível em:

trabalho remunerado no mercado capitalista atual, pois, como afirma Dejours (2017a, p. 139): “trabalhar nunca é somente produzir; é, no mesmo movimento, transformar-se a si mesmo”.

A universidade, como ambiente de trabalho/estudo, corresponde à “organização do trabalho” na qual o estudante encontra-se inserido. Esta organização do trabalho consiste no “ato ou ação para se estabelecer as bases para o esforço, pelo investimento das ações [...] afeta a vida dos trabalhadores, influenciando – quando não a determinando – o horário de acordar, de sair, a forma de se vestir, de falar, de se comportar de pensar, de sentir” (ANJOS, 2013, p. 267-268). Assim, quanto mais complexo o trabalho, mais complexa a organização (DEJOURS (2017a; ANJOS, 2013).

Desta forma, o estudante/trabalhador experimenta os mesmos benefícios e sofrimentos advindos daquele trabalho remunerado, pois o estudar/trabalhar é concomitantemente fonte de emancipação do sujeito e criador de identidade e, ao mesmo tempo em que pode ser uma fonte de prazer e sofrimento criativo, pode vir a desencadear sofrimentos e até levar a patologias.

Heloani e Barreto (2018) relatam na obra “Assédio moral: gestão por humilhação” que em janeiro de 2003 foi noticiado pela imprensa que um rapaz de 18 anos, residente de uma cidade do interior feriu alunos, funcionários e uma diretora, no colégio em que estudava há 11 anos, concluindo o ato pondo fim na própria vida. Este jovem era um aluno tímido, obeso e não era autoconfiante, todavia, com um desempenho acadêmico normal. Mais tarde descobriram que ele fora importunado, humilhado e ridicularizado por mais de uma década naquela escola, sendo chamado de “mole” e “gorducho”, por seus colegas.

A partir destes exemplos, os autores lançam as seguintes e atualíssimas questões a se fazer no meio escolar e acadêmico:

Quantos casos de evasão escolar não se deram em função disso? Quantas reprovações não ocorreram devido à impossibilidade de concentração dessas crianças ou adolescentes, em função do medo e ansiedade do ambiente escolar? Quantos adolescentes não tiveram sua autoimagem comprometida, com sequelas para toda a sua vida? Quantos assassinatos emocionais não foram cometidos sob o olhar negligente, indiferente ou mesmo complacente de quem deveria zelar? Quantos professores tentaram intervir e não tiveram nenhum apoio da coordenação e direção; pelo contrário, foram ameaçados de demissão, pois, agora, o importante é contentar a maioria dos clientes, perdão, alunos? Finalmente, quantas vidas ceifadas precocemente? (HELOANI; BARRETO, 2018, p. 174).

Tais questões vão ao encontro de tudo o que foi explicitado até o presente momento. Uma vez que o ambiente escolar/acadêmico vem se tornando altamente competitivo, o

estudante vem deixando de ser estudante, para tornar-se, paulatinamente, um consumidor. “Talvez a única maneira de diminuirmos este fenômeno é admiti-lo e nos conscientizarmos que a escola mudou, tornou-se empresa” (HELOANI; BARRETO, 2018, p. 174).

Tal visão também é relatada por Adriana Vieira, doutora em química e pós-doutoranda no Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP), para a revista *Veja São Paulo*²:

De 31 anos completos da minha vida passei 26 dentro de uma academia escolar. Três anos de jardim de infância, quatro anos de fundamental, quatro anos de ginásio, três de ensino médio, quatro anos de graduação, dois anos de mestrado, três anos de doutorado, três anos de pós-doutorado. Tudo assim, ininterruptos. Sem nunca reprovar, sem nunca parar. **Acho até graça quando as pessoas chegam perguntando quando eu vou começar a trabalhar. Gente, estudar, para um pós-graduando *stricto sensu*, é o trabalho!** (grifo nosso).

Neste contexto, muitas vezes os professores acabam por tolerar certas ‘brincadeiras’ estúpidas entre os alunos. Todavia, não raro, os docentes se veem ‘perdidos’, pois fazem parte desse processo, sofrendo assédio laboral por seus superiores hierárquicos, pelo sistema e, às vezes, pelos próprios alunos. “Tal violência vivida é internalizada e reproduzida, tanto no ambiente escolar quanto nos demais de sua vida” (HELOANI; BARRETO, 2018, p. 174).

Foi a partir dos anos 1990, com o governo de Fernando Henrique Cardoso, que o produtivismo começou a adentrar na academia, ao se implementar a lógica do privado nas Universidades Públicas através de um processo de reforma administrativa que objetiva conseguir uma maior produtividade e desempenho (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

O produtivismo acadêmico impera. Viramos gestores de projetos, burocratas de *papers*. A formação vem sendo cada vez mais esquecida, o objetivo é produzir, ainda que sem formação ou conteúdo. Muitos estão adoecendo com este sistema. Mede-se, apenas, quantidade de produção acadêmica. A qualidade ficou de lado. Há dez anos o problema está claramente diagnosticado. As explicações também estão dadas: invasão do gerencialismo na produção científica, cópia malfeita de modelos estrangeiros, sem falar da Capes [...] (ALCADIPANI, 2011, p. 1176).

Com isso, ocorre a elevação das exigências de produção na academia, principalmente com relação ao crescimento do número de publicações, reguladas pelos índices de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), reforçando uma cultura produtivista e individualista (SPINK; ALVES, 2011).

A partir dos anos 2000 os prazos para conclusão dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* foram reduzidos. A partir de então, os estudantes que possuíam o prazo médio de 3,9 anos no mestrado e de 5,1 anos no doutorado para concluírem o curso, passaram a ter essa

² Informação disponível em: <<http://comosobreviveraodoutorado.com/2017/06/15/efeitos-psicologicos-da-pos-graduacao/>>. Acesso em: 05 ago. 2018.

carga horária reduzida para a duração máxima de 24 meses, no caso do mestrado, e 48 meses no doutorado. Com tal decisão, a CAPES obrigou, não somente os programas, mas também os próprios discentes a diminuírem seu tempo médio de titulação (COSTA; NEBEL, 2018; GATTI, 2001).

O argumento da CAPES era que tal redução era necessária para equiparar os programas brasileiros aos parâmetros internacionais de pós-graduação. Atualmente, o prazo de conclusão é, inclusive, um dos fatores determinantes na avaliação dos programas. Portanto, quanto menor o tempo de titulação do estudante, maiores as chances de o programa receber uma nota alta na avaliação da CAPES (COSTA; NEBEL, 2018).

A CAPES é uma agência de fomento à pesquisa, ligada estreitamente aos programas de pós-graduação *stricto sensu*, estabelecendo as diretrizes para avaliação destes e apresentando as prerrogativas para que o professor possa fazer parte dos programas, sendo uma delas a produção científica. Também é a CAPES que realiza a avaliação periódica das principais revistas científicas de cada área do conhecimento, através de um conjunto de procedimentos para analisar a qualidade das produções intelectuais chamado “Qualis” (ZANDONÁ *et al.*, 2014).

Esta nova lógica acadêmica gera algumas distorções expressivas, pois, se antes a academia servia para apresentar o pensamento crítico e a reflexividade aos seus discentes, agora se apresenta como um lugar de reprodução, expressa pela obrigatoriedade de inúmeros artigos, muitas vezes ‘impossíveis’ de serem levados para o dia a dia e que não acrescentam nada de efetivamente para uma área do saber, ou a vida prática, convertendo-se apenas como um método avaliativo de pontuação. Desta forma, os professores acabam também por se afastarem dos seus alunos, pois estão sobrecarregados com materiais para congressos e publicações em geral (SPINK; ALVES, 2011; ZANDONÁ *et al.*, 2014; SGUISSARDI, 2008 informação verbal³).

Tal situação se agrava quando o professor, além de ter que organizar e executar atividades de ensino (mais estágio), pesquisa e extensão, ainda é vinculado a algum programa de pós-graduação, o que o obriga a manter seu índice de produção elevado, sob pena de ser desvinculado do programa e de ter que contribuir para que a nota deste não seja rebaixada junto à CAPES (BERNARDO 2014; BORSOI, 2012; ZANDONÁ *et al.*, 2014; SOUTO *et al.*, 2017).

³ Informação fornecida por Roberto Heloani, em Roda de Conversa, em Palmas - TO, em 13 de dezembro de 2018.

Os professores estão sofrendo as consequências do avanço da ideologia neoliberal, por meio das políticas educacionais implantadas pelo Estado. Essa nova forma de organização tem levado, de modo crescente, ao esquecimento do trabalhador como ser humano, com suas fraquezas e medos, ansiedades, bem como seus limites, contribuindo, dessa forma, para potencializar problemas de saúde física e mental e gerar sobrecarga emocional (ZANDONÁ *et al.*, 2014, p. 122).

Tais critérios de produtividade, além de levarem a um crescimento da competição entre os pares (professor contra professor), parecem ser repassadas aos discentes, que não só não possuem mais o antigo apoio dos professores, como agora necessitam lidar com diversas pressões e cobranças por parte da academia (informação verbal⁴).

Além dessas pressões provindas da academia, não se pode esquecer que esses jovens são sujeitos que possuem uma vida fora deste ambiente, necessitando lidar, também, com questões familiares, de trabalho, até questões existenciais, que podem acarretar qualquer ser humano (informação verbal⁵).

Tais pressões advindas da flexibilidade e do flexível emergem como elementos indicadores do crescimento e transformações do capitalismo. Essas mudanças nas últimas décadas vêm produzindo indicadores cada vez mais altos de acidentes e doenças profissionais (DAL ROSSO, 2017; ANTUNES, 2018; HELOANI; BARRETO, 2018) que, na atualidade, já chegaram às universidades brasileiras:

A lógica que prevalece presentemente, no mundo do trabalho, é a da competição. [...] Estabelece-se que o “colaborador” seja flexível, habitue-se velozmente às mudanças, assimile os valores e crenças da empresa – ou, pelo menos, dramaturgicamente, simule isso – e, principalmente, priorize a organização em relação a outras esferas da sua existência, ou seja, sua vida privada (HELOANI; BARRETO, 2018, p. 187).

Antunes (2018) e Monteiro *et al.* (2015) complementam essa visão introduzindo o conceito de traços solidários rompidos, uma vez que tal flexibilidade moderna leva a um crescente processo de individualização do ser humano no ambiente de trabalho (e da universidade) e a uma ruptura da solidariedade antes presente nos trabalhadores (e nos universitários). A quebra desses laços, juntamente com as estratégias de defesas coletivas, está na base do aumento dos processos de adoecimento psíquico nestes ambientes, aumentando a incidência de suicídio no local de trabalho e no local de estudo.

Neste contexto, o presente estudo objetiva realizar uma interface entre as áreas da psicologia, filosofia, comunicação, sociologia e psicodinâmica do trabalho, sobre a atividade

⁴ Informação fornecida por Roberto Heloani, em Roda de Conversa, em Palmas - TO, em 13 de dezembro de 2018.

⁵ Informação fornecida por acadêmicos do curso de arquitetura da UFT, em Roda de Conversa, em Palmas - TO, em 11 de dezembro de 2018, dias após o suicídio de uma estudante do curso.

“trabalho”, enfatizando a interdisciplinaridade, analisando os fenômenos por um viés múltiplo e diversificado de olhares. Assim, serão investigadas as vivências de prazer-sofrimento que os mestrandos e doutorandos vinculados aos programas de pós-graduação em comunicação e informação no Brasil têm vivenciado.

A interdisciplinaridade, segundo Orejuela (2009), consiste na visão da ciência de modo pluriparadigmático, no qual não há uma única ciência, mas várias ciências, cujas disciplinas separadas se articulam uma com as outras, criando um campo heterogêneo que permite a totalidade de um saber. Assim, uma ciência é formada por meio de diversas disciplinas que dialogam entre si, em uma relação dinâmica e dialética, constituindo um campo multidisciplinar.

Para Freitas (2013) esta interdisciplinaridade no campo do trabalho e das organizações justifica-se pela natureza multifacetada do objeto de análise, bem como pela importância das interações no contexto sócio-político-cultural, no qual estão inseridas as organizações. Desta forma, os fenômenos podem ser estudados e serem fontes de contribuição da antropologia, ciências políticas, economia, sociologia, linguística, comunicação, psicologia, dentre outras.

Destarte, insere-se este estudo no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCom) ligado à área da Capes de Comunicação e Informação, que tem como objetivo capacitar recursos humanos, gerar e difundir conhecimentos voltados às temáticas da comunicação e suas interfaces, numa perspectiva interdisciplinar, focado nas questões globais da sociedade contemporânea (UFT, 2018).

Deste modo, ao falar do conceito de trabalho e das vivências de prazer-sofrimento de estudantes de mestrado de comunicação e informação, objeto de estudo deste trabalho, estes serão discutidos a partir da visão interdisciplinar, possibilitando a ampliação de estudos acerca desta temática.

Diante da complexidade do objeto desta pesquisa, pela pouca frequência de trabalhos que abordem todas as vertentes, bem como da inserção da compreensão do estudante com um trabalhador, o presente estudo está estruturado em seis partes correlacionadas: 1º. Introdução: apresenta a contextualização do estudo, com noções introdutórias a respeito do conceito “trabalho” e do estudante universitário como um trabalhador na sociedade atual. Posteriormente vem o problema de pesquisa, a delimitação do escopo, trazendo delimitações acerca do arcabouço teórico adotado, público alvo e delimitação geográfica e temporal. Em seguida apresentam-se as justificativas, que levantam notícias recentes abordadas pela mídia com relação ao tema de pesquisa, envolvendo aspectos relevantes de sua realização. Por fim, o objetivo geral, seguido dos objetivos específicos.

A segunda parte trata da fundamentação teórica: disserta-se sobre a interdisciplinaridade entre os campos dos assédios/violências e adoecimentos, bem como sobre suicídio no ambiente universitário. A psicodinâmica do trabalho, na qual foram apresentados os conceitos desta abordagem teórica, discorrendo sobre as vivências de prazer-sofrimento e por fim apresentam-se ações que as universidades já vêm realizando a fim de prevenir e combater o adoecimento mental e suicídios no meio acadêmico.

A terceira parte apresenta a metodologia deste estudo. Inicialmente apresenta a estrutura do estudo, como um tipo de pesquisa social, de natureza descritiva e exploratória e de abordagem qualitativa. O procedimento da pesquisa foi o levantamento bibliográfico inicial e posterior aplicação de um questionário, que vai ao encontro dos objetivos deste estudo, com os mestrandos e doutorando das pós-graduações *stricto sensu* em comunicação do país, encaminhado por e-mail, através da plataforma *Google Forms*.

Faz-se importante salientar que a presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) através da Plataforma Brasil e aprovado pelo Número do Parecer: 3.547.902, contemplando, desta forma, as garantias éticas previstas em pesquisas com seres humanos.

A quarta seção apresenta os resultados deste estudo. Foram tabulados e analisados os dados com o auxílio do *Excel* e do *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, bem como com o auxílio da análise de conteúdo de Bardin (1977), no que tange as questões abertas.

A quinta seção traz as discussões acerca dos resultados obtidos neste estudo. Apresenta o cruzamento dos dados encontrados e tabulados com a fundamentação teórica e os objetos de pesquisa, a partir de uma visão interdisciplinar sobre a temática pesquisada.

A sexta seção apresenta as considerações finais deste trabalho. Finaliza a pesquisa quanto ao contexto geral do que se objetivou pesquisar e apresenta novas direções para continuidade deste trabalho e orientações a novas pesquisas com a mesma temática.

Por fim, têm-se as referências utilizadas neste estudo, seguidas dos apêndices.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

1.1.1 O Eu na Pesquisa

Para se compreender melhor como surgiu a presente pesquisa se faz importante entender um pouco da história da pesquisadora⁶.

Entrei no curso de Psicologia no ano de 2006 e me formei em 2010. Durante este período tive oportunidade de estagiar nas áreas organizacional e clínica de forma curricular, e nas áreas escolar e organizacional de forma extracurricular.

Assim que me formei entrei no mercado de trabalho de forma imediata, todavia não na minha área de formação. Comecei a trabalhar no setor público através de um contrato na área de compras e licitação do Estado. Este foi um bom emprego, no qual eu tinha boa relação com os colegas e que, futuramente, me abriria uma nova oportunidade devido aos conhecimentos adquiridos.

Após sair deste emprego consegui um trabalho de carteira assinada em uma consultoria de empresas, desta vez dentro a minha formação, como psicóloga organizacional, na área de seleção e recrutamento de pessoas. Neste trabalho vivi na pele o significado da precarização do trabalho e subvalorização. Mesmo já tendo um MBA em Gestão de Pessoas, meu salário estava muito abaixo do valor de mercado, sem falar nas 12 horas trabalhadas diariamente na empresa, sem receber nenhuma hora extra ou folga. Na maioria dos dias não conseguia ter nem uma hora inteira para almoço e possuía uma meta de correção de testes psicológicos e elaboração de laudos que não me permitiam retornar para casa ao final do expediente sem levar trabalho extra, quase que diariamente.

Durante este emprego, foi o momento em que eu mais senti a questão do trabalho precarizado, da exploração do empregador com relação ao empregado, da falta de valorização profissional e da exigência por produção e mais produção, sem observar o sujeito trabalhador por trás do trabalho. Após a demissão, pois, segundo meu gestor: “tinha um salário muito alto para o meu trabalho”, fiquei desempregada por cerca de um ano e sofri com o desemprego e a impossibilidade de ajudar minha família com as despesas da casa, sem falar de ter que depender financeiramente deles... Uma sensação muito ruim!

Um próximo emprego também foi na minha área, de carteira assinada, na área hospitalar. Tornei-me psicóloga de uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) adulta, onde

⁶ Por ser uma contextualização da pesquisa e de seu surgimento a partir da história de vida da pesquisadora, este texto será escrito na primeira pessoa.

atendia os pacientes de leito em leito, além de fazer o processo de recrutamento e seleção de enfermeiros e técnicos de enfermagem. O interessante deste emprego é que eu apenas o consegui devido à minha experiência em recrutamento e seleção comprovado pelo trabalho precário anterior.

Neste meio tempo comecei a estudar para concurso, objetivando o tão sonhado emprego público, com bom salário e estabilidade. Depois de uns dois anos na UTI, tomei posse no meu primeiro concurso, na área da saúde na prefeitura do município de Palmas como psicóloga da saúde, e mantive os dois vínculos empregatícios. Comecei trabalhando no Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II) mas minha experiência na área de compras e licitações, adquirida no meu primeiro emprego, me levou para a Secretaria de Saúde do município.

Este foi o período em que pude sentir a sobrecarga do trabalho de forma mais intensa na minha vida. Devido ao acúmulo de dois empregos, realizava uma jornada de, no mínimo, 12 horas diárias, quando não havia necessidade de hora extra na UTI. O horário de sair de um serviço era o horário de entrar no outro, não possuindo nem um momento para almoçar. Novamente a sobrecarga de trabalho e a falta de tempo para lazer ou para cuidar de mim mesma estavam na minha vida, com a diferença de que nestes dois trabalhos consegui sentir prazer em minha atuação profissional.

Após cerca de três anos na UTI e um ano no município de Palmas tomei posse, em maio de 2016, no concurso na UFT como Psicóloga e comecei a trabalhar na parte de Gestão de Pessoas no Campus de Porto Nacional. Todavia, após um ano e meio fui para o setor de assistência estudantil.

A assistência estudantil do Campus é o setor responsável por trabalhar, prioritariamente, com os alunos mais vulneráveis. Muitos chegam à universidade em situações extremamente vulneráveis, como a falta de um local para pernoitar ou até mesmo algo para comer, sendo, normalmente, encaminhados ao nosso setor.

No Campus onde trabalho o setor é composto por uma assistente em administração, uma assistente social, uma pedagoga e eu, psicóloga. Meu trabalho consiste no acolhimento individual aos estudantes em sofrimento psíquico, auxílio em demandas emergenciais, como ideação ou tentativa de suicídio, atividades grupais de cunho preventivo, como intervenções em salas de aula, rodas de conversa com os estudantes, diálogos e *feedback*, e parcerias para realização de palestras e eventos almejando a saúde mental da comunidade acadêmica, etc.

Com cerca de seis meses nesta nova função, passei na seleção do mestrado em Comunicação e Sociedade (PPGCom) da UFT, e, como aluna, novamente pude compreender melhor as demandas que os discentes de graduação traziam até mim. Além das pressões e

demandas comuns à graduação e pós-graduação no ambiente universitário, como a relação com os colegas e os professores e atividades de cada disciplina cursada.

Na pós-graduação há demandas mais específicas, próprias do formato compacto de uma pós-graduação *stricto sensu*. Por exemplo, os cursos são de apenas dois anos e neste meio tempo é necessário cursar várias disciplinas, fazer artigos em cada uma delas, fazer artigos fora das disciplinas, participar de eventos, congressos e jornadas, organizar eventos, congressos e jornadas, fazer parte de grupos de pesquisas, dentre outros, além do trabalho remunerado e família, que, embora não façam “parte do mestrado”, demandam bastante tempo e atenção.

Desta forma, pude observar e vivenciar a realidade de trabalho e prazer-sofrimento que um discente vivencia, que somado com outras demandas externas ao estudo, me fizeram olhar de forma diferente para este “mundo do trabalho”.

Assim, meu interesse para o desenvolvimento desta pesquisa justifica-se por toda minha trajetória de vida pessoal e profissional, que desencadeou minha vivência atual e a decisão por escolher o tema de estudo em questão, revelando aqui meu papel como estudante, trabalhadora e cientista.

1.1.2 O Problema de Pesquisa

Na atualidade os alunos de pós-graduação *stricto sensu*, seja de mestrado ou doutorado, vivem uma realidade marcada pela pressão de prazos e resultados. A saúde mental dos estudantes, um tema, antes deixado de lado, vem se tornando cada vez mais relevante e preocupante para as universidades do país, principalmente após o aumento de suicídio de estudantes no país nos últimos anos (CRISTINI, 2013; informação verbal⁷).

Muitos estudantes sofrem com a mudança de residência e com a distância de seus familiares, bem como com a falta de novas amizades no ambiente universitário (BRODY, 2018). Outros terminam a faculdade e procuram a carreira universitária, entrando em programas de mestrado e doutorado, a fim de realizar um sonho. Todavia, ao adentrarem, percebem que por trás do glamour de um título há um mundo rodeado de produções de artigos e livros, congressos, dissertações e teses, curtos prazos para qualificação e defesa; além de outras demandas, caso seja aluno bolsista, ou por demanda do orientador (VIEIRA, 2017; OLIVEIRA, 2018; MORAES, 2017; SALGADO *et al.*, 2018).

⁷ Informação fornecida por acadêmicos do curso de arquitetura da UFT, em Roda de Conversa, em Palmas - TO, em 11 de dezembro de 2018.

Desta forma, tais pressões podem levar a um sofrimento e, conseqüentemente, a um adoecimento, marcado por noites mal dormidas ou insônia, irritabilidade, distúrbios alimentares, isolamento social, ideações suicidas, dentre outros (VIEIRA, 2017; MORAES, 2017; SOUZA, 2018; SALGADO *et al.*, 2018; BISPO; HELAL, 2013).

Nesta direção, o presente estudo buscará responder a seguinte pergunta de pesquisa: quais as vivências de prazer-sofrimento que os mestrados e doutorandos vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil tem vivenciado?

1.1.3 Delimitação do Escopo

A presente pesquisa teve por objetivo analisar as vivências de prazer-sofrimento que os estudantes regulares de mestrado em Comunicação no Brasil de 2019, tem vivenciado. Para tanto este objetivo foi delimitado a partir de discussões e reflexões acerca de quatro conceitos elementares para o alcance de seus objetivos, sendo eles: a organização do trabalho de estudantes *stricto sensu* de mestrado; as fontes de prazer; as fontes de sofrimento criativo, ético e patológico e, por fim, os destinos dados pelos estudantes *stricto sensu* de mestrado a estas vivências no trabalho.

Desta forma, o estudante *stricto sensu* de mestrado e doutorado é analisado pelo viés de um trabalhador e o conceito “trabalho”, bem como de “organização” é discutido através da interdisciplinaridade, por excelência (FREITAS, 2013). Parte-se do pressuposto que ser um estudante de mestrado e doutorado em Comunicação no Brasil é vivenciar relações de trabalho e isso traz impactos na vida destes sujeitos estudantes/trabalhadores. Afinal, o trabalho é uma fonte de prazer - sofrimento, uma vez que “trabalhar não é somente produzir [...] o trabalho é mesmo, certamente, o lócus principal em que se realiza o aprendizado da democracia” (DEJOURS, 2011, p. 26).

Dialogou-se com os campos da sociologia, psicologia, filosofia, economia, comunicação, ciências políticas, psicanálise, antropologia, linguística, psicodinâmica do trabalho, dentre outros. Entretanto, os resultados obtidos foram discutidos principalmente à luz da Psicodinâmica do Trabalho. teoria de Christophe Dejours, levando-se em consideração a interdisciplinaridade.

1.1.4 Justificativa

As transformações provindas do desenvolvimento e busca de uma vida pessoal autônoma, somadas às exigências da vida acadêmica, juntamente com as expectativas quanto ao futuro profissional, muitas vezes levam ao desencadeamento de doenças como ansiedade e depressão, distúrbios do sono, consumo excessivo de drogas lícitas e ilícitas, podendo chegar até a tentativas de suicídio e suicídios consumados (COSTA; NEBEL, 2018).

Há uma crescente expansão da exigência e cobrança intensificada pela produção e desempenho dentro da academia, levando à cobrança para se executar inúmeras atividades ao mesmo tempo nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. A pressão pelo aumento das produções acadêmicas, como publicação de artigos científicos e periódicos, livros e capítulos de livros, participação em congressos e pesquisas (nacionais e internacionais), sem falar na elaboração da dissertação e da tese, corroborando com a sobrecarga do trabalho e maximização da produção (CARDOSO, 2018; ZANDONÁ *et al.*, 2014; SAVIANI, 2002; DELGADO, 2007; COSTA; NEBEL, 2018).

Outro fator que pode dificultar a adaptação e elaboração das pressões no meio universitário é a distinção da passagem do nível médio para o nível superior de ensino. Além disso, muitos alunos demoram a entrar no ensino superior, tendo que se (re)adaptar a educação formal e às novas metodologias de ensino e tecnologias. Isso quando o estudante já não se insere no ambiente universitário a partir da pressão de cursinhos e aulas de reforço para que sejam os “melhores” no vestibular, bem como a pressão dos estudos pré-universidade almejando-se cursos mais cotados, como medicina, direito e as engenharias.

Essa atual incapacidade e proibição da negação é chamada por Han (2015) de “Sociedade do Desempenho”, no qual o sujeito se vê obrigado a ser hiperprodutivo sob toda e qualquer circunstância e a todo tempo. Neste sistema há uma exigência dos sujeitos a se fazerem necessários na positividade do poder, resumido pelo autor na expressão “*Yes, we can* (Sim, nós podemos)”.

Esta autoexploração tem se mostrado extremamente eficaz, pois atíça os medos mais básicos do ser humano de ser deixado para trás, na possibilidade de ser substituído por tornar-se “algo” obsoleto. As novas exigências, os novos estímulos, as novas informações, que precisam ser interiorizadas num excesso de positividade, levam ao cansaço e ao esgotamento do sujeito, que se culpabiliza por este “fracasso” e, muitas vezes, adoce (HAN, 2015).

Esse excesso de positividade é exigido dos professores, através do sistema de avaliação e meritocracia, que é repassado “automaticamente” aos seus alunos. Esta exaustão

laboral parece, não apenas, ser socialmente aceita, mas exigida na sociedade atual (OLIVEIRA, 2018). Esquecendo-se da saúde, que se constitui no bem estar físico, psíquico e social da pessoa, bem como questões de qualidade de vida como trabalho, lazer, família, nível de escolaridade, hábitos alimentares, atividade física, dentre outros, e não apenas a ausência de doença, patologia ou morbidade, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2004).

Para Costa e Nebel (2018) toda esta realidade é bastante comum não apenas na vida do graduando, mas do pós-graduando também. Porém na pós-graduação, este tema sobre saúde mental e adoecimento ainda é subexplorado, havendo poucas pesquisas publicadas. Os autores afirmam que o ambiente da pós-graduação é, de fato, bem mais estressante do que o da graduação, quando se comparam as exigências acadêmicas. Tais demandas exigem um elevado grau de envolvimento cognitivo e emocional, podendo desencadear uma série de doenças mentais, principalmente naqueles sujeitos que já se encontram em um estado de vulnerabilidade psicológica.

Na reportagem “Precisamos falar sobre os Efeitos Psicológicos da Pós-Graduação” (2017), do site “Como sobreviver ao doutorado”, que oferece “Dicas de sobreviventes para doutorandas e doutorandos!”, bem como os autores Bispo e Helal (2013) e Salgado *et al.* (2018), corroboram com os autores acima, ao afirmarem que há poucas pesquisas que apresentam estatísticas a respeito da saúde mental dos universitários e tal temática em mestrados e doutorados. Todavia surgem cada vez mais notícias a respeito de psicopatologias, sofrimento psíquico, prazer-sofrimento e tentativas de/e suicídios nas universidades.

O pesquisador Robson Cruz⁸, doutor em Psicologia pela UFMG, em uma entrevista à TV UFMG, destaca que existe uma série de indicadores de que a pós-graduação é um ambiente propício ao desenvolvimento de transtornos mentais como, por exemplo, a sensação de incompletude, de não conseguir concluir das devidas tarefas que deveriam ser concretizadas no dia-a-dia, podendo causar frustração e ansiedade.

Arthuro (2012), médico e neurocientista brasileiro, relata que as causas de transtornos mentais entre os pós-graduandos se devem, principalmente, a três motivos: prazos pouco flexíveis; avaliações pouco frequentes do projeto; e o próprio nome “defesa”, que já dá a entender que o discente será “atacado” durante a banca.

O site Precisamos (2017) afirma que, de acordo com o psicólogo e pesquisador da PUC-SP Robson Cruz, os cursos de humanas são os que mais geram isolamento dos seus estudantes, bem como uma cobrança de desempenho na escrita. Outro ponto apontado é a

⁸ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a4sFIYZuQ3g>. Acesso em: 18 jul. 2019.

relação dos estudantes com seus orientadores que, muitas vezes, extrapolam o bom senso, tornando-se abusivas.

Em abril de 2017 a Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG) publicou um texto intitulado “Quando a relação professor/estudante se torna abusiva na pós-graduação?”, contendo relatos de “humilhações em reuniões e aulas, omissão na resposta sobre a orientação, abandono de responsabilidades com o orientado, pedido para realização de tarefas não relacionadas à pesquisa, corte de bolsas e reprovação não justificadas ou com justificativas falsas ou não acadêmicas” (JUNTA, 2017, s/f).

Tal relação abusiva entre orientador e orientado pode ser caracterizada como assédio moral. De acordo com Hirigoyen (2011), psiquiatra que aborda esse assunto, os processos perversos de assédio moral podem ser encontrados em todos os grupos em que o sujeito seja passível de rivalidade, inclusive nas universidades. “A imaginação humana é ilimitada, quando se trata em matar no outro a boa imagem que tem de si mesmo; mascaram-se, assim, as próprias fraquezas e pode-se assumir uma posição de superioridade” (p. 27). De acordo com Heloani e Barreto (2018, p. 538), assédio moral é:

[...] uma conduta abusiva, intencional, frequente e repetida, que ocorre no meio ambiente laboral, cuja causalidade se relaciona com as formas de organizar o trabalho e a cultura organizacional, que visa humilhar e desqualificar um indivíduo ou um grupo, degradando as suas condições de trabalho, atingindo a sua dignidade e colocando em risco a sua integridade pessoal e profissional.

O assédio moral se inicia com baixa intensidade, como algo “sem importância”, “inofensivo”, pois os primeiros ataques tendem a ser levados como brincadeiras, todavia estas vão se intensificando, e ocorre o aumento das humilhações e chacotas (HELOANI; BARRETO, 2018).

Este costuma ser reconhecido através de duas formas: pela discriminação, no qual o sujeito é comparado com os demais do ambiente e é “rebaixado”, para que se sinta inferior; e pela humilhação, realizada através do isolamento, desqualificação, dentre outras estratégias perversas. Tais ações levam o sujeito a sentir-se indigno, “um nada”, e a isolar-se dos poucos laços sociais que lhe restam, mas que são imensamente importantes para a conservação da sua saúde mental (HELOANI; BARRETO, 2018).

Desta forma, apesar de o assédio moral não ser uma doença, pode levar ao adoecimento, não somente daquele que sofre a violência, mas também daqueles que a presenciam e testemunham (HELOANI; BARRETO, 2018).

O quadro abaixo apresenta desabafos de estudantes de pós-graduação, apresentados pela ANPG, a respeito do seu relacionamento com o orientador, exibindo sentimentos de humilhação, injustiça, negligência, omissão, violação de direitos, provocações e ameaças.

Quadro 01: Relato de abusos sofridos por estudantes de pós-graduação.

<p>Relato n°1:</p> <p>"Meu orientador, quando falei sobre minha pesquisa me chamou de pato em uma reunião de pós-graduandos seus alunos. Ele me disse que eu não sabia fazer nada direito, os outros orientandos riram e se prosseguiu a reunião."</p>	<p>Relato n°2:</p> <p>"Meu ex-orientador e agressor também me rondava com interesses inconvenientes. Ele investigou minha vida sexual com, ao menos, dois amigos meus e então orientandos dele. Tanto a amiga, que hoje é professora no mesmo departamento dele, quanto o amigo me contaram constrangidos que meu ex-orientador perguntou se eu sou lésbica, ficava com mulheres e afins. Situação que me deixou muito incomodada, obviamente."</p>	<p>Relato n°3:</p> <p>"meu orientador não me orientou, eu o questionei sobre (até porque uma das normas do programa era enviar o projeto para um órgão de fomento e ele seque leu meu projeto e eu perdi o prazo) e ele simplesmente achou que fui petulante e não deveria ter chamado a atenção dele. Ele me abandonou e fiquei mais de 4 meses sem orientador. Ai a coordenadora chegou em mim e falou: ninguém quer te orientar, por favor se retire. Sim, foi essa situação, tenho todos os emails salvos para mostrar que a culpa foi a arrogância dele."</p>
<p>Relato n°4:</p> <p>"Tive minha bolsa cortada porque meu orientador reprovou meu relatório, fazendo com que eu perdesse a minha bolsa, modificou os objetivos da pesquisa pela 19ª vez em 19 meses de Pós-graduação faltando 10 dias para a qualificação. se recusou a corrigir, acabou comigo e com o meu projeto, alegando desinteresse e desleixo. Meu projeto era fraco e sem sentido. Estava na fase final do projeto, faltava somente tabular os dados. Desliguei-me do programa no dia seguinte e destruí todo o trabalho. Na semana seguinte, meu orientador mandou um email pedindo todas as tabelas e dados, porque meu trabalho fraco e desleixado seria repassado para uma doutoranda e eu teria direito a uma coautoria."</p>	<p>Relato n°5:</p> <p>"Como mestranda em Ensino na UFABC estou passando pela mesma situação. Já me tiraram a bolsa e agora estão pedindo meu desligamento da universidade. A minha orientadora nunca cumpriu seu papel de orientadora, e quando fui questionar suas práticas autoritárias e que não estão previstas em legislação da pós graduação, ela me reprovou na disciplina que fiz com ela, para que eu perdesse a bolsa, além de pedir meu desligamento do programa e pós graduação. Lamentável."</p>	<p>Relato n°6:</p> <p>-Sou pós-graduanda e sofro humilhações diárias, assédio moral do mais velado ao mais direto. adoeci e pago a conta do câncer em uma universidade pública (querendo sair e sendo obrigada a terminar). Qualquer grupo de ajuda que possam me indicar em SP agradeço, porque nosso sindicato não faz nada."</p>
<p>Relato n° 7:</p> <p>"Também fui vítima de assédio moral no Rio de Janeiro, e o resultado do embate silencioso entre mim e a orientação foi o não cumprimento de prazo da defesa, somado ao constrangimento público provocado pela opinião versada pela orientação que eu não era capaz de produzir conhecimento e jamais chegaria aos pés dos "queridos" do programa (penso se, pedagogicamente, esta pessoa possui as habilidades mínimas para ocupar o cargo de professor e ter pesquisa financiada por dinheiro público). Quando procurei ajuda através de conversa com outros professores, todos foram unânimes em lembrar que não poderiam fazer nada, pois a docente em questão estava coordenadora do programa, e se eu não gravei as conversas em que ela me constrangia, eu não poderia provar nada."</p>	<p>Relato n°8:</p> <p>"vim de outro estado pois a orientadora se comprometeu a trabalhar com um assunto, agora não quer que eu trabalhe mais com o que havíamos combinada, não cumpriu com sua palavra, e ela me ameaça de tirar a bolsa, sugeri mudar de orientador ela ameaçou me queimar e dizer pra ninguém da Universidade me aceitar. Mandou eu desistir ou fazer o que ela manda porque ela é minha chefe... Enfim, acho que tem limites pra tudo."</p>	<p>Relato n°9:</p> <p>"Meu orientador já disse: "Preciso que você dê uma aula no meu lugar agora, sala 03""</p>
	<p>Relato n°11:</p> <p>"minha orientadora saiu da universidade no meu primeiro ano de doutorado, e aí rodei na mão de quatro (QUATRO) orientadores, que não liam, não corrigiam nada, e nem davam atenção pra minha existência. Além de não ser orientado em nada, fiquei estremamente confuso no programa, nem indicação do que cursar (porque o currículo de matérias tinha muita opção, e a gente acaba decidindo as eletivas)..."</p>	<p>"Relato n°10:</p> <p>"Um dia a coordenadora do meu ppg me chamou para conversar. Eu pensei que ela queria tratar algum assunto acadêmico. Eu fui ao departamento. Chegando lá ela me chamou para uma sala vazia, fechou a porta e me disse coisas como: "sua atividade política é incompatível com a carreira acadêmica, você terá que escolher". "Você está prejudicando seu orientador com suas atividades políticas.", "nós não permitiremos que você peça o prazo regulamentar de extensão de defesa, ou você defende em 3 meses ou iremos te expulsar do programa." e "Você não irá entrar no doutorado, nem adianta tentar."</p>

Fonte: <http://www.anpg.org.br/quando-a-relacao-professorestudante-se-torna-abusiva-na-pos-graduacao/>. Print em 11.12.2018.

Além da questão de assédio moral apresentado pela ANPG e visualizado no quadro anterior, muitos estudantes se deparam com outros tipos de abusos, como sexuais, cujos agressores, na maioria das vezes, são seus professores ou orientadores (CRISTINI, 2013). Tais atos costumam ser iniciados com “brincadeiras inocentes” como uma “cantada”; toques que, mesmo parecendo sutis, incomodam; “indiretas” dentro da sala de aula, que muitas vezes causam constrangimentos ou “perseguições” como uma exigência maior em relação a outros alunos da turma ou intolerância a faltas, enquanto com outros alunos há uma maior flexibilidade (FAVERO, 2015).

De acordo com Vieira (2017) a rotina estressante e as múltiplas formas de pressão sofridas pelos estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, tanto de mestrado, quanto de doutorado, podem resultar em inúmeras formas de adoecimento, estando a depressão entre as mais comuns.

Nesta revista, Adriana Vieira, doutora em física, que “emendou” seus estudos até o pós-doutorado, relata que o estudante *stricto sensu* sofre com uma pressão externa do perfeccionismo em tudo, como ter sempre que tirar a melhor nota, passar por inúmeros exames de qualificação, ter os relatórios e bolsas aprovados, os artigos aceitos, além de ser aprovado pelos demais colegas de turma e/ou área, para ser reconhecido. Ficando então à mercê de ter seu currículo Lattes comparado o tempo todo com os demais, contando quem tem mais livros, capítulos ou artigos publicados. Além da pressão direta pelos orientadores (VIEIRA, 2017).

Adriana Vieira complementa que, além de toda essa pressão do universo universitário, o estudante ainda tem que conciliar com as pressões de experimentos que dão errado, com mudanças de parâmetros, hipóteses que não se confirmam, com condições e fatores que não dão certo, além de inúmeras coisas ao longo da trajetória que podem dar errado. Resume que neste meio, “não há meio termo, ou você faz perfeito ou não faz” (VIEIRA, 2017).

Outros fatores que colaboram para este adoecimento é que, muitas vezes o estudante necessita sair de sua cidade natal e se mudar para os grandes centros, onde há mais universidades e mais recursos para a pesquisa e ciência. Assim, além de se afastar da família tem de se adaptar à nova cidade, alteração do clima, comida, cultura, amigos, o que pode vir a ser encarado como uma “tortura” ou um sofrimento (VIEIRA, 2017).

Assim, essa elevada pressão, juntamente com a falta de sentido no produtivismo, e falta de significação em fazer o que está fazendo, leva ao desânimo e muitas vezes à uma patologia. Não é incomum ouvir relatos de dificuldade em se concentrar, incapacidade em assistir as aulas, escrever ou fazer pesquisas, falta de ânimo e motivação, aumento da

irritabilidade, insônia ou sonolência o tempo todo, falta de apetite, falta de energia e introspecção social (VIEIRA, 2017), conforme exemplificado por Moraes (2017) no relato de um estudante:

Não há glamour na pesquisa científica. Ao contrário, ficamos isolados, com pouco contato social e trabalhamos incessantemente em projetos e publicações de artigos, além de vivermos sob prazos apertados. Isso é pouco discutido porque somos vistos como "privilegiados", que são remunerados para estudar.

De acordo com a ex-diretora da CAPES, médica e professora adjunta da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, Rita de Cássia Barradas Barata os “doutores estão saindo mais como técnicos do que como pensadores”. Afirma ainda que o modelo, desenhado em 1998, que foca a produtividade científica a todo custo e que privilegia a quantidade de produção do que na qualidade, se esgotou (CARDOSO, 2018).

De acordo com a pesquisadora, está na hora de os programas investirem na qualidade da formação dos pesquisadores. Trabalho que não será fácil, uma vez que esses terão que investir fortemente na qualidade das produções e em periódicos de maior relevância (CARDOSO, 2018). Essas abordagens permitiram, por um lado, crescimento quantitativo das pós-graduações no Brasil, todavia, por outro, os padrões de qualidade se tornaram mínimos (COSTA; NEBEL, 2018).

Segundo com Costa e Nebel (2018) a “criação da CAPES foi um divisor de águas na história da pós-graduação brasileira” (p. 210) pois foi apenas com sua criação, pelo Ministério da Educação, que no ano de 1951 surgiu a pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. O objetivo principal da CAPES era “assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento do país” (CAPES, 2017).

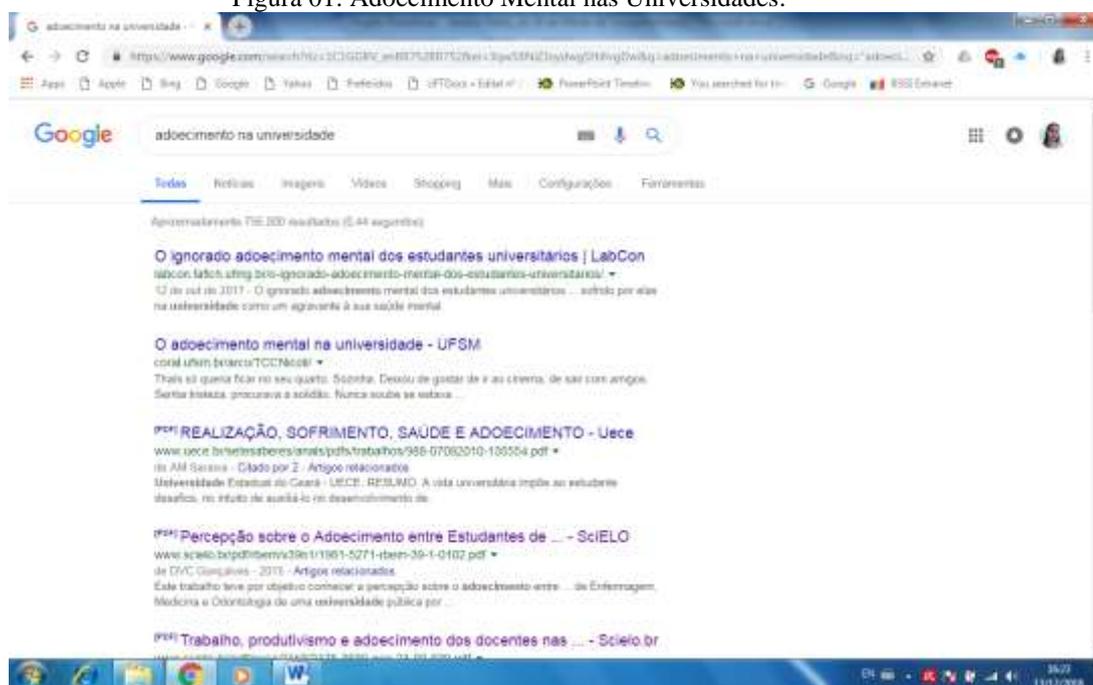
Por volta da década de 1970, a CAPES implementou um novo sistema de avaliação por pares, vinculando a produção acadêmica dos pesquisadores de cada programa com a concessão de recursos financeiros. Com isso, o critério de distribuições de bolsas passou a ser qualitativo. Todavia, na década de 1990, tal sistema foi aprimorado, abraçando critérios mais rígidos de avaliação, adotando também parâmetros de qualidade internacionais (BALBACHEVSKY, 2005).

Esse modelo produtivista das organizações privadas avançou pelos programas de pós-graduação (públicos e privados regidos pela CAPES), destarte as relações que se estabelecem entre o corpo docente e os pós-graduandos tem contribuído para o aumento de casos de

adoecimentos e, até mesmo, suicídios, relatados pela mídia nos últimos tempos (OLIVEIRA, 2018).

Pode-se inferir que, no ano de 2018, aumentou o número de notícias a respeito da temática “depressão e suicídio” nas universidades brasileiras, constatado ao se procurar por esta temática nos canais de notícias através do Google, pelo descritor “adoecimento na”, que é automaticamente completado pelo Google com a palavra “universidades”, conforme print abaixo:

Figura 01: Adoecimento Mental nas Universidades.



Fonte: <https://mail.google.com/mail/u/0/>. Print em 11.12.2018.

A revista Folha de São Paulo, em uma reportagem de dezembro de 2017, agrupa as principais dificuldades enfrentadas por estudantes de mestrado e doutorado no Brasil e suas consequências em sua saúde mental, a partir do relato de 272 depoimentos de estudantes de pós-graduação do país (MORAES, 2017).

Fernando Tadeu Moraes, que escreveu esta reportagem para a revista Folha de S. Paulo, afirma que a maioria dos estudantes advém de grandes universidades do país, como Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Estadual Paulista (Unesp), e as federais do Rio e de Minas Gerais; e são escritos por estudantes dos mais variados cursos, áreas, carreiras e de diversas regiões do país.

Dentre as principais dificuldades, encontram-se: a) Pressão e ritmo exagerados, sobrecarga de trabalho, pressão por prazos; b) Carga de trabalho frequentemente excessiva; c)

Solidão; d) Assédio moral; e) Orientador: despreparado para lidar com o estudante, “sumiço”, falta de orientação, tratamento com descaso, exigências descabidas, humilhações (colocar o orientando como “burro” ou incapaz), maus-tratos e abusos, assédio moral e sexual; f) Ambiente estressante: prazos apertados, obter financiamentos para seus projetos de pesquisa, dar aulas, preparar relatórios, produção de artigos, capítulos de livros e livros; g) Precariedade dos valores das bolsas; h) *Bullyng* de outros estudantes; i) Competições por bolsas e materiais entre os estudantes; j) Falta de integração e reconhecimento profissional; dentre outras (MORAES, 2017; ZANDONÁ *et al.*, 2014; CUPERTINO, 2012).

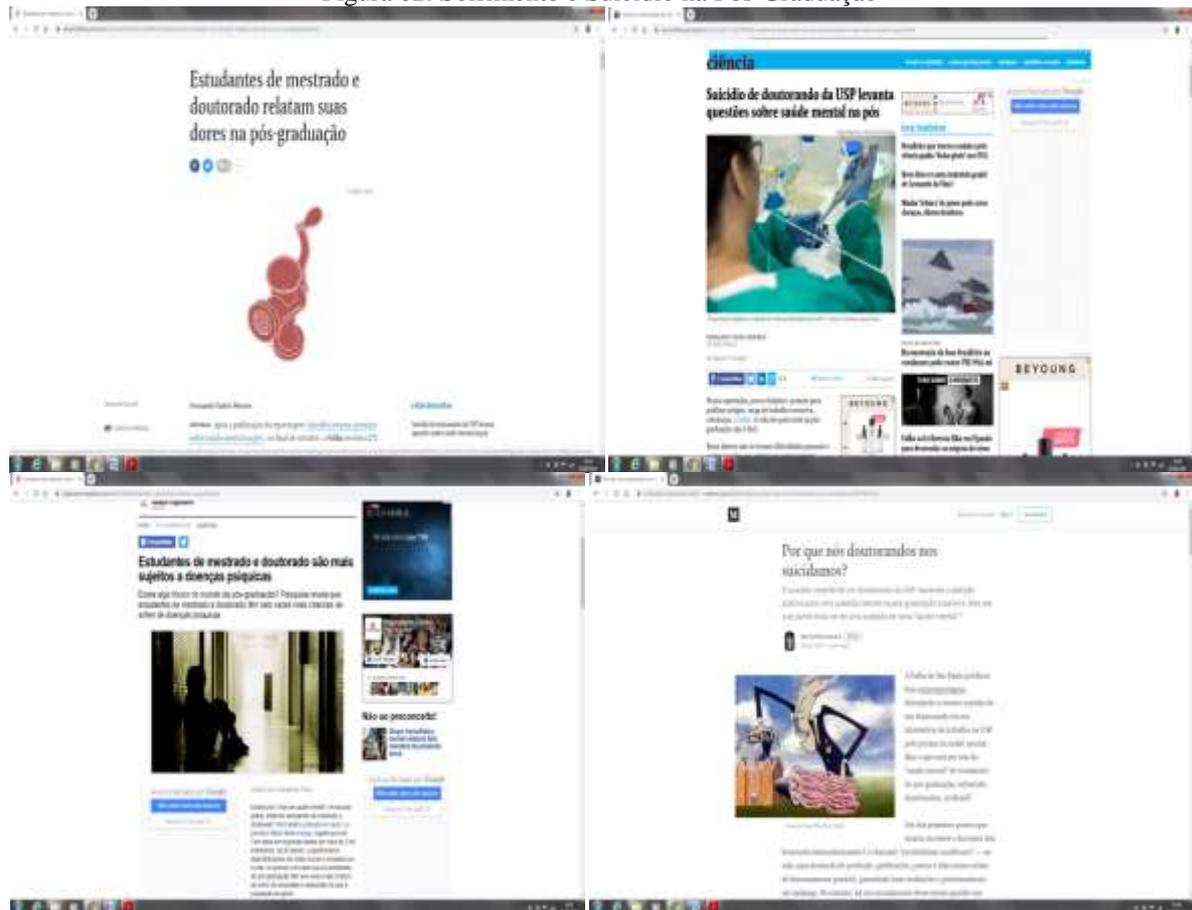
Esta reportagem ainda apresenta vários relatos dos estudantes, que desenvolveram ao longo da pós-graduação: ansiedade, angústias, depressão, síndrome do pânico, crises de fibromialgia, insônia, paralisia facial, fadiga, dores no corpo, distúrbios alimentares, intensificação no consumo de álcool, outras drogas e tabaco, irritabilidade, surto psicótico e pensamentos suicidas e tentativa de suicídio, bem como o aumento do uso de ansiolíticos, hipnóticos e neurolépticos (SOUZA, 2018; ZANDONÁ *et al.*, 2014). Um desses relatos, apresentado por Moraes (2017) parece resumir essa situação de pressão e sofrimento na pós-graduação:

O medo e a vergonha de ser rotulado de fraco, de louco, de exagerado são maiores do que a vontade de gritar. Como ser indiferente a jornadas cansativas, professores semideuses, orientadores abusivos? Nunca me senti tratado como gente enquanto estive na pós, pois colocar família, saúde ou lazer, mesmo que poucas vezes, à frente das atividades acadêmicas é visto como crime. Não foram poucos os amigos que desistiram. Pior ainda, outros permaneceram, vivendo a base de remédio para dar conta. Eu já acordei assustada depois de sonhar com meu orientador me questionando por estar dormindo. Isso quando eu conseguia dormir. Tive que me encher de ansiolíticos e antidepressivos para dar conta de continuar viva [...] minha **depressão** piorou muito e eu desenvolvi síndrome do pânico e fobia social. Cheguei ao fundo do poço e o **suicídio** passou a ser encarado como uma alternativa na minha vida (grifo do autor).

Moraes (2017) aponta: “no fundo, é um ciclo. Os orientadores, quando alunos, passaram pelas mesmas coisas e replicam isso, achando normal”.

Segundo Junta (2017) faz-se importante salientar que falar de adoecimento ou, até mesmo, suicídio dentro das academias é um tabu que necessita ser quebrado, bem como o ciclo de silenciamento desses sujeitos, que necessitam ser ouvidos e ajudados, e da replicação deste sistema a novos estudantes. Conforme apresentada nos prints das reportagens abaixo:

Figura 02: Sofrimento e Suicídio na Pós-Graduação



Fontes: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/12/1943862-estudantes-de-mestrado-e-doutorado-relatam-suas-dores-na-pos-graduacao.shtml>; <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/10/1930625-suicidio-de-doutorando-da-usp-levanta-questoes-sobre-saude-mental-na-pos.shtml>; <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/06/mestrado-e-doutorado-doencas-psiquicas.html> <https://medium.com/@MariliaMoscou/por-que-n%C3%B3s-doutorandos-nos-suicidamos-b694782f1c9a>. Print em 11.12.2018.

Dejours (2017b) afirma que o suicídio no local de trabalho não é algo recente, todavia ocorriam, exclusivamente, no ambiente agrícola, no qual os trabalhadores também residiam em seus locais de trabalho. A partir de 1995, ocorreram os primeiros suicídios nos setores industrial, terciários e de serviços. Conforme explicita Dejours (2017b, p.119), sobre o suicídio no ambiente de trabalho, que também cabe ao ambiente universitário:

O fato é que se sabe muito pouco sobre as circunstâncias desses dramas. As pesquisas são extremamente difíceis porque, passado o momento de emoção que acompanha o acontecimento, todos se tornam reticentes a falar sobre ele. É como uma conspiração do silêncio que se abate sobre a comunidade de trabalho [...].

De acordo com Antunes (2018, p. 144) o suicídio é “a expressão radicalizada da deterioração das condições de trabalho sob a vigência da gestão flexível”, na qual o sujeito

trabalhador se vê diante de uma disposição do trabalho voltado para o controle exacerbado de suas atividades.

Um dado que pode vir a corroborar com tais afirmações são os suicídios de estudantes que ocorrem dentro da própria universidade/seus locais de trabalho. Na Universidade de Brasília (UnB), por exemplo, em 2018, um estudante “se jogou de uma altura de 15m da caixa d’água do Bloco de Salas (BSA) do campus Darcy Ribeiro, na Asa Norte” (FUZEIRA, 2018), em 2019, na mesma universidade, “um estudante morreu [...], no campus da Universidade de Brasília (UnB) da Asa Norte [...]”. De acordo com o Corpo de Bombeiros, o jovem tirou a própria vida” (SPIES, 2019).

Fazendo-se um paralelo com as informações apresentadas por Dejours (2017b; 2017c) e Antunes (2018), atualmente há muitas “Casas do Estudante”, local onde os estudantes de graduação e/ou pós-graduação residem enquanto estão efetivamente matriculados nos seus respectivos cursos, inseridas dentro das universidades, que ao mesmo tempo em que desempenha um suporte aos alunos mais vulneráveis, vindos de outra localidade para estudar, também poder vir a ser um potencializador para o adoecimento mental dos estudantes, uma vez que este permanece no seu local de trabalho/estudo todos os dias, incluindo finais de semana, feriados e, até mesmo, o período de férias para alguns. Todavia, tal afirmação ainda necessita ser estudada.

Segundo Botega (2014) o suicídio configura-se entre as três principais causas de morte entre pessoas que têm de 15 a 44 anos de idade. Idade em que muitos encontram-se na universidade, sendo uma situação que necessita de bastante cuidado e atenção, uma vez que “a cada 45 segundos ocorre um suicídio em algum lugar do planeta. [...] O coeficiente de mortalidade por suicídio representa o número de suicídios para cada 100.000 habitantes, ao longo de um ano” (BOTEGA, 2014, p. 231).

No Brasil, apesar de ter um nível de coeficiente baixo de suicídios, por ser um país com uma grande população, encontra-se entre os dez países que registram os maiores números absolutos de suicídios compilados pela OMS. Sem falar nos óbitos por suicídio, denominados com outras denominações, como acidente de carro, afogamento, envenenamento acidental, dentre outros (BOTEGA, 2014; VÄRNIK, 2012; WHO, 2014).

Há também as subnotificações, os sub-registros e as tentativas de suicídio não concretizados, que são o principal fator de risco para uma futura concretização, superando em pelo menos 10 vezes a concretização do suicídio (BOTEGA, 2014). De acordo com a autora:

[...] uma tentativa de suicídio é o principal fator de risco para uma futura efetivação desse intento. Por isso, essas tentativas devem ser encaradas com seriedade, como um sinal de alerta a indicar a atuação de fenômenos psicossociais complexos. Dar especial atenção a uma pessoa que tentou se suicidar é uma das principais estratégias para se evitar um futuro suicídio (BOTEGA, 2014, p. 234).

A partir de todo o exposto, a presente pesquisa justifica-se cientificamente por ser um tema frequente na contemporaneidade, cujas notícias jornalísticas, principalmente as televisivas e sites de notícias na internet e redes sociais, tem aumentado nos últimos tempos (BRODY, 2018), revelando ser este um tema emergente que necessita de estudos urgentes.

Sendo assim, a relevância social consiste em desenvolver uma pesquisa que gerará dados passíveis de colaborar para a criação de ações preventivas para os estudantes de pós-graduação *stricto sensu* com relação à saúde mental e à prevenção de suicídios dentro das universidades, bem como abrirá margem para novos estudos sobre a temática.

Acredita-se ainda que os resultados deste estudo podem ser relevantes para os cursos de pós-graduação *stricto sensu* em comunicação, uma vez que, por serem os discentes de mestrado destes programas o público alvo deste estudo, estes poderão pensar, a partir do resultado desta pesquisa, em ações direcionadas para a saúde mental, bem como em estratégias de permanência, para casos de evasão que estejam correlacionados à saúde mental de seus alunos.

Na escolha da temática deste trabalho e do público alvo, além da relevância social e científica, ainda há uma justificativa pessoal, uma vez que a autora do presente trabalho é psicóloga da assistência estudantil da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e seu trabalho consiste em acolher os estudantes de graduação em sofrimento psíquico e ajudá-los da melhor forma possível de acordo com cada caso, além de planejar atividades coletivas, como rodas de conversas com os acadêmicos, e eventos psicoeducativos, como palestras e eventos.

Por estar nessa posição de acolhimento aos estudantes e por ser estudante de mestrado da pós-graduação *stricto sensu* em Comunicação e Sociedade (PPGCom), da mesma universidade, vivendo na pele as exigências, o produtivismo e os prazos apertados, tais pontos geraram uma curiosidade em compreender como estão os demais estudantes de mestrado do país em termos de saúde mental. Todavia como não é viável a realização de uma pesquisa com um quantitativo tão abrangente de pessoas, num período tão curto como o do mestrado, optou-se por estudar os mestrandos e doutorandos da grande área da CAPES conhecida Comunicação e Informação, abrangendo os programas de pós-graduação da mesma área em que o PPGCom encontra-se.

Desta forma, tal pesquisa torna-se ainda, relevante ao próprio programa ao qual pertence, bem como à universidade que a origina, possibilitando a criação de futuras estratégias preventivas à saúde mental, bem como ao combate do suicídio no meio universitário.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar as vivências de prazer-sofrimento que os mestrandos e doutorandos vinculados aos Programas de Pós-graduação em Comunicação do Brasil tem vivenciado.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Caracterizar a organização do trabalho a que os mestrandos e doutorandos estão submetidos;
- b) Identificar as fontes de prazer e de sofrimento ético, patológico e criativo no trabalhar dos mestrandos e doutorandos;
- c) Analisar os destinos que os mestrandos e doutorandos estão dando ao sofrimento vivenciado no meio acadêmico.

2 METODOLOGIA

2.1 DESENHO DO ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa social, cuja premissa fundamental é levantar e aprofundar sobre a percepção de um grupo social, buscando identificar suas características (RICHARDSON, 1999; MINAYO, 2015).

Segundo Minayo (2015) e Richardson (1999), a pesquisa em ciências sociais, em comparação com as ciências da natureza, não deve desprezar a reflexão sobre o contexto social, histórico e conceitual, pois seu maior objetivo é o desenvolvimento do ser humano. Neste contexto, a particular relevância da pesquisa qualitativa nos estudos das relações sociais, obteve um enorme crescimento nas últimas décadas, devido à pluralização das esferas de vida (FLICK, 2009b).

Assim, a abordagem utilizada nesta pesquisa foi a qualitativa, pois parte-se da construção social das realidades em estudo e encontra-se interessada nas perspectivas dos participantes do seu conhecimento empírico e cotidiano em relação à questão a ser estudada (FLICK, 2009a; 2009b). De acordo com o posicionamento de Flick (2009b), apesar da possibilidade da integração e associação dos métodos quantitativo e qualitativo, de diversas maneiras no planejamento de um estudo, a presente pesquisa insere-se eminentemente no método qualitativo, pois tanto a exploração dos elementos iniciais para o estudo, quanto o aprofundamento e avaliação dos resultados não cabem só a quantificação, apesar do instrumento de coleta de dados ter perguntas fechadas, pois se perderia a essência dos objetivos estudados e do aporte teórico escolhido.

Assim, a presente pesquisa aborda um nível de realidade que não pode ou não deve ser quantificado em sua essência, trabalhando com o universo das aspirações, crenças, valores e atitudes dos sujeitos pesquisados, ou seja, um conjunto de fenômenos humanos, pois “o ser humano é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (MINAYO, 2015, p. 21).

Outro ponto que justifica este caráter qualitativo refere-se às especificidades do referencial teórico aqui assumido, a “Psicodinâmica do Trabalho”, que aborda um objeto de estudo cujos aspectos intrínsecos os impedem de ser quantificados ou medidos. Segundo Godoy (1995, p. 58), a pesquisa qualitativa “envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação

estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo”.

Quanto ao procedimento, trata-se de uma pesquisa de campo, que perpassa pelo levantamento bibliográfico, mas estende-se à coleta de dados junto a sujeitos, extraindo informações diretamente da realidade dos participantes (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Visto que o presente trabalho se propôs a investigar as vivências de prazer-sofrimento dos mestrandos e doutorandos, caracteriza-se como um estudo tanto de natureza descritiva, quanto exploratória.

A natureza descritiva demonstra a forma como uma realidade social específica é discursivamente construída, visando compreender características de determinado fenômeno, bem como conhecer e interpretar uma determinada realidade, sem nela interferir ou modificar, a fim de identificar características, descrevê-los, ordená-los, classificá-los e/ou interpretá-los (VERGARA, 2006; VIEIRA, 2002; GERHARDT; SILVEIRA, 2009; SILVA; MENEZES, 2001; RICHARDSON, 1999).

A natureza exploratória objetiva familiarizar-se com um assunto até o momento pouco explorado, visando a torná-lo mais explícito, tanto para o pesquisador, quanto para um grupo social (TRIVIÑOS, 1987). Para Santos (2007, p. 26), “explorar é tipicamente a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno”. Desta forma, advém desse primeiro contato a clareza com que o pesquisador proporá suas estratégias de aproximação com o tema.

De acordo com Richardson (1999) as pesquisas descritivas se propõem a investigar “o que é”, ou seja, as características do fenômeno estudado. Desta forma, a presente pesquisa, possui como objetivo principal compreender “o que é” e como se caracteriza o prazer-sofrimento vivenciado pelos estudantes *stricto sensu* vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil.

A natureza da presente pesquisa também se justifica pelos dados quantitativos não possuírem, por si sós, a capacidade de explicar o nível de profundidade em que situa o problema, ou seja, pelo olhar qualitativo empregado ao fenômeno pesquisado, uma vez que apenas a descrição das variáveis, sem a análise discursivamente construída, levando-se em consideração a realidade social dos participantes, não atingiria os objetivos apresentados.

Desta forma, inicialmente buscou-se aprofundar sobre a temática escolhida através de dados primários por documentos oficiais disponíveis nos sítios, como teses, dissertações, artigos publicados e disponíveis em acesso aberto, bem como bem como livros impressos, objetivando o levantamento bibliográfico inerente ao tipo de pesquisa abordado.

Como instrumento de coleta de dados, elaborou-se um questionário que, apesar de ser composto em sua maioria por perguntas fechadas, com a finalidade de se despende menor tempo dos participantes ao responderem ao instrumento e se obter maior quantitativo de participantes, uma vez que o tempo gasto com a resposta do questionário ser menor. Trata-se de uma abordagem qualitativa, uma vez que o objetivo da pesquisa se aprofunda no mundo dos significados, que necessitam ser expostos e interpretados, e não em fenômenos recorrentes e exteriores aos sujeitos, que produzem regularidades, como aqueles encontrados nas pesquisas quantitativas (MINAYO, 2015).

Em relação à análise dos dados, após a aplicação dos questionários, estes foram lançados no *Excel* e, posteriormente, analisados com o auxílio do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS).

Já as questões abertas do questionário foram analisadas através da análise de conteúdo de Bardin (1977), visando o aprofundamento da compreensão do grupo social estudado e dos aspectos da realidade que não podem ser quantificados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Toda a análise e discussão do material foram realizadas tendo como base teórica o direcionamento da Psicodinâmica do Trabalho, de Christophe Dejours.

A figura a seguir apresenta o “Desenho da Pesquisa”, apresentando o percurso, até se chegar à análise final do presente estudo.

Figura 03: Desenho da Pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora, através do <https://www.canva.com> (2019).

2.2 PARTICIPANTES

Os participantes desta pesquisa foram os mestrandos e regulares, vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil, inseridos na grande área de concentração “Comunicação e Informação”, de acordo com a classificação da CAPES, tanto de instituições privadas quanto públicas.doutorandos

A título de visualização dos programas no Brasil, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) elaborou uma figura com os Mestrados em Comunicação nas Universidades Federais do Brasil, conforme apresentada na figura abaixo:

Figura 04: Mapa dos Mestrados em Comunicação nas Universidades Federais do Brasil.



Fonte: PPGCOM UFMA (2019).

2.2.1 População

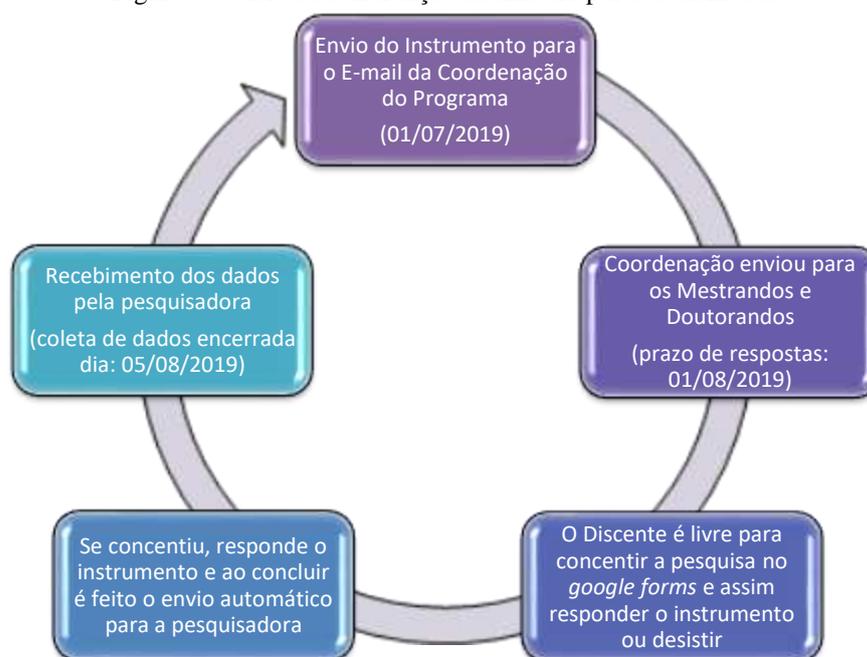
O público alvo deste estudo foi os estudantes regulares de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) dos Programas de Comunicação do Brasil, de acordo com a classificação da CAPES.

2.2.2 Amostra

A aplicação do instrumento da presente pesquisa ocorreu de forma não probabilística, por acessibilidade, intermediada pela coordenação de cada Programa de Pós-graduação, utilizando-se convites por *e-mail* a estes para serem repassados aos discentes do programa de forma individual, juntamente com o *link* questionário eletrônico *Google forms*.

Os participantes, que aceitaram colaborar voluntariamente com a pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foram informados sobre o anonimato e sigilo de suas respostas e requeridos a responder o questionário eletrônico. Demonstra-se na figura a seguir como se constituiu a amostra dos participantes.

Figura 05: Ciclo da constituição da amostra por acessibilidade



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Deste modo, recebeu-se 185 instrumentos respondidos e destes, 176 foram considerados válidos, seguindo os critérios de inclusão e exclusão, compondo a referida amostra.

2.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA

O instrumento da referida pesquisa foi um questionário (Apêndice A) *on-line*, hospedado na plataforma Google *Forms*, contendo ao todo 51 perguntas, sendo mistas, de múltipla escolha, escala *likert* e descritivas. Foi desenvolvido pela autora da pesquisa, com o auxílio de sua orientadora, inspirada em outras dissertações, teses e artigos que apresentavam temáticas similares ao abordado nesta dissertação, como estresse em universitários, adoecimento em docentes e prazer-sofrimento na universidade.

O instrumento está dividido em cinco eixos, além da identificação inicial, apresentados de forma invertida, se relacionada aos objetivos específicos, com o intuito de tornar o instrumento mais atrativo aos respondentes e iniciar pelas perguntas consideradas mais cansativas, como perguntas abertas, que exigem maior elaboração por parte dos participantes: Eixo V: Destinos aos sofrimentos vivenciados; Eixo IV: Fontes de Prazer e Sofrimento Criativo; Eixo III: Fontes de Sofrimento Ético e Patogênico; Eixo II: Organização do trabalho; e Eixo I: Perfil do Participante.

2.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

O primeiro passo foi encontrar os programas de pós-graduação em comunicação e informação do Brasil. Para tanto, inicialmente foi acessado o site⁹ da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS) que possui uma lista dos programas de pós-graduação em comunicação e informação de todo Brasil filiados a ela.

Esta lista possui: enumeração dos programas, filiação, ano de filiação, universidade, programa, coordenador, contatos, juntamente com o endereço da universidade/programa, contato das coordenações, nome e contato dos coordenadores e vice- coordenadores.

Todavia, após a qualificação do projeto desta pesquisa, estas informações foram atualizadas com os dados fornecidos pela Plataforma Sucupira da CAPES. Através dos dados encontrados na área “Comunicação”, uma subdivisão da grande área denominada

⁹ <http://www.compos.org.br/programas.php>

“Comunicação e Informação”, no qual os programas em comunicação, jornalismo, marketing e afins se encontram. Além da subárea “Comunicação”, são contempladas também as subáreas “Ciência da Informação”, “Desenho Industrial” e “Museologia” na grande área “Comunicação e Informação”¹⁰.

A partir dos dados fornecidos pelos sites do COMPÓS e da CAPES foi criada uma tabela, contendo as universidades nas quais os programas de mestrado e doutorado em Comunicação estão inseridos, o nome dos programas de cada instituição, a modalidade que possuem (mestrado e/ou doutorado), o nome do coordenador e contatos, atualizados na data de 20.06.2019. Levando-se em consideração o período de coleta de dados, foram encontrados 55 programas de pós-graduação, sendo que todos os 55 possuem a modalidade mestrado e, destes, 30 possuem também doutorado (Apêndice B).

Inicialmente buscou-se captar os contatos dos alunos (e-mail e telefone), bem como levantar o quantitativo de alunos regularmente matriculados e o quantitativo de entrada de alunos anualmente ou semestralmente, com a finalidade de realizar o levantamento do número total da população para avaliação de amostra, através de um contato inicial com as secretarias dos programas de pós-graduação, solicitando as seguintes informações: a) O quantitativo de turmas abertas por ano (Mestrado e Doutorado); b) O quantitativo de estudantes regulares que entram por período (Mestrado e Doutorado); c) O quantitativo de estudantes regularmente matriculados até o segundo semestre de 2018 (Mestrado e Doutorado); e d) O contato (e-mail e telefone) dos estudantes regularmente matriculados o segundo semestre de 2018 (Mestrado e Doutorado).

Todavia, nem todos retornaram, e a maioria que retornou afirmou que não poderia repassar os contatos devido uma questão ética, porém se prontificaram em colaborar com a pesquisa, encaminhando o questionário aos e-mails pessoais dos discentes.

Desta forma, a autora entrou novamente em contato com a secretaria de cada um dos programas solicitando a colaboração na pesquisa. Foi enviado um *e-mail* explicativo, juntamente com uma carta de apresentação da pesquisadora (Apêndice C), TCLE (Apêndice D) e o questionário (Apêndice A). Sendo que o TCLE e questionário foram de forma *on-line*, pelo Google *Forms*.

Estipulou-se um tempo médio de resposta do questionário de 30 minutos, após um teste informal com colegas mestrandos de outros programas.

¹⁰ Grande área “Comunicação e Informação CAPES: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaConhecimento.jsf?areaAvaliacao=31>

O instrumento ficou disponível para respostas dos participantes 31 dias, ao findar o prazo, iniciou-se a tabulação dos dados, para as análises.

2.5 CUIDADOS ÉTICOS

Com relação às garantias e cuidados éticos foi seguido a norma operacional nº 001/2013¹¹, que inclui medidas que garantem a liberdade de participação, ou seja, garantia de que o participante pode se recusar a participar e, caso aceite, garantia de retirada do consentimento a qualquer tempo sem nenhum prejuízo; a integridade do participante da pesquisa e a preservação dos dados que possam identificá-lo, como, por exemplo, o uso de códigos ou codinomes para se referir aos participantes e acesso aos dados coletados exclusivo dos pesquisadores envolvidos (sigilo e confidencialidade); privacidade, sigilo e confidencialidade do participante (privacidade); e o modo de efetivação, ou seja, nenhuma informação que possa identificar ou prejudicar o participante será divulgada.

Assim, garantiu-se o respeito às diretrizes éticas que regem a pesquisa com seres humanos, obedecendo aos princípios éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) ao se submeter o projeto da presente pesquisa na Plataforma Sucupira da CAPES e ter tido esta pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o registro Nº 3.547.902 (ANEXO 01).

2.5.1 Critério de Inclusão e de Exclusão

O critério de inclusão dos participantes foi: estar regularmente matriculado nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil de acordo com a classificação da CAPES, como aluno regular, até o final do mês de agosto de 2019, momento em que foi finalizada a aplicação dos questionários.

Desta forma, foram selecionados como critérios de exclusão para esta pesquisa: discentes afastados por motivos de saúde ou que não estivessem cursando o programa no momento da aplicação dos questionários por algum motivo (cuidado ético); pessoas menores de 18 anos; estudante de outros programas de pós-graduação que estejam cursando alguma

¹¹ Norma Operacional dispõe sobre a organização e funcionamento do Sistema CEP/CONEP, e sobre os procedimentos para submissão, avaliação e acompanhamento da pesquisa e de desenvolvimento envolvendo seres humanos no Brasil, nos termos do item 5, do Capítulo XIII, da Resolução CNS nº 466 de 12 de dezembro de 2012.

disciplina da área de comunicação e informação; alunos especiais; e aqueles que deixassem de responder mais de 50% das questões.

2.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Após a aplicação dos questionários, os dados coletados foram lançados, organizados, tabulados e sistematizados em uma planilha do *Excel*, sendo posteriormente transferidos para montagem de banco de dados no sistema *SPSS*, um *software* desenvolvido e utilizado, principalmente nas ciências sociais, para cálculos estatísticos, auxiliando a transformação dos dados em informações.

Para a rodagem dos dados no sistema *SPSS* contou-se com o auxílio de um especialista, o estatístico Galtieri Ferreira Tavares, formado em estatística pela UFRN, Conselho Regional de Estatística (CONRE-8954). Desta forma, ele elaborou as estatísticas descritivas e exploratórias da presente pesquisa por meio de tabelas de frequência e tabelas cruzadas, e para identificar associação entre variáveis nas tabelas cruzadas foi utilizado o teste de qui-quadrado de Pearson, com um nível de significância de 5%.

O teste de qui-quadrado de Pearson é um teste estatístico aplicado a dados categóricos, cuja finalidade é avaliar o quão provável qualquer diferença observada aconteça ao acaso. Trata-se de um método apropriado para amostras não pareadas/emparelhadas.

Após esta análise prévia dos dados obtida pelo programa *SPSS*, os resultados de perguntas abertas, foram analisados através da Análise de Conteúdo de Bardin (1977, p. 31, grifo do autor), descrita pela autora como “[...] um *conjunto de técnica de análise das comunicações*. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”.

Silva e Fossá (2015) complementam o conceito de Bardin, ampliando quanto a instrumentos de pesquisas, fontes de dados e diferentes áreas de interesse para o uso da técnica, conforme exposto abaixo:

A análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. Na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos discursos. O caminho percorrido pela análise de conteúdo, ao longo dos anos, perpassa diversas fontes de dados, como: notícias de jornais, discursos políticos, cartas, anúncios publicitários, relatórios oficiais, entrevistas, vídeos, filmes, fotografias, revistas, relatos autobiográficos, entre outros. [...] No início de sua aplicação, a objetividade da análise era perseguida com empenho. Aos poucos, a

análise de conteúdo, foi interessando pesquisadores de diferentes áreas, como a linguística, etnologia, história, psiquiatria, contribuindo para alavancar suas pesquisas aos trabalhos de parceiros nas áreas da psicologia, ciências políticas e jornalismo. (p. 02).

A partir dos conceitos acima, verifica-se que a análise de conteúdo, apesar de ter emergido a partir dos estudos da comunicação, amplia-se a diversas áreas que utilizam a comunicação como fonte de estudo ou um instrumento para se estudar outros objetos e/ou fenômenos (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016). Conforme Bardin (1977), citando P. Henry e S. Moscovici (1968), em sua obra, tudo o que é dito ou escrito é passível a ser analisado pela análise de conteúdo.

Assim, este método é baseado em inferências ou deduções lógicas de conhecimento, referente às condições de produção, recorrendo a indicadores, quantitativos ou não, oscilando entre o rigor da objetividade e a produtividade da subjetividade (BARDIN, 1977).

Bardin (1977) difere as fases do método em três polos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A primeira fase é a organização propriamente dita daquilo que se irá analisar ou a sistematização das ideias iniciais, sendo destrinchada da seguinte forma: primeiramente foram selecionadas as questões do questionário a serem analisadas pelo rigor da exaustividade, ou seja, neste caso, todas questões abertas e passíveis de submissão pela análise de conteúdo (BARDIN, 1977; SILVA; FOSSÁ, 2015; GHIZONI, 2018b).

Assim, primeiramente foi realizada leitura flutuante das respostas obtidas, que consiste em “estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 1977, p. 96).

Posteriormente, foi realizada a referenciação dos índices (menção explícita de temas), e a elaboração dos indicadores, que é a frequência deste tema, para dar suporte a formação das “categorias” (BARDIN, 1977; SILVA; FOSSÁ, 2015; GHIZONI, 2018b; GOMES, 2015).

A próxima fase é a exploração do material, “a administração sistemática das decisões tomadas” anteriormente (BARDIN, 1977, p. 101). Neste momento, realizou-se a escolha do “tema” como unidades de análise, a frequência deste como regra de contagem, e, por fim, a criação das “categorias”, que é a classificação e agregação do conteúdo (BARDIN, 1977; SILVA; FOSSÁ, 2015; MEIRELES; CEDÓN, 2010; GHIZONI, 2018b; GOMES, 2015).

Neste estudo, as categorias foram criadas e pré-definidas de acordo com as questões abertas do questionário e os temas de acordo com a frequência das temáticas de cada pergunta, conforme apresentada da tabela a seguir:

Tabela 01: Categorias e temas das questões abertas.

CATEGORIAS	O QUE SINTO....	QUANDO ME SINTO BEM PROCURO...	QUANDO ME SINTO MAL PROCURO...
TEMAS	Angústia/Ansiedade/ Preocupação	Aproveitar e produzir (Ler, estudar, escrever...)	Desvincular das atividades do mestrado (lazer, atividade física...)
	Alegria/Felicidade/ Satisfação	Compartilhar com pessoas	Estudar mais
	Motivação/Interesse/ Responsabilidade/ Desafio	Relaxar/Divertir	Compartilhar a angústia (colegas, amigos...)
	Frustração/Dificuldade/ Cansaço	Satisfação	Descansar
	Nervosismo/Pânico/ Desespero	Mais conhecimento/ Mais informação	Silenciar/Chorar/ Esconder
	Realizado(a)	Descansar	Buscar ajuda (colegas, professores...)
	Transformação/ Aprendizagem	Não sabe/ Não respondeu	Não sabe/ Não respondeu

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A terceira e última fase, é o tratamento dos resultados obtidos, ou seja, as inferências e interpretações dos resultados. Aqui “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos («falantes») e válidos” (BARDIN, 1977, p. 101).

Bardin (1977) afirma que esta última fase, também é a fase de codificação da análise, uma vez que tratar um material é codificá-lo. Segundo Bardin (1977, p. 103):

A codificação corresponde a uma transformação - efectuada segundo regras precisas - dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices [...].

Desta forma, na fase da codificação, é realizada a definição da unidade de registro e de contexto correspondente ao conteúdo (palavra, tema, personagem ou acontecimento), a definição das unidades de análise ou de contexto, que serve de compreensão para codificar a unidade de registro (presença-ausência, recorrência (retorno no texto), intensidade (proporção), direção, ordem e sentido), o agrupamento dos temas e, por fim, a definição das categorias empíricas (categorização), denominada por Bardin (1977, p. 117) como:

[...] uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuada em razão dos caracteres comuns destes elementos.

Este processo é caracterizado por Bardin (1977) como estruturalista e possui duas etapas: a) O inventário, que seria isolar os elementos e; b) A classificação, que consiste em repartir os elementos, apresentando uma organização às mensagens. Assim, a categorização tem como objetivo fornecer uma representação/organização dos dados brutos, e a partir desta reconstrução dos materiais, realizar a análise qualitativa (BARDIN, 1977).

Tanto Bardin (1977) quanto Carlomagno e Rocha (2016) relatam que há cinco regras gerais que orientam a criação e a classificação das categorias de análise, estas são: a) A existência de regras claras para inclusão e exclusão nas categorias; b) As categorias necessitam ser mutuamente excludentes; c) As categorias não devem ser extremamente amplas, pois seu conteúdo precisa ser homogêneo entre si; d) As categorias necessitam contemplar todos conteúdos possíveis e “outro” precisa ser residual; e) A classificação precisa ser clara e objetiva, impedindo a codificação de forma diferenciada de acordo com a interpretação do analista.

Desta forma, no tratamento dos resultados qualitativos, foi realizada uma análise comparativa através da justaposição das diferentes categorias criadas em cada análise ressaltando os aspectos concebidos como semelhantes e os considerados diferentes, conforme apresentados no capítulo “Resultados”.

2.7 RETORNO À POPULAÇÃO

O retorno à população estudada se dará através do envio da dissertação aos programas de mestrado e doutorado participantes da pesquisa, encaminhado através do e-mail identificado nos sites do COMPÓS e da Plataforma Sucupira (Apêndice B). Bem como aos mestrandos e doutorandos que deixaram seu(s) e-mail(s) para contato, ao responderem ao instrumento desta pesquisa.

Também será submetido um artigo, fruto desta pesquisa, para um periódico indexado (qualis B2 a A1), que faz parte das atividades acadêmicas programadas do PPGCom. Sendo que este e demais artigos advindos desta pesquisa, após sua publicação por revistas científicas e/ou congressos, serão encaminhados às coordenações e mestrandos e doutorandos participantes desta pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir serão apresentadas as formas e modelos de violência mais comuns presenciados pelos estudantes de pós-graduação *stricto sensu*; os apontamentos teóricos dessa violência/ assédio dentro das universidades, levantados pela literatura; a apresentação da abordagem teórica da Psicodinâmica do Trabalho, que percorre este estudo; e por fim, ações que universidades brasileiras e estão realizando em prol do aumento do sofrimento, adoecimento, intentos e suicídios concretizados entre estudantes universitários.

3.1 VIOLÊNCIA: SUAS FORMAS E MODELOS

A violência é um fenômeno multicausal e polissêmico, que apresenta diversos níveis e inúmeras modalidades, o que dificulta a elaboração de uma definição única a este fenômeno como um todo e demanda estudos transdisciplinares, multifocais e intersetoriais (OLIVEIRA; NUNES, 2008). Esta esteve sempre presente na história do homem, em diversas faces. Com isso um novo paradigma emerge com relação a essa temática nos tempos modernos, pois ao mesmo tempo em que a violência é globalizada, geral e mundializada, ela é localizada, molecular e fragmentada (OLIVEIRA; NUNES 2008; ODÁLIA, 1991; MINAYO, 1994; WIEVIORKA, 1997).

No Brasil, o Ministério da Saúde conceituou a violência como sendo um “[...] evento representado por ações realizadas por indivíduos, grupos, classes ou nações que ocasionam danos físicos, emocionais, morais e/ou espirituais a si próprio ou a outros – por exemplo: agressão física, abuso sexual, violência psicológica, violência institucional” (BRASIL, 2000, p. 427). Chauí (1998) apresenta o fenômeno da violência como um padrão de relacionamentos assimétricos hierárquicos de poder, convertendo os diferentes em desiguais e a desigualdade em uma relação entre a superioridade e inferioridade.

Segundo Heloani e Barreto (2013; 2018), a palavra “assediar” origina-se do latim *adsider/obsidio* e do italiano *assediare*, que significam “atacar”, “pôr-se diante”, “não dar trégua ao outro”, “perseguir com insistência”, “importunar”, “cercar”. Assim, “seu conceito e características variam conforme o contexto sócio-histórico-cultural de cada nação e organização e, também, de particularidades da expressão do fenômeno, o que permite variadas configurações” (HELOANI; BARRETO, 2013, p. 55).

Desta forma, o assédio ocorre em relações assimétricas e autoritárias, cujo componente “poder” se manifesta nos bastidores. Pode ocorrer, basicamente, de quatro

modos: a) Vertical: quando os atos de violência emergem por parte da chefia ou superior hierárquico para seus subordinados; b) Horizontal: quando tais atos são praticados entre pares, ou seja, colegas de mesmo nível hierárquico; c) Ascendente: quando a violência é praticada por subordinados contra a chefia ou superior hierárquico, sendo esta a forma mais rara, e d) Misto: quando a violência se inicia pela chefia ou superior hierárquico (descendente) e acaba por ter participação e conivência dos pares/ colaboradores, ocorrendo por medo, subserviência, autoconvencimento ou por oportunismo estimulado (HELOANI; BARRETO, 2013).

De acordo com Heloani e Barreto (2018), o pioneiro a estudar tal tipo de violência e sofrimento, hoje denominados de assédio moral e o assédio sexual, foi o médico psiquiatra e antropólogo norte americano Carroll M. Brodsky, apresentando cinco condutas típicas deste tipo de violência: a) Tratar o outro como bode expiatório; b) Insultar/injuriar; c) Violências/ofensas de ordem física; d) Assédio de ordem sexual e, e) Excessiva pressão no que concerne ao desempenho. Isto foi em 1973, ou seja, trata-se de um tema relativamente novo nos EUA e, conseqüentemente, no Brasil. Isto nos ajuda a compreender porque as universidades levaram tanto tempo para perceber o problema da violência na pós-graduação, sobretudo na relação que se estabelece entre orientador e orientando, no tempo de curso e exigências requeridas, dentre outros.

O “assédio moral” foi a expressão que se consagrou no Brasil, todavia, há outros termos utilizados em outros países para se tratar do mesmo assunto, como o termo “coação moral” em Portugal ou “*ijime*” no Japão. Este tornou-se um tema pesquisado em todo mundo, devido à sua importância e muitas pesquisas tiveram ampla repercussão, transcendendo fronteiras e influenciando outras pesquisas (HELOANI; BARRETO, 2018).

Chauí (1998) e Oliveira e Nunes (2008) apontaram que a sociedade brasileira, apesar de ser concebida como uma sociedade não-violenta, apresenta diversas situações de exclusões econômicas, políticas e sociais, como misoginia, racismo, sexismo, homofobia, dentre outras, como se fosse algo “natural”. Heloani e Barreto (2018) relatam que as pesquisas nacionais apontam uma tendência maior de ocorrer assédios com as mulheres, sendo também mais intensos do que com os homens, embora estes também não estejam imunes da possibilidade de sofrerem tal violência.

Neste contexto, as violências e assédios se apresentam nas universidades de diversas formas e em todos os públicos: discentes, docentes, técnico-administrativos e terceirizados. As formas mais comuns de violência e assédios são:

a) Violência psicológica: consiste em atos e atitudes abusivas, materializados pelo medo, insultos e geração de estresse. Esta pode ser tão ou pior do que uma violência de natureza física, no que tange às suas consequências, pois deixam marcas e traumas na memória e nos afetos (HIRIGOYEN, 2010; HELOANI; BARRETO, 2018). Um exemplo “comum” relatado por estudantes de pós-graduação refere-se ao tratamento ofertado por alguns orientadores, que mais “desorientam” do que os orientam;

b) *Bullyng*: palavra derivada de “*bully*”, que significa “valentão” e começou a ser usada primeiramente na Inglaterra, em 1984. Este termo denota agressividade e teve sua origem no meio educacional, no qual alunos considerados mais forte e “valentões” intimidavam e maltratavam seus colegas mais fracos, tímidos e/ou “diferentes”. Sendo que muitas vezes, tais violências ultrapassavam os portões dos colégios, adquirindo projeção pública (HELOANI; BARRETO, 2018).

Essa violência é caracterizada por um conjunto de condutas abusivas, que ocorre de forma intencional e com frequência, realizada por um ou mais colegas dirigidas a uma pessoa, que, em geral, são mais fortes que suas “vítimas”, tanto fisicamente, quanto a nível psicológico. Os sujeitos que o praticam, agridem e humilham colegas que não conseguem se defender devido ao desequilíbrio que existe entre o opressor e o oprimido. Tal assédio tem como pilares os preconceitos e humilhações e a não aceitação da diferença (HELOANI; BARRETO, 2018; OLIVEIRA; NUNES, 2008).

O *bullyng* normalmente se inicia por atos que parecem sem relevância, como uma brincadeira ou uma piada, que podem vir a evoluir para condutas extremamente abusivas, a ponto de chegar a agressões físicas e conotações sexuais, podendo gerar um grave problema de saúde pública (HELOANI; BARRETO, 2018).

Na maioria das vezes, as vítimas desta violência não possuem nenhum comprometimento psíquico antes dos abusos, todavia, após os ataques podem apresentar distúrbios graves de humor, ansiedade, depressão e explosões emocionais, bem como desordem pós-traumática por estresse, podendo até levar ao suicídio (HELOANI; BARRETO, 2018). Na pós-graduação o *bullyng* pode aparecer, por exemplo, em prazos alargados para se qualificar ou defender; na recusa de artigos para publicação ou não aceite em congressos;

c) *Mobbing* deriva de “*to mob*” e significa assediar, atacar, cercar (HELOANI; BARRETO, 2013). Este se assemelha ao *bullyng*, todavia, concentra-se em uma perseguição coletiva, ou seja, um fenômeno grupal, e costuma ocorrer nas organizações. Inicia-se de forma semelhante ao *bullyng*, podendo evoluir para violência física. Também é comum ocorrer com colegas do mesmo nível hierárquico (HELOANI; BARRETO, 2018; OLIVEIRA; NUNES,

2008). Por exemplo, no meio da pós-graduação pode ocorrer de integrantes de grupos de pesquisa se unirem contra algum aluno, por ser menos produtivo ou por não conseguir cumprir os prazos.

d) Assédio/Violência moral: consiste em agressões sutis e, devido a isto, o nexos causal é difícil de provar, todavia, não é impossível (Hirigoyen, 2011). Para Heloani e Barreto (2018, p. 55) este “constitui uma violação dos direitos fundamentais e uma mácula à dignidade humana”.

Heloani e Barreto (2018) relatam que ao se buscar as causas da ocorrência do assédio moral, não se deve buscar nos sujeitos enquanto atores individuais e responsáveis, mas, principalmente, na organização do trabalho e das tarefas, disseminadas e administradas pela gestão. Por exemplo, quando o orientador solicita ao discente para fazer alguma atividade de cunho pessoal ou que coloque seu nome sem ter participado na elaboração de um artigo.

e) Assédio/Violência sexual: termo usado para referenciar condutas de natureza sexual, em suas variadas formas de expressão, seja verbal ou gestual, proposta ou imposta a outra pessoa, contra o seu desejo. Ocorre quando uma das partes passa a abusar de seu poder e obriga a outra parte a fazer o que não tem vontade, através de chantagem e intimidação (HELOANI; BARRETO, 2013; 2018). Pode ocorrer tanto de estudante para estudante, mas é mais comum vir de cima para baixo, por exemplo, de um professor ou orientador.

f) Assédio/Violência física: caracteriza-se pelo uso de força física para oprimir ou ofender a outrem. De fácil reconhecimento, caracteriza-se por atos físicos como socos, chutes, empurrões, tiros, dentre outros (OLIVEIRA; NUNES, 2008).

g) Assédio/Violência institucional: é uma violência genérica, ou seja, está relacionada a atos e ações políticas, ocorrendo de modo intensamente incrustada e burocratizada, tanto em organizações públicas quanto privadas (SCIALPI, 2004; HELOANI; BARRETO, 2018). Uma forma bastante visível deste tipo de violência é a avaliação da CAPES aos Programas de pós-graduação, por exemplo, pelo número de produtos publicados, pelos prazos de qualificação e defesa, a questão da nota e, mais recentemente, da distribuição das bolsas somente para programas com nota acima de 04.

Na obra intitulada “Assédio moral: gestão por humilhação”, Roberto Heloani e Margarida Barreto (2018) apresentam o termo “assédio laboral”, como um avanço e revelação de novos conhecimentos, uma vez que tal conceito aborda várias categorias de assédios e violências, que não podem ser reduzidos a um esquema monocausal, englobando diversos atos de violência advindos do ambiente de trabalho, manifestados em atos repetidos de

perseguição, humilhação, desprezo, isolamento, condutas abusivas, chantagens, pressão para produzir, difamação, injúria, dentre outros.

Desta forma, com relação à violência relacionada ao trabalho/estudo, se faz importante distinguir a “violência do trabalho”, que se origina no modo de produção, na maneira como o trabalho é organizado e gerenciado, o que pode provocar desgaste, sofrimento, adoecimento e, até mesmo, a morte; da “violência no (ambiente de) trabalho”, também conhecida como “violência de resistência”. Esta é caracterizada pela relação entre o trabalho e a violência que se mostra como risco aos trabalhadores, em que se pode identificar agressões de diversas naturezas que ocorrem dentro do ambiente de trabalho, constituindo em causas de sofrimentos, adoecimentos e até morte dos trabalhadores (OLIVEIRA; NUNES, 2008; CAMPOS, 2003).

Na universidade, o que se tem observado com relação à violência do trabalho diz respeito à própria estrutura dos programas de pós-graduação, que, vinculados às regras da CAPES têm atendido cada vez mais a um sistema de produção quantitativista e de reprodução, fazendo do discente um grande técnico, mas não um pensador, que seria a finalidade da pós-graduação (SPINK; ALVES, 2011; ZANDONÁ *et al.*, 2014; SGUISSARDI, 2008).

3.2 VIOLÊNCIA NAS UNIVERSIDADES: APONTAMENTOS TEÓRICOS

As universidades são responsáveis por seus alunos. Parece ser lógico a responsabilidade jurídica que as universidades devem assumir pelos seus servidores e discentes. Portanto, tomar as devidas providências para reprimir abusos e violências, parece ser uma obrigação, a fim de não se tornar conivente.

De acordo com Costa e Nebel (2018) há vários estudos nacionais e internacionais que apontam uma prevalência grande de doenças mentais comuns em estudantes universitários, como depressão e ansiedade, sendo maiores em universitários do que no restante da população.

De acordo Gewin (2012), cientistas em início de carreira perpassam e enfrentam inúmeras demandas acadêmicas, grandes expectativas com relação ao trabalho desenvolvido, insônia, isolamento, dentre outros fatores, que podem vir a se transformar em patologias, como depressão, ataques de ansiedade, síndrome do pânico e, até mesmo, levar ao suicídio. De acordo com a autora, os principais sinais que indicam o início desse sofrimento mental são: dificuldade para assistir às aulas ou realizar trabalhos/pesquisas, problemas de

concentração, diminuição da motivação, aumento da irritabilidade, surgimento de distúrbios do sono, alterações no apetite e dificuldades para interagir socialmente.

Uma pesquisa realizada pelo Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE, 2011), relatou que 47,7% dos universitários brasileiros afirmam sofrer com alguma dificuldade ou crise de cunho emocional. Das que interferem no desenvolvimento acadêmico, como o surgimento da falta de motivação para estudar: dificuldades de concentração, baixo rendimento acadêmico, reprovações, trancamento de disciplinas e de matrícula e mudança de curso. Destacaram: ansiedade, depressão, medo ou pânico, insônia ou alteração significativa do sono, sensação de desamparo, desespero ou desesperança, sensação de desatenção, desorientação ou confusão mental e timidez excessiva.

Segundo Heloani e Barreto (2018), na educação, de forma geral, o tipo de assédio moral mais comumente praticado é o vertical ascendente, principalmente em universidades particulares. Acontece, normalmente, com o intuito de enxugar o quadro docente sem ter que arcar com os ônus financeiros. Assim, é cobrado do docente o “possível” e o “impossível”, no que tange ao desempenho.

Este passa a ser constantemente desrespeitado e atacado, chegando a circular entre os alunos “bem-intencionados e manipulados pela direção” uma lista contra o docente. Sem suportar tamanha pressão e desmoralização, é frequente o docente adoecer, culminando com seu afastamento ou pedido de demissão. É um caso muito particular de assédio ascendente, embora possa ser também considerado descendente sutil e oculto (preferimos essa classificação), pois os alunos são apenas instrumentos que possibilitam o ilícito. (HELOANI; BARRETO, 2018, p. 70).

As formas de violência e assédios não são em si uma psicopatologia ou um transtorno mental, todavia tais fontes de sofrimento podem levar o sujeito a desenvolver alguma doença, ou até mesmo levar ao óbito por suicídio (HELOANI; BARRETO, 2018). Como por exemplo: a) Estresse Patológico: caracteriza-se pela ansiedade levada ao extremo, a ponto de exaustão, devido às exigências do meio de superarem a capacidade de adaptação do sujeito. Bastante comum no meio acadêmico, podendo ser considerado uma doença ocupacional (HELOANI; BARRETO, 2018); b) Síndrome de *Burnout*: Também conhecida como síndrome do esgotamento profissional, que consiste em uma forma diferenciada de estresse, eliciada pela exposição contínua a situações degradantes e exaustivas. Gera uma sensação de cansaço, de estar “acabado”, levando o indivíduo à redução de produtividade, ao isolamento, ao estresse cronicado, ao aumento do absenteísmo, bem como o desejo de desligar-se da organização, até um comportamento paranoico (HELOANI; BARRETO, 2018; informação

verbal¹²); c) Transtorno do Pânico (TP): trata-se de um transtorno mental, caracterizado pela presença de ataques de pânico recorrentes, seguidos por sintomas cognitivos e físicos, juntamente com uma sensação constante de medo e mal estar, acompanhado por preocupações persistentes em relação à possibilidade de ocorrência de novos ataques (HELOANI; BARRETO, 2018; SALUM; BLAYA; MANFRO, 2009); d) Estresse Pós-traumático: também chamado de desordem pós-traumática por estresse (PTSD), situação em que as humilhações, agressões e violência permanecem arraigadas na memória do sujeito, sendo revividas de diversas maneiras, mesmo que o sujeito esteja distante daquele que lhe causou mal ou longe do ambiente em que tudo aconteceu (HELOANI; BARRETO, 2018); e) Depressão: considerada na atualidade como a doença do século, afetando um grande número de pessoas em todo mundo. Tende, muitas vezes, a ser confundida com uma simples tristeza, que perdura por muito tempo. Caracteriza-se pelo humor reprimido, desvalia, rebaixamento da autoestima, sentimento de culpa, falta de sentido na vida, insônia, fadiga, dificuldade em se concentrar, incapacidade de tomar decisão, falta de libido, até pensamentos e ideações suicidas (HELOANI; BARRETO, 2018; MERLO; HELOANI, 2013); f) Suicídio: ato de tirar a própria vida. Nos casos de assédio moral, costuma ser consequência de uma depressão advinda do sofrimento por atos de violências prolongados, desencadeando um transtorno de humor afetivo de tipo depressivo recorrente (HELOANI; BARRETO, 2018; MERLO; HELOANI, 2013).

O termo “suicídio” têm origem latina. O prefixo “*sui*” refere-se a “de si” e o sufixo “*cidium*” remete ao “ato de matar”. Se trata do ato deliberado de pôr um fim em sua própria vida (MERLO; HELOANI, 2013).

Já no processo de ideação suicida ocorrem ideias na mente do sujeito, que apresenta o suicídio como uma solução para pôr fim à situação em que o sujeito se encontra. Normalmente, um sofrimento muito grande ou algo que está se tornando intolerável. Neste, o sujeito se auto agride com o intuito de colocar fim à sua própria vida. Todavia, o ato de morrer acaba por não se concretizar (MERLO; HELOANI, 2013).

O trabalho pode constituir uma das causas do suicídio e, mesmo, ser a causa principal. O suicídio é causado por uma dor psíquica: a dor nos serve de sinal; ao mesmo tempo nos mobiliza e enfraquece nossas forças. A pessoa deseja que essa dor pare ou tenta safar-se desse sentimento insuportável. A humilhação, a vergonha, o medo constante, a ansiedade patológica, a tristeza profunda - melancolia - e o sentimento de derrota são - infelizmente - companheiros inseparáveis nesse

¹² Informação fornecida por Roberto Heloani, em Roda de Conversa, em Palmas-TO, em 13 de dezembro de 2018.

processo. A morte é procurada quando a pessoa não vê mais sentido em viver dessa forma, com tanta dor (MERLO; HELOANI, 2013, p. 446).

O suicídio nas universidades, seja na graduação ou na pós-graduação *stricto sensu*, tem se tornado algo tão grave que se faz necessário uma intervenção urgente e eficaz, por ser um evento extremamente complexo e multifacetado, envolvendo aspectos biológicos, sociais, filosóficos, religiosos, jurídicos, psicológicos, psicodinâmicos, com dimensão consciente e inconsciente (MERLO; HELOANI, 2013).

Segundo Merlo e Heloani (2013), as mulheres cometem três vezes mais tentativas de suicídio do que os homens, todavia, estes se suicidam quatro vezes mais do que as mulheres. As tentativas de suicídio são oito a vinte vezes mais corriqueiras do que o suicídio efetivado. O suicídio constitui a oitava causa de morte entre adultos no mundo. Infelizmente, as pesquisas sobre a temática “suicídio e trabalho” ainda estão no seu início.

De acordo com Botega (2014), há uma elevada taxa de indefinição dos meios e métodos utilizados para o suicídio nos registros oficiais, o que prejudica a qualidade dos dados e, conseqüentemente, a elaboração de estratégias de prevenção.

Desta forma, a universidade pode e deve agir de três possíveis formas, elaborando e implementando estratégias nos níveis de prevenção: a) Primária: ocorre antes da instauração do assédio, através de medidas preventivas, como por exemplo, falar sobre o que é violência e assédio e valores como respeito ao próximo; b) Secundária: se faz necessária quando já ocorreram alguns casos de assédio/violência, necessitando o reconhecimento do problema e não permitindo que este se alastre e se intensifique, podendo ser combatido através de ajuda psicológica aliadas a mudanças no ambiente de trabalho para que não ocorra novamente e; c) Terciária: advém quando o problema já se instaurou, necessitando repensar na organização do trabalho como um todo (HELOANI; BARRETO, 2018).

Heloani e Barreto (2018) e Merlo e Heloani (2013) discorrem que já não se pode brincar com a dor, sofrimento e desespero daquele que sofre ou sofreu assédio, violência e/ou humilhação. Essas pessoas necessitam se informar, seja através de palestras, rodas de conversas, encontro com especialistas ou outras atividades. Faz-se essencial que o sujeito não se isole e não tenha o sentimento de perda da dignidade. Deve-se acabar com o tabu e falar sobre o assunto, não fugindo das responsabilidades que compete a cada um.

Esses adoecimentos advindos do modelo produtivo do capitalismo pós-industrial e suas configurações sócio históricas, caracterizadas pela dor e sofrimento excessivos, são denominadas patologias da modernidade ou patologias da solidão (FERREIRA, 2013a; DEJOURS, 2007; 2011).

Ferreira (2013a, p. 277) afirma que “a patologia da solidão pode ser entendida também como patologia do silêncio, como forma de adoecimento das relações sociais e de trabalho decorrente da impossibilidade de utilização da palavra”. Corroborando com Dejours (2011, p. 25-26) que asseverou que “[...] todas as formas clássicas de solidariedade estão em processo de desestruturação [...] todos se encontram, psicologicamente, cada dia mais só [...] todas as novas patologias relacionadas com o trabalho, hoje, são, antes, patologias da solidão”.

Tais afirmações remetem à ausência ou insuficiência de reconhecimento, à desvalorização do ato de trabalhar e insensibilidade ao próprio sofrimento e das demais pessoas, caracterizadas pelo isolamento e o silêncio. Atingem vários espaços da vida cotidiana e podem levar a diversas formas de adoecimento, como tendem a acontecer nos casos de assédio moral e violência psicológica. Desta forma, o trabalho precisa ser compreendido como um *continuum*, estendendo-se para além do seu espaço e ambiente restrito de trabalho, pois influencia outras esferas da vida (FERREIRA, 2013a; LANCMAN, 2011; MONTEIRO *et al.*, 2015; HONNET, 2003).

Axel Honnet (2003) complementa essa ideia afirmando que os sujeitos necessitam se reconhecer mutuamente, de alguma maneira, antes do conflito. Citando Hegel, Honnet (2003) afirma que a realidade se constrói pelo processo, que emana do sujeito, de reconhecer o outro para que possa reconhecer a si mesmo. Desta forma, a falta de reconhecimento e reciprocidade está na base dos conflitos interpessoais e sociais.

Richard Sennett (2008) investiga as influências das transformações socioeconômicas no âmbito das dinâmicas de trabalho. Em sua obra “A corrosão do caráter” faz uma análise de como a corrosão do caráter é induzida pela instabilidade profissional que o capitalismo moderno e flexível impõe, baseando-se em relatos de vida de trabalhadores que, notadamente condenados à mobilidade, não lhes possibilita o desenvolvimento de experiências e o estabelecimento de vínculos duráveis, impossibilitando a construção de uma narrativa coerente em suas vidas.

Neste contexto, as patologias da solidão aparecem no mundo contemporâneo de forma tão intensa e tão grave que também estão correlacionadas com tentativas de suicídio e com o desencadeamento do suicídio em si, inclusive nos locais de trabalho, conforme aponta Dejours (2011, p. 27):

O agravamento do sofrimento psíquico no trabalho leva agora ao surgimento de tentativas de suicídio e mesmo a suicídios levados a cabo nos locais de trabalho. A degradação da relação subjetiva no trabalho é patente. E é grave. [...] parece que esse fenômeno esteja ligado à evolução do trabalho. [...] Esta concorrência generalizada chega ao extremo da banalização dos comportamentos desleais entre colegas, que,

não há muito, eram atitudes proscritas pela solidariedade e por um sentimento de justiça comum. [...] A desconfiança substitui a confiança; o isolamento, o cada-um-por-si, a solidão e a desolação instalam-se.

Nesta perspectiva, se faz importante salientar que as violências e os assédios nas universidades e no trabalho não são um problema individual e não ocorrem por falta de competência. Trata-se de uma questão que envolve interações sociais complexas. Portanto, se faz essencial não deixar que o sujeito entre em um círculo de isolamento, principalmente dentro da família (HELOANI; BARRETO, 2018).

A reconstrução da subjetividade e capacidade de se reapropriar da inteligência destruída pelo trabalho, possibilita a reorganização do trabalho uma vez que os trabalhadores possuem potencial para emancipação, reapropriação, transformação e reconstrução da sua realidade. Desta forma, a escuta torna-se fundamental, pois ela humaniza e legitima a voz de quem está no processo de sofrimento psíquico (HELOANI; BARRETO, 2018; LANCMAN, 2011).

Aquele que sofreu humilhações, assédio e violência, necessita voltar a acreditar em si mesmo, não se auto culpar ou ser culpado por outras pessoas, principalmente por seus familiares, que tendem a ser os mais próximos. Precisa aprender a estruturar suas emoções e saber com quem pode contar, pois a dimensão de laços afetivos é de importância fundamental (HELOANI; BARRETO, 2018).

Dar esse sentido ao trabalho torna-se fundamental para evitar o adoecimento psíquico e/ou somático. Assim, apreciar as vivências do ambiente de trabalho e compreender a representatividade destas para o sujeito, seja de forma individual e/ou coletiva, são pontos essenciais para a saúde mental (COSTA, 2013a).

No ambiente universitário, bem como na educação em geral, a modalidade de assédio mais comumente conhecida é o *bullying*. De acordo com Heloani e Barreto (2018, p. 176), normalmente inicia-se com “maus tratos na escola e se agrava com a intensa pressão a que são submetidos para que obtenham sucesso acadêmico e no trabalho”.

Trata-se de um tipo de assédio tão sério que pode desencadear consequências graves quando a vítima se isola, juntamente com a cumplicidade de seus pais nesse isolamento, que negam o que está acontecendo ou que não percebem o que ocorre com o filho, podendo-se tornar, futuramente, pessoas depressivas e/ou caminhar rumo à morte (HELOANI; BARRETO, 2018; MERLO; HELOANI, 2013).

Quanto maior for o tempo de exposição às humilhações, mais degradado se torna o ambiente de trabalho ou escolar; mais aviltadas as relações interpessoais; mais comprometida a saúde individual e do coletivo. Os pensamentos transtornados e confusos dão novos significados à vida e o viver perde o sentido, na medida em que o processo se prolonga. Deste modo, o “tempo” encontrado e demarcado internacionalmente como definidor da existência ou inexistência do assédio laboral ou bullying não pode constituir um “gessamento” às ações preventivas. Não há porque esperar vários meses – associados à repetição sistemática dos atos de violência – para tomarmos medidas necessárias e urgentes. As humilhações e constrangimentos, uma vez constatados e testemunhados devem ser imediatamente barrados e não tolerados. Caso contrário, os danos serão ampliados no que concerne à saúde dos alunos assim como dos trabalhadores. O desafio é buscar ações conjuntas contra a violência na escola e assédio moral no local de trabalho. (HELOANI; BARRETO, 2018, p. 185).

O *bullying* apresenta alguns sinais que podem ser observados por aqueles que estão próximos ao sujeito que sofre a violência, como os pais e professores, por exemplo: indisposição em ir para as aulas, baixo rendimento, falta às aulas, ter poucos amigos ou nenhum, parecer triste, retraído, ansioso e/ou deprimido, alterações de humor; possuir arranhões ou cortes, aparecer com roupas muito amassadas ou rasgadas (HELOANI; BARRETO, 2018).

Além do assédio cometido por colegas, o estudante também pode sofrer com o assédio advindo do corpo docente e com as pressões próprias do ambiente universitário. A sobrecarga de trabalho nas universidades, além das dificuldades e exigências que extrapolam capacidade e aptidões do sujeito, levando-o à restrição da liberdade ao executar as tarefas, ao desgaste e aumento do estresse, têm se intensificado nos últimos tempos (MONTEIRO; JACOBY, 2013).

Na atualidade, o modelo gerencial regido pela exigência da agilidade, eficácia e qualidade dos serviços, substitui o antigo modelo burocrático, caracterizado pela rigidez e hierarquização. Então, o modelo que habitualmente rege o mundo das organizações privadas passa também a reger a esfera pública, todavia, sem levar em consideração as especificidades das instituições públicas (MONTEIRO et al., 2015).

Assim, foi implementado nas Instituições de Ensino Superior (IES) uma reestruturação organizacional sem a devida adequação da infraestrutura, bem como concursos e nomeações de servidores para suprir o aumento da demanda de serviços, ocorrendo assim uma precarização juntamente com a expansão das atividades e serviços (MONTEIRO et al., 2015).

As universidades, atualmente, entraram num produtivismo em que se exige cada vez mais dos acadêmicos, como escrita, apresentações e publicações, reguladas pelos índices de avaliação da CAPES e cobradas pelos professores e orientadores. Estes, por sua vez, são obrigados a lidar com a organização e execução de atividades de ensino (mais estágio),

pesquisa e extensão, estando muitas vezes, também, vinculados a algum programa de pós-graduação, atendendo às imposições da CAPES (MONTEIRO et al., 2015).

Esse cotidiano, comprimido pela quantidade, muitas vezes deixando de lado a qualidade, acaba gerando competitividade e rivalidade entre os pares, gerando um ambiente de relações pessoais degradadas, abrindo prerrogativas para as patologias da solidão, marcadas pela fragilização do coletivo e a recusa de apoio e solidariedade (FERREIRA, 2013a; MONTEIRO et al., 2015).

Os critérios de produtividade e desempenho exigidos ao corpo docente parecem estar sendo repassados aos discentes, que necessitam lidar com diversas pressões e cobranças por parte da academia, além de não terem mais o apoio e acompanhamento dos docentes como ocorria antigamente (MONTEIRO; JACOBY, 2013; OLIVEIRA et al., 2017; SPINK; ALVES, 2011; informação verbal¹³).

Desta forma, evidencia-se a necessidade de se estudar os estudantes do meio universitário, seja em nível de graduação ou pós, a fim de se pensar em estratégias para lidar com o sofrimento, promovendo a saúde mental e combatendo tentativas de suicídio e o ato de suicídio.

3.3 ORGANIZAÇÃO E PSICODINÂMICA DO TRABALHO

A psicodinâmica do trabalho refere-se aos estudos “dos movimentos psicoafetivos gerados pela evolução dos conflitos inter e intrasubjetivos. A análise psicodinâmica estende-se até a esfera da concretude e aponta seletivamente o drama vivido, seu conteúdo e o sentido que reveste para aquele que o vivencia” (LANCMAN; SZNELWAR, 2011, p. 112).

A psicodinâmica do trabalho foi criada por Cristophe Dejours na França do século 20, entre as grandes guerras mundiais, a partir da disciplina “Psicopatologia do Trabalho”, ao ampliar sua investigação, para além da questão do sofrimento e das patologias mentais associadas à organização do trabalho, visando a saúde dos trabalhadores e o trabalho como fonte de prazer (DEJOURS, 2017c; FERREIRA, 2013b; SALGADO *et al.*, 2018).

Assim, Dejours manifestou seu interesse na relação entre trabalho e saúde mental desde os anos de 1970, período no qual a “medicina do trabalho” era voltada para o diagnóstico, prevenção e cura de doenças do corpo advindas do trabalho. A “ergonomia” propunha adaptar o trabalho ao homem, de modo a evitar riscos, mas sem afetar a qualidade

¹³ Informação fornecida por Roberto Heloani, em Roda de Conversa, em Palmas - TO, em 13 de dezembro de 2018.

produtiva do indivíduo e a “Psicopatologia do Trabalho” buscava a análise das doenças mentais oriundas do trabalho, alicerçada à psicanálise e às ciências sociais (VASCONCELOS, 2015; MENDES; ARAÚJO, 2013; FERREIRA, 2013b; LANCMAN; SZNELWAR, 2011).

A mudança do objeto de estudo da doença para a normalidade ocorreu entre os anos de 1980 a 1993, embora até 1993 ainda seja nominada de “Psicopatologia do Trabalho”. Esta alteração do nome da disciplina ocorreu com a publicação do *Addendum* do livro “A Loucura do Trabalho”, no qual Dejours buscou esclarecer essa transição, pois percebe que os trabalhadores não se portam apenas passivamente frente às pressões organizacionais, mas agem a partir de estratégias defensivas individuais e coletivas, a fim de se proteger dos efeitos nocivos do sofrimento e em prol da saúde mental (DEJOURS, 1992; 2011; VASCONCELOS, 2015; FERREIRA, 2013b).

Neste contexto, o trabalho pode ser compreendido como uma fonte de sofrimento, que, na ausência de sentido, pode levar à descompensação, alienação ou até mesmo à loucura de forma progressiva. Todavia, o sujeito possui a potencialidade de criar defesas suficientemente eficazes contra o sofrimento. A “normalidade” no trabalho é compreendida pelo compromisso entre o sofrimento e as estratégias de defesa, tanto as individuais quanto as coletivas. Portanto, a normalidade não supõe a ausência do sofrimento, mas emerge a partir deste, como uma elaboração resultante das exigências do trabalho e a ameaça de desestabilização psíquica e somática (VASCONCELOS, 2015; MENDES; ARAÚJO, 2013; DEJOURS, 1999; 2011; 2004; 2017a; 2017c; MORAES, 2015).

Desta forma, o trabalho atua na vida humana com uma dupla potencialidade: atuar como desencadeador de sofrimento e adoecimento ou como promotor de saúde (DEJOURS, 1999; MORAES, 2015; DEJOURS, 2012; HOFFMANN *et al.*, 2014; SOUTO *et al.*, 2017). Conforme aponta Dejours (2011, p. 28 e 29), o trabalho pode “[...] proporcionar o melhor: muitas mulheres e muitos homens estão, graças ao trabalho, em melhor estado de saúde mental do que estariam caso não trabalhassem. [...] O trabalho pode ser um medidor de emancipação, e não apenas de alienação”.

Assim, passa-se a considerar a capacidade de enfrentamento dos sujeitos em relação à organização do trabalho e o trabalho como um mediador entre saúde e emancipação, pois quando o trabalho ganha sentido, torna-se um mobilizador de prazer e agente de ganhos para a identidade, revelando-se como acesso à experiência do mundo e de todo seu conhecimento (VASCONCELOS, 2015; MENDES; ARAÚJO, 2013; DEJOURS, 1999; 2017a; 2017c; 2011). Assim, o “sofrimento representa um risco que inviabiliza a construção da identidade e

integridade dos sujeitos, já o prazer no trabalho possibilita a constituição e o fortalecimento da identidade do sujeito” (MACÊDO; HELOANI, 2013, p. 223).

Portanto, o sujeito luta contra a loucura do trabalho, contra as patologias e em prol da saúde mental através de um conflito entre a singularidade do trabalhador e a organização do trabalho, levando à mobilização de maneira diferente em cada trabalhador (MENDES; ARAÚJO, 2013; MONTEIRO et al., 2015).

Essa mobilização, também chamada de mobilização subjetiva, consiste em um processo intersubjetivo caracterizado pelo empenho da subjetividade do trabalhador, uma experiência própria do sujeito histórico, e discussões no espaço público com relação ao trabalho. Assim, a subjetividade é compreendida como uma “[...] dimensão complexa, sistêmica, dialógica e dialética, definida como espaço ontológico” (GONZÁLEZ-REY, 2003, p. 75).

As regras que regem tal mobilização não são apenas técnicas, possuem também uma dimensão ética, que remetem à noção de justiça e injustiça e organizam as relações entre as pessoas. Este processo permite ao sujeito se criar e se (re)inventar, pois trata-se da maneira como o trabalhador se engaja no trabalho, faz uso de sua inteligência prática e coletiva, viabilizada pela dinâmica do reconhecimento, com a finalidade de transformar sofrimento em prazer ou em realização criativa, ou seja, a inteligência sendo colocada em prática (MENDES; DUARTE, 2013; MONTEIRO et al., 2015).

Esta inteligência prática, utilizada na mobilização subjetiva, consiste no trabalhador resistir ao trabalho prescrito ao utilizar sua capacidade inventiva, a fim de minimizar o sofrimento. Desta forma, desenvolve-se um saber singular que ao tornar-se coletivo, transforma-se em uma ação de cooperação (VASCONCELOS, 2013).

A cooperação, termo surgido da palavra em latim *cooperatione*, visa uma ação conjunta almejando o mesmo objetivo. Assim, sustenta-se pela mobilização subjetiva dos trabalhadores de contribuir uns com os outros de forma conexa, a partir de sua inteligência, com a finalidade de ressignificar o sofrimento, baseado na confiança e na solidariedade (MARX, 1998; LIMA, 2013; GHIZONI, 2013). Esta cooperação só é possível graças ao coletivo de trabalho, uma construção social, um processo complexo e sempre inacabado de construção comum de acordos normativos técnicos e éticos entre os trabalhadores, ou seja, regras comuns de trabalho, que utilizam as preferências de cada trabalhador (LIMA, 2013).

Neste contexto, o sofrimento se instala na organização do trabalho em razão do conflito entre as prescrições do trabalho e o trabalho real, emergindo e captado pelas

estratégias de defesas, que surgem com a finalidade de elaborar os sofrimentos (COSTA, 2013b; LANCMAN; SZNELWAR, 2011; SALGADO *et al.*, 2018).

Assim, o trabalho prescrito consiste em um “conjunto de determinações impostas aos trabalhadores pelos gestores para a execução de suas atividades de trabalho” (COSTA, 2013b, p. 467), através de “no quê” e “como” as atividades devem ser executadas. Já o trabalho real é a “maneira desenvolvida pelo trabalhador para lidar com as situações reais de trabalho” (COSTA, 2013b, p. 468) compostas pelas interações dos trabalhadores com os recursos da organização e as pessoas envolvidas no processo de trabalho.

A lacuna entre o trabalho prescrito (dimensão formal) e as situações reais do trabalho (dimensão informal) é considerada o trabalho em si, ou seja, o próprio trabalho, no qual se encontram as contradições, os conflitos, as incoerências e as inconsistências do trabalho, pois não é possível fazê-lo apenas cumprindo o que foi prescrito pela organização, devendo ser ajustado e rearranjado para ser concretizado, o que impõe aos trabalhadores dificuldades, constrangimentos e confronto com o fracasso (COSTA, 2013b; MONTEIRO *et al.*, 2015).

A forma como o trabalhador irá lidar com tais dificuldades e situações imprevistas que ultrapassam o domínio técnico e o conhecimento científico, está relacionada às suas experiências pessoais e profissionais e são conhecidas como estratégias de mediação individuais e/ou coletivas.

Assim, para compreender as estratégias de mediação ou mecanismos de defesa, primeiramente se faz necessário entender as estratégias de defesa ou estratégias defensivas, que são definidas como “recursos construídos pelos trabalhadores, de forma individual e coletiva, para minimizar a percepção do sofrimento no trabalho; funcionam através da recusa da percepção daquilo que faz sofrer” (MORAES, 2013a, p. 153). Desta maneira, fornecem uma proteção ao psiquismo contra o sofrimento da organização do trabalho, o que possibilita aos trabalhadores permanecerem no plano da normalidade e continuarem trabalhando (MORAES, 2013a; ANCHIETA *et al.*, 2011).

A expressão “estratégias defensivas” advém epistemologicamente da junção de dois termos de origem latina, usados no contexto militar: “*strategia*” que é a decisão da melhor posição em combate e “*defensa*” que se refere à arte de defender-se (MORAES, 2013a).

O funcionamento das estratégias defensivas ocorre de forma inconsciente e os mais comuns são: a) Negação, na qual se responsabiliza o sujeito pelos problemas no ambiente de trabalho, negando que a organização do trabalho é o motivo do sofrimento e b) a racionalização, na qual o trabalhador se afasta do foco da organização de trabalho, manifestando verbalizações que justificam as adversidades do trabalho, como o ritmo

acelerado e cobrança exagerada de produtividade (MORAES, 2013a). Os tipos mais comuns das estratégias defensivas são apresentados e explicados no quadro abaixo, por Moraes (2013a):

Quadro 02: Encadeamento e funções das estratégias defensivas.

TIPO DE DEFESA	FUNDAMENTO	FUNCIONAMENTO
1. Defesa protetora	Racionalização	Modos de pensar, agir e sentir compensatórios.
2. Defesa adaptativa	Negação	Negação do sofrimento e submissão ao discurso da organização.
3. Defesa explorada	Negação	O sofrimento e a defesa (ex.: autoaceleração entre operários) são explorados em favor do aumento da produção.

Fonte: Moraes (2013a, p. 155).

É importante salientar que as estratégias de defesa são diferentes dos mecanismos de defesa, apesar de este último poder ser considerado uma estratégia de defesa. Enquanto os mecanismos de defesa protegem o ego da angústia de conflitos intrapsíquicos, as estratégias de defesa buscam atenuar a percepção do sofrimento oriundo do trabalho, protegendo o psiquismo e afastando os riscos de doença mental. Todavia, as estratégias de defesa não promovem a emancipação dos trabalhadores.

Os mecanismos de defesa são compreendidos como “o conjunto de operações que visam mitigar perigos à integridade psíquica do indivíduo, que são decorrentes de elementos recalçados de seu nível de consciência. [...] Em outros termos: os mecanismos de defesa são processos mentais utilizados pelo ego, em nível inconsciente, contra as demandas instintivas do id” (CANÇADO; SANT’ANNA, 2013, p. 249).

Assim, os mecanismos de defesa estão correlacionados à adaptação do indivíduo a vivência de experiências dolorosas, como angústia, medo e insegurança, advindas da organização do trabalho (MONTEIRO *et al.*, 2015; CANÇADO; SANT’ANNA, 2013). Cançado e Sant’anna (2013) elaboraram um quadro explicitando os mecanismos de defesa que mais se repetem na literatura, conforme apresentado a seguir:

Quadro 03: Mecanismos de defesa comumente descritos na literatura.

TIPO DE MECANISMO	DESCRIÇÃO
Anulação	Utilização de palavras ou comportamentos que visam negar ou corrigir simbolicamente pensamentos, sentimentos ou atos considerados inaceitáveis.
Atuação	Expressão de um desejo ou impulso inconsciente por meio da ação, evitando tomar consciência de um afeto subjacente.
Denegação	Recusa a reconhecer como seu um pensamento ou um desejo que foi anteriormente expresso conscientemente.
Deslocamento	Transferência da expressão de uma emoção associada a uma situação particular para outra situação, na qual a emoção pode ser expressa sem risco.
Formação reativa	Transformação de um comportamento, pensamento ou sentimento inaceitáveis por outros, que lhe são diametralmente opostos.
Idealização	Atribuição a si – ou ao outro – de qualidades positivas exageradas.
Intelectualização	Emprego excessivo de pensamentos abstratos ou generalizações para controlar ou minimizar sentimentos embaraçosos.
Introjeção	Passagem, de modo fantasmático, de fora para dentro, de objetos e qualidades inerentes a esses objetos
Negação	O indivíduo evita a percepção de algum aspecto doloroso da realidade, negando dados sensoriais; a negação abole a realidade externa.
Projeção	O indivíduo atribui ao outro, pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos que ele desdenha ou recusa em si.
Racionalização	Apresentação de explicações racionais em uma tentativa de justificar atitudes, crenças ou comportamentos que podem, de outro modo, ser inaceitáveis.
Recalque	O indivíduo expulsa da consciência desejos, pensamentos ou experiências penosas.
Recusa da realidade	O indivíduo recusa a reconhecer como reais certos aspectos exteriores dolorosos, ou certas experiências subjetivas dolorosas que, no entanto, são patentes para o outro.
Regressão	Volta a um estágio anterior de desenvolvimento para encarar um conflito.

Fonte: Cançado e Sant'anna (2013, p. 251 e 252), elaborado a partir de Laplanche e Pontalis (2001) e Morin e Aubé (2009).

As experiências dolorosas advindas do ambiente de trabalho são nominadas de sofrimento. O sofrimento se dá pela distância entre o prescrito e o real, uma vez que o sujeito se depara com o real no trabalho pelo surgimento de incidentes e/ou imprevistos. Tal experiência ocorre de modo afetivo, a partir da vivência do fracasso, que gera a experiência de sofrimento (MORAES, 2013b; TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013; TORRES; ABRAHÃO, 2006) e pode se manifestar pela presença dos seguintes sentimentos:

[...] medo, insatisfação, insegurança, estranhamento, desorientação, impotência diante das incertezas, alienação, vulnerabilidade, frustração, inquietação, angústia, depressão, tristeza, agressividade, impotência para promover mudança, desgaste, desestímulo, desânimo, desgaste físico e emocional, desvalorização, culpa, tensão e raiva (MORAES, 2013b, p. 415).

O sofrimento pode ocorrer de três diferentes formas: criativo, ético e patológico ou patogênico.

No sofrimento criativo o sujeito transforma o sofrimento em algo benéfico para si, todavia, para ser capaz desta transformação, a organização do trabalho precisa oferecer certa flexibilidade para que ocorra uma negociação entre as imposições organizacionais e os seus conteúdos subjetivos (MORAES, 2013b; MONTEIRO; VASCONCELOS, 2015).

O sofrimento se torna criativo quando o trabalhador consegue “[...] subvertê-lo em prazer a partir da inteligência da prática, que é astuciosa, criativa e subverte a prescrição para acrescentar a contribuição do sujeito para a organização do trabalho. Esse tipo de inteligência parte da experiência [...]” (MORAES, 2013b, p. 416).

Já o sofrimento patogênico ocorre quando o trabalhador não encontra forma de negociar a organização de trabalho e o desejo do trabalhador, as vivências são fixas e rígidas, ficando impedido de exercitar sua capacidade criadora e necessitando usar de estratégias defensivas para suportar o trabalho. Tal sofrimento leva à vivência de fracasso, à frustração, à alienação e ao sentimento de impotência que, quando persistente, pode comprometer a saúde do sujeito (MORAES, 2013b; MONTEIRO *et al.*, 2015; DEJOURS, 2011).

Quando se depara com o hiato entre o prescrito e o real, o sujeito experimenta a sensação de fracasso e vivencia o sofrimento do não saber fazer; inicialmente adota uma posição passiva, por vezes marcada pela raiva e pelo desânimo. A sensação de fracasso coloca em risco sua identidade, sua competência, seu saber fazer. Para ultrapassar essa situação penosa, o sujeito necessita agir, o que inclui a capacidade de tolerar o sofrimento e investir em novas tentativas, até encontrar – ou criar – uma solução. É nesse processo que o trabalhador mobiliza seus recursos internos e coloca em ação sua criatividade. Manifesta-se uma inteligência que é guiada pelo sofrimento (inteligência prática), pois é a partir do mesmo que se chega à intuição da solução (MORAES, 2013b, p. 416).

De acordo com Moraes (2013b) o sofrimento no trabalho tem se agravado nas últimas décadas, tornando-se patogênico. A potencialização deste, leva à desestabilização e à depressão, abrindo portas para manifestação de patologias, psíquicas e/ou somáticas. Faz com que o sujeito duvide de sua capacidade e competência, podendo levar a uma crise de identidade.

O sofrimento ético se diferencia dos demais tipos de sofrimento, pois se trata de um conflito moral e emocional do sujeito consigo mesmo, como uma traição a si. Este, ocorre quando o trabalhador se submete ou participa de situações que vão de encontro aos seus princípios éticos e morais, ou que discorda intimamente, agindo de forma contrária a seus desejos e valores. “Ao cometer atos que ele mesmo condena moralmente, o sujeito vivencia o sofrimento através de manifestações como: insegurança, vergonha, medo e angústia” (VASCONCELOS, 2013, p. 421).

O sofrimento ético pode ter dois destinos: a negação, levando-o a ser minimizado, e o enfrentamento, realizado pela mobilização do sujeito, uma vez que “sofrer pelo mal que é infligido a si mesmo e ao outro é um modo de se indignar, de pensar, sentir e agir diante de uma realidade cruel” (MENDES; ARAÚJO, 2013, p. 94).

De acordo com Souto *et al.* (2017) o sofrimento é algo inerente da vida humana devido à sua finitude. Para Dejours (2011), o sofrimento é inerente ao ato de trabalhar, devido ao conflito entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico do sujeito. O trabalhar não é apenas fonte de sofrimento, mas também de prazer, sendo que um não exclui o outro, na realidade, são indissociáveis, um constructo único “prazer-sofrimento” (MENDES; MULLER, 2013).

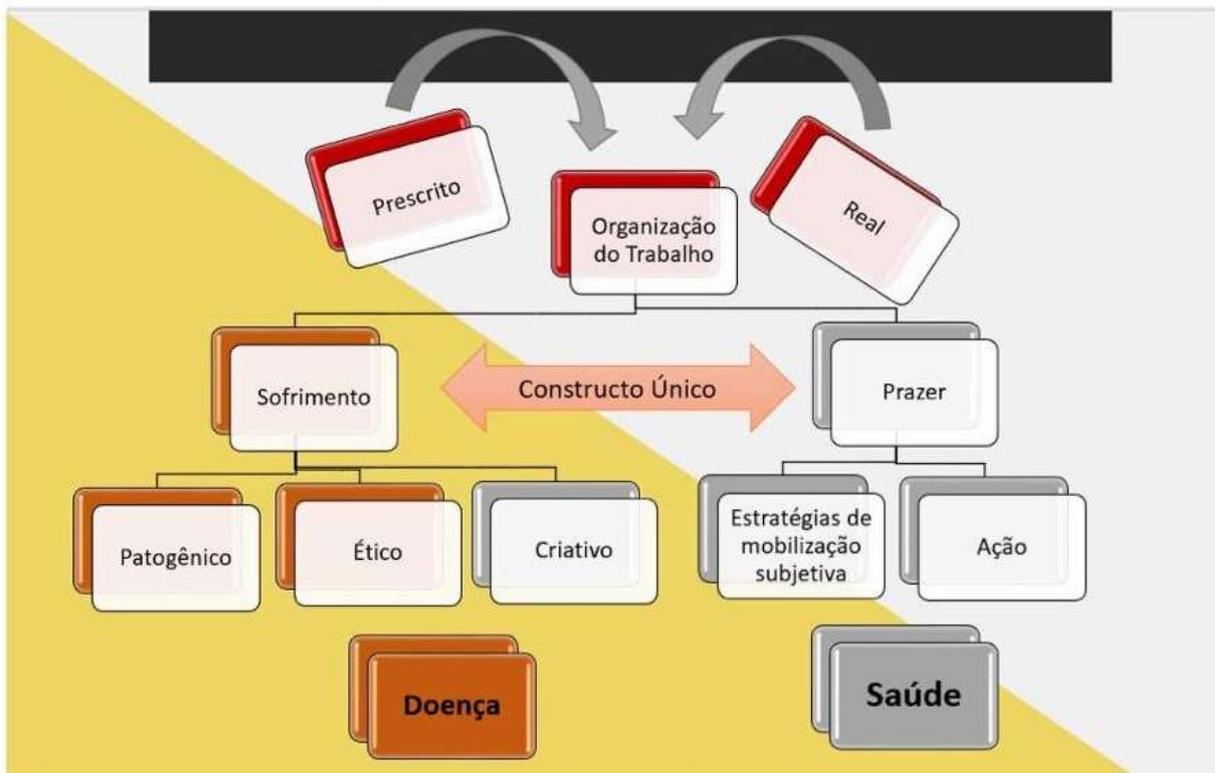
A palavra “Prazer” advém do latim e deriva do verbo *placere*, cujo significado é “agradar”, “parecer bem”. Dentro da psicodinâmica do trabalho, o prazer emerge dos contextos de trabalho e é um princípio mobilizador, que coloca o trabalhador para agir em busca da realização de si, gratificação e reconhecimento pelos demais, promovendo uma ressignificação do sofrimento (MENDES; MULLER, 2013). Resumindo:

O trabalho implica sempre um confronto com o real, um real que se deixa conhecer por sua resistência a se submeter aos conhecimentos e às diferentes formas de *saber-fazer*. Este confronto é gerador de sofrimento, um sofrimento que se torna patogênico – comprometendo a saúde – quando o confronto se torna intransponível eleva à repetição constante dos mesmos problemas, dos mesmos fracassos, tornando-se insuportáveis. Em sentido inverso, é na possibilidade de descolar os constrangimentos, os limites do real por estratégias, pela mobilização da inteligência, é justamente aí, que a saúde e o prazer podem ser conquistados, mesmo que de forma instável. A saúde e o prazer estão sempre por ser conquistados, não são jamais definitivamente adquiridos (LANCMAN; SZNELWAR, 2011, p. 434-435).

Desta forma, tanto o sofrimento quanto o prazer advém dos ajustes da história do sujeito juntamente com a organização do trabalho e o sofrimento pode ser subvertido em prazer através das condições sociais, políticas e éticas da organização e dos processos de trabalho, sendo o prazer uma vitória sobre a resistência do real (MENDES; MULLER, 2013; TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013).

O constructo único de prazer-sofrimento e a forma como estes ocorrem na organização do trabalho, podendo ser fonte de adoecimento ou de saúde é apresentado na figura a seguir:

Figura 06: Constructo único Prazer-Sufrimento



Fonte: Ghizoni (2018a).

Por fim, o prazer e sofrimento não são dissociáveis, constituindo um constructo único. Embora separados aqui de forma didática para serem melhor explicados, um não existe sem o outro e um não anula a presença do outro.

3.4 O QUE TEM SIDO FEITO NAS UNIVERSIDADES: ALGUMAS AÇÕES

O contingente de adoecimento, da ideação suicida e a concretude do suicídio têm se tornado cada vez mais recorrente na sociedade moderna. Dutra (2012) aponta que há poucos registros formais e oficiais a respeito do ato suicida, sendo estes mais difundidos pela mídia (redes sociais, *blogs*, *Instagram*, *Facebook*), o que colabora para uma quantificação incerta destes dados, que não conferem com a realidade.

Pelo senso comum, a maior causa do suicídio é a depressão, todavia, este é um evento multifatorial ou multidimensional, no qual há muitos outros fatores que colaboram para o adoecimento e o suicídio em universitários, como: desesperança, impulsividade, solidão, situação econômica e problemas financeiros, dificuldade de comunicação, pressão familiar, distanciamento da família, conflitos familiares, mudança no estilo de vida, pressões externas, entrada no mercado de trabalho, entrada em cursos técnicos, superior e pós-graduações (*lato* e

stricto sensu), altos padrões acadêmicos, hostilidade entre colegas, abuso de álcool e outras drogas, direção perigosa, conflitos interpessoais, percepção do corpo, estresse, transtornos psiquiátricos e desajustes psicossociais, transtornos de adaptação, de humor e alimentares, consumo de tabaco, ansiedade, baixo desempenho acadêmico, falta de apoio social, influência do contexto sociocultural, violência física na infância, violência sexual, orientação sexual, prática religiosa, isolamento social, ser vítima de *bullying*, automutilações, comportamento suicida na família ou amigos, histórico de tentativa de suicídio, dentre outros (MIRANDA *et al.*, 2018; DUTRA, 2012; PEREIRA; CARDOSO, 2015ab; SANTOS *et al.*, 2017; ZANDONÁ *et al.*, 2014).

Segundo Santos *et al.* (2017), o suicídio encontra-se como a segunda maior causa de morte entre os estudantes universitários, perdendo apenas para os ferimentos autoprovocados. Tal evidencia é bastante preocupante devido à possibilidade de anos a serem vividos por estes jovens e toda a sua potencialidade para contribuir com o mundo.

Alguns casos de tentativas de suicídios e concretização do ato ocorridos em algumas IES foram apresentados pela mídia formal e informal, como na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Unifesp, Universidade Federal do ABC (UFABC), na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na UnB, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na UFT.

Apesar de os riscos e fatores de pré-disposição evidenciados em universitários, com relação ao sofrimento, adoecimento psíquico e risco de suicídio, parece não haver muitas produções científicas no Brasil a respeito do tema, bem como estratégias de políticas públicas voltadas à prevenção e intervenção à ideia de suicídio e promoção da saúde mental nas universidades (MIRANDA *et al.*, 2018; PEREIRA; CARDOSO, 2015a; DUTRA, 2012; SALGADO *et al.*, 2018; BISPO; HELAL, 2013).

Todavia, as universidades, seus colegiados e equipes técnicas, parecem estar se sensibilizando com a saúde mental de seus discentes e, mesmo que ainda timidamente, realizam ações em prol da qualidade de vida e da saúde física e mental, visando a proteção do sujeito prevenção da ideação e do ato suicida nos jovens universitários.

De acordo com a Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fiocruz (ENSP/Fiocruz, 2017) e Dutra (2012), como os casos de ansiedade e depressão, bem como de suicídio ou tentativas vem crescendo nas IES nos últimos anos, as instituições criaram núcleos de prevenção e atendimento psicológico e grupos de apoio, oferecendo ajuda aos discentes.

A UnB criou, no segundo semestre de 2018, uma disciplina intitulada “Felicidade”, idealizada pelo professor, doutor em psicologia pela UnB, Wander Pereira da Silva, inspirado

em experiências de Harvard e Yale, após vários suicídios de discentes na universidade nos últimos dois anos¹⁴.

O objetivo principal desta disciplina foi proporcionar, aos discentes, “condições para enfrentar as adversidades da vida – tanto acadêmica quanto pessoal – e ajudá-los a encontrar algo que “faça sentido para si e para os outros”, explicou o professor titular, Wander Pereira da Silva”¹⁵.

Inspirado nesta disciplina, no primeiro semestre de 2019, a professora doutora Liliam Deisy Ghizoni, da UFT, ministrou, juntamente com suas alunas de mestrado Janaína Vilares da Silva (esta pesquisadora) e Jordanna Parreira, a disciplina “Prazer e Sofrimento na Universidade” como uma disciplina optativa para os cursos de graduação em jornalismo e administração.

A proposta desta disciplina foi: a) trabalhar com os discentes o cuidar do outro e de si mesmo enquanto acadêmico; b) dialogar sobre os fatores psicológicos que interferem no desempenho acadêmico, como insegurança e desamparo, ansiedade, timidez, depressão, etc. e c) e construir coletivamente caminhos para dar espaço ao sofrimento criativo, ao prazer e a saúde mental no espaço acadêmico¹⁶.

Devido ao sucesso da disciplina “Prazer e Sofrimento na Universidade”, e pelo aumento da demanda em continuar com ações como essa, a professora Liliam Ghizoni organizou na UFT mais duas turmas desta disciplina em 2019/2, sendo uma ministrada nas segundas-feiras à noite para acadêmicos dos cursos de jornalismo, filosofia, arquitetura e medicina e nas quintas-feiras à tarde para os acadêmicos dos cursos de administração, engenharia civil e engenharia elétrica. Destaca-se que não houve alunos de filosofia e arquitetura matriculados, ao passo que alunos de Direito participaram da turma de quinta a tarde.

Neste semestre as disciplinas foram organizadas com uma dinâmica diferenciada, sendo cada aula ministrada por um profissional diferente (professores e técnicos da UFT, além de convidados externos, mas todos psicólogos(as)), contribuindo com a dinamicidade da disciplina e possibilitando aos discentes contatos e experiências novas e distintas a cada aula.

As figuras a seguir apresentam o trabalho final da disciplina ministrada às segundas-feiras à noite, com jogos e dinâmicas, pensadas e executadas juntamente com a comunidade acadêmica, pelos discentes da turma:

¹⁴ Disponível em: <<http://www.portalbr4.com.br/Artigo/4636/materia>> Acessado em: 01 mar 2019.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.portalbr4.com.br/Artigo/4636/materia>> Acessado em: 01 mar 2019.

¹⁶ Informação retirada do Plano de Ensino da Disciplina.

Figura 07: Atividade final da disciplina “Prazer e Sofrimento na Universidade”, segunda-feira - Arco e Flecha.



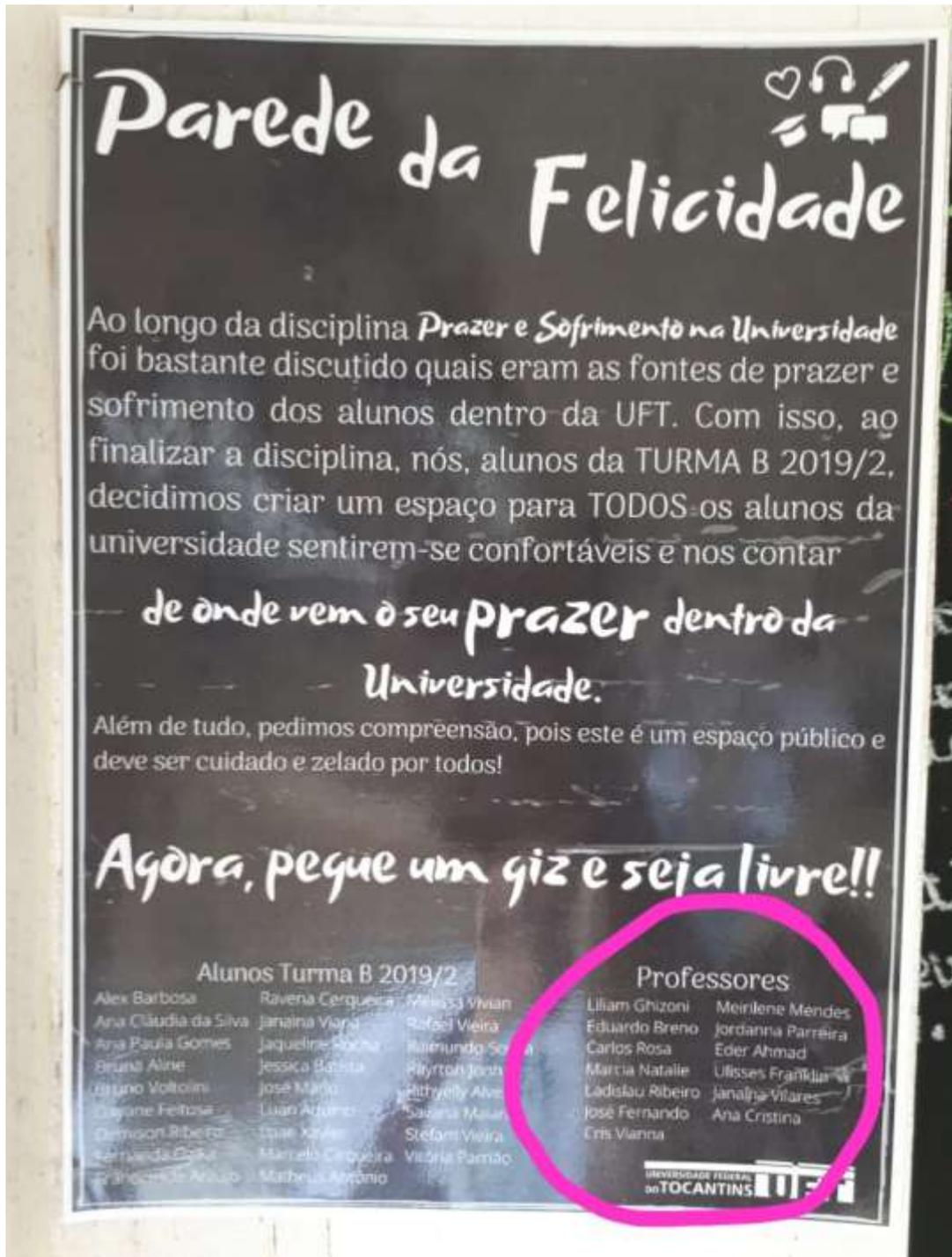
Fonte: Arte elaborada pelos discentes da disciplina “Prazer e Sofrimento na Universidade” 2019/2, de quinta-feira.

Figura 08: Atividade final da disciplina “Prazer e Sofrimento na Universidade”, segunda-feira - Xadrez.



Fonte: Arte elaborada pelos discentes da disciplina “Prazer e Sofrimento na Universidade” 2019/2, de quinta-feira.

Figura 10: Atividade final da disciplina “Prazer e Sofrimento na Universidade”, quinta-feira - arte “Parede da Felicidade”.



Fonte: Arte elaborada pelos discentes da disciplina “Prazer e Sofrimento na Universidade” 2019/2, de quinta-feira.

A UFT também criou, no ano de 2018, um programa institucional intitulado “Mais Vida”¹⁷, formado por representantes de todas as pró-reitorias da universidade, professores e servidores técnicos dos sete *campi*.

¹⁷ Portaria Nº 559 de 11 de abril de 2018.

O intuito deste programa é “Implantar uma política institucional de bem estar e saúde mental para a comunidade acadêmica da universidade; Elaborar estratégias de prevenção e enfrentamento a saúde mental de estudantes e servidores, articulando ações de pesquisa, ensino e extensão; Oferecer ações práticas que valorizem a qualidade de vida, o bem estar social e a saúde da comunidade acadêmica, como atividades físicas e culturais” (UFT, 2018, p. 09).

O professor Ladislau Ribeiro do Nascimento, da UFT, membro do Programa “Mais Vida” realizou em 2018/2 e em 2019/1 oficinas de intervenção com acadêmicos da cidade de Arraias (TO), a pedido de Roberta Gama, assistente social do Campus de Arraias da UFT. Além disso, em parceria com as psicólogas e pedagogas da Coordenação de Estágio e Assistência Estudantil (COEST) do Campus de Palmas da UFT, Mel Mendes, Márcia Natalie, Patrícia Resende e Daniela, foram realizados três encontros de intervenção com acadêmicos do curso de Ciências da Computação, que contaram com a colaboração do coordenador do curso, professor Ary, que se colocou à disposição e mobilizou alguns colegas de seu colegiado a fim de encontrar espaços no cronograma de aulas.

No curso de Arquitetura, devido ao engajamento da professora Bia Velasques, foram criados espaços de escuta e de fala para os acadêmicos dos períodos iniciais. No curso de pedagogia, a partir de mobilização da professora Patrícia Medina, foram realizadas duas oficinas.

Na UFT, segundo o professor Ladislau, em todos os encontros, “as queixas de acadêmicos incluíram dificuldades para lidar com as demandas de seus respectivos cursos, em meio à competitividade e aos outros inúmeros desafios atrelados ao cotidiano acadêmico-universitário, tais como: dificuldades para cumprimento de prazos, especialmente no caso daqueles que trabalham; falta de expectativas em relação à inserção no mundo do trabalho; conflitos no seio familiar em virtude de mudanças e transformações articuladas à inserção no ensino de nível superior e ao inevitável - e desejável - contato com valores, ideais e objetivos nem sempre convergentes com aqueles constituídos em suas respectivas famílias”¹⁸.

Além dessas questões, também foi constatado sofrimento psicossocial relacionado às dificuldades de aprendizagem, invariavelmente originadas no processo de formação educacional básica. Tais dificuldades podem ser entendidas como “problemas de escolarização”, que reverberam no desempenho acadêmico de diversos universitários.

¹⁸ Informação socializada no grupo de *WhatsApp* “Promoção à vida UFT”.

No mês de setembro de 2019, a UFT inteira se engajou na promoção diversas ações, em todos os Campi, através do Programa “Mais Vida”, em prestígio ao “Setembro Amarelo - Mês de Combate ao Suicídio”, iniciada pelo Campus de Palmas em conjunto com a Reitoria, conforme imagem abaixo:

Figura 11: Diálogos sobre saúde mental na universidade - Campus Palmas A.



Fonte: Arte elaborada pela SUCOM da UFT, em setembro de 2019.

Figura 12: Diálogos sobre saúde mental na universidade - Campus Palmas B.



SETEMBRO AMARELO
Mês de prevenção ao suicídio

O PROGRAMA MAIS VIDA PROMOVE:

**DIÁLOGOS SOBRE SAÚDE MENTAL
NA UNIVERSIDADE**

04 DE SETEMBRO

8H - MESA DE ABERTURA
9H30 - OFICINA: A PERSPECTIVA DA SUBJETIVIDADE EM SAÚDE MENTAL:
ESTRATÉGIAS, AVANÇOS E DESAFIOS.
PROF. DR. DANIEL GOULART - UNICEUB BRASÍLIA

14H - MESA REDONDA: SAÚDE MENTAL NAS IES
JONATHA ROSPIDE (UNITINS/CRP), EDILSON BARROS DE MACEDO (UFT/FACDO),
FERNANDO MACHADO (IFTO), ANA BEATRIZ DUPRÉ (ULBRA)

16H - MESA REDONDA: PREVENÇÃO DO SUICÍDIO E PROMOÇÃO DA VIDA
RAPHAELLA PIZANI (HGP), GLÁUCIA RÓCHA (UFT), HARELI FERNANDA CECCHIN (UFT),
LENY CARRASCO (IFTO, FESP E PREFEITURA DE PALMAS)

05 DE SETEMBRO

8H - COMPARTILHAMENTO DAS ATIVIDADES DE QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE MENTAL
NOS SETE CÂMPUS
14H - APRESENTAÇÃO DOS DADOS DO PROGRAMA MAIS VIDA
15H30 - PALESTRA DE ENCERRAMENTO
17H - ENCERRAMENTO CULTURAL - PRAINHA DA UFT

LOCAL: CUICA - UFT - CÂMPUS DE PALMAS
INFORMAÇÕES: MAISVIDA@UFT.EDU.BR
INSCRIÇÕES: [HTTP://BIT.DO/EVENTOMAISVIDA](http://bit.do/eventomaisvida)



HAVERÁ CERTIFICAÇÃO AOS PARTICIPANTES




Fonte: Arte elaborada pela SUCOM (Superintendência de Comunicação) da UFT, em setembro de 2019.

Logo após esse início em Palmas, se espalhou aos demais Campi: Porto Nacional, Arraias, Tocantinópolis, Araguaína, Miracema e Gurupi, conforme imagens a seguir:

Figura 13: Diálogos sobre saúde mental na universidade - Campus Tocantinópolis.



SETEMBRO AMARELO

Mês de prevenção ao suicídio

CÂMPUS TOCANTINÓPOLIS

DIÁLOGOS SOBRE SAÚDE MENTAL NA UNIVERSIDADE

06 de SETEMBRO

14h30 - Oficina de consciência corporal (20 vagas)*
Luana Mara Pereira
Sala 10 – Unidade Babaçu

13 de SETEMBRO

14h30 - Roda de conversa: Saúde mental na vida universitária
Luiz Cláudio Ferreira Alves e Janaína Ribeiro de Rezende
Sala 10 – Unidade Babaçu

20 de SETEMBRO

14h30 - Cine debate: "Nise: O coração da Loucura"
Cristina Fonseca
Auditório Unidade Babaçu



*Inscrições no link:
https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQL5ear885TZyFGqBWqqQTF_YA4XxAZdtaGt0XwN9ZbP4biAbLXg/viewform
HAVERÁ DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO



Fonte: Arte elaborada pela SUCOM da UFT, em setembro de 2019.

As ações incluíram várias atividades, como: panfletagens, palestras, mesas redondas, oficinas, rodas de conversa, cine-debate, corrida de rua, psicoterapia em grupo, acolhimentos, oficinas, pinturas, atividades esportivas, danças e lutas, pintura de murais, concursos de fotos e frases, dentre outras; cuja finalidade é a promoção de saúde e prevenção do adoecimento psíquico na universidade. Conforme exemplificado na figura a seguir:

Figura 14: Grupo de Encontro de Aluno(as) – Campus Araguaína.



Grupo de Encontro de Alunos (as) UFT

Facilitador:
Edilson Barros de Macedo
(Psicólogo UFT) e alunas de Psicologia.

Dia de Encontro:
Terças-feiras - 09h.

É um grupo pequeno que se encontrará semanalmente para uma vivência intensa em clima de liberdade.

OBJETIVO: Propiciar vivências intensivas de grupo, que possam permitir a ampliação do conhecimento de si mesmo e maior desenvolvimento para o relacionamento interpessoal.

Refúgio

Quando todos parecem conspirar contra você, quando o mundo parece desabar ao seu redor, haverá ainda um lugar onde é: Lá você pode sentir e chorar e falar da dor e suspirar o peito cheio de mágoa. Lá é trégua de guerra, é refúgio tranquilo, é porto seguro. Venha ancorar aqui seu coração.

Clara, Tolman de Miranda

Informações:
(63) 3416-5629
Setor de Ações em Saúde

Realização: Setor de Ações em Saúde - SAS/GDH

GHD
Câmpus de Araguaína

UNIVERSIDADE FEDERAL do TOCANTINS UFT
Câmpus de Araguaína

Fonte: Arte elaborada pela SUCOM da UFT, em setembro de 2019.

As imagens a seguir são do mural em grafite, de autoria do servidor da UFT, Romário, e da ação “Vale a Pena Viver”, um concurso que premiou fotos e frases relativos ao setembro amarelo, desenvolvidos no Câmpus de Gurupi na campanha do “Setembro Amarelo” da UFT.

De acordo com o Instagram @uftoficial, o objetivo dessas ações foi “despertar em toda comunidade acadêmica o desejo de nos libertarmos de tudo que nos impeça de voar, permitindo assim que, voemos ao encontro de nossa felicidade”.

Figura 15: Mural Vale a Pena Viver I.



Fonte: Instagram @uftoficial, em setembro de 2019.

Figura 16: Mural Vale a Pena Viver II.



Fonte: Instagram @uftoficial, em setembro de 2019.

Além destas experiências da UFT, das quais se tem mais proximidade dado o fato de a pesquisadora compor a equipe do “Programa Mais Vida”, foram encontradas também as experiências a seguir:

Professores do Instituto de Psicologia da USP, do departamento de Psicologia Clínica, do Laboratório de Psicanálise, Saúde e Instituição criaram uma proposta de um grupo de pesquisa, intitulado “Silenciamento, isolamento e sofrimento dos jovens universitários”, para se iniciar no primeiro semestre de 2019, com encontros quinzenais de duas horas cada¹⁹.

O objetivo do grupo é propor um espaço para que ocorram debates e investigações em torno do tema “sofrimento de jovens universitários na atualidade”, acompanhado de queixas a respeito de questões como: o alto grau de exigência e de competição das universidades, a falta

¹⁹ Informação retirada do documento de proposta da criação do grupo de pesquisa “Silenciamento, Isolamento e Sofrimento dos Jovens Universitários”, socializada no grupo de *WhatsApp* “Saúde Mental na IES”.

de estrutura institucional adequada, falta de apoio à permanência, dúvidas sobre o futuro e a vida profissional, a solidão e o isolamento, dentre outras²⁰.

A Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) possui o Núcleo de Apoio Psicossocial e Educacional (NAPE), uma estrutura de caráter permanente, de natureza institucional e multidisciplinar, ligado a Pró Reitoria de Graduação (PROGRAD), destinado a atender a comunidade acadêmica da instituição. De acordo com Ulisses Franklin Carvalho da Cunha, psicólogo e coordenador deste setor e informações retiradas da página do NAPE, este núcleo disponibiliza serviços, oferecidos por uma equipe multidisciplinar, voltados para o acolhimento e desenvolvimento de apoio psicológico, social e educacional, contribuindo para o fortalecimento dos processos de ensino aprendizagem e permanência no ciclo acadêmico²¹.

Este núcleo tem como público alvo os discentes, docentes e técnicos administrativos da instituição. O acesso aos serviços é realizado a partir das demandas apresentadas por cada público-alvo, por encaminhamentos formais dos docentes, coordenadores dos cursos, assessoria pedagógica e direção do Campus, ou ainda por iniciativa própria de cada um dos interessados em usufruir dos serviços prestados. Atualmente a equipe é composta por um psicólogo, uma pedagoga, uma assistente social e uma assessora administrativa. Funciona de segunda a sexta-feira das 8h às 22h e aos sábados de 8h às 12h²².

O Centro Universitário Luterano de Palmas/Universidade Luterana do Brasil (CEULP/ULBRA) possui um núcleo chamado “Alteridade - Núcleo de Atendimento Educacional Especializado aos Discentes”, sob a coordenação da professora Dr.^a Irenides Teixeira, juntamente com o trabalho de monitores, estagiários, secretários e intérprete de Libras. O objetivo deste núcleo é oferecer suporte psicológico aos discentes, com relação à acessibilidade, processos de ensino e aprendizagem, saúde mental e desenvolvimento de habilidades profissionais no contexto universitário²³.

Para o atendimento no Alteridade, o discente pode procurar o setor pessoalmente, por vontade própria, ou ser encaminhado por um professor e/ou coordenador do seu curso. Após ser acolhido, terá seus horários agendados, tendo direito a cinco encontros semestrais, com o

²⁰ Informação retirada do documento de proposta da criação do grupo de pesquisa “Silenciamento, Isolamento e Sofrimento dos Jovens Universitários”, socializada no grupo de *WhatsApp* “Saúde Mental na IES”.

²¹ Informações retiradas do site: <https://www.unitins.br/nportal/graduacao/page/show/nape>. E fornecidas pelo psicólogo do setor Ulisses Franklin Carvalho da Cunha.

²² Informações retiradas do site: <https://www.unitins.br/nportal/graduacao/page/show/nape>. E fornecidas pelo psicólogo do setor Ulisses Franklin Carvalho da Cunha.

²³ Informações retiradas do site: <https://www.ulbra.br/palmas/infraestrutura-e-servicos/alteridade>.

tempo médio de trinta minutos de duração. Além dos discentes do CEULP/ULBRA, a equipe do núcleo também pode orientar seus familiares²⁴.

A professora Ana Paula Todaro, da Universidade Federal Fluminense (UFF), polo Volta Redonda - RJ, criou, junto com sua equipe, um projeto de extensão voltado para os discentes, e também realiza intervenções ao longo do ano. Realizaram uma disciplina com os alunos do primeiro período, a fim de iniciar o cuidado discente desde sua entrada na universidade. Além de um artigo contando estas experiências que será publicado em 2020 na Revista Farol da UFMG.

Recentemente (11.11.2019) a UFF lançou o “Programa de Prevenção e Atenção à Saúde Mental dos Estudantes”, que tem como objetivos: a melhoria da qualidade de vida dos estudantes, orientação sobre o acesso aos serviços que compõem a Rede de Saúde Mental da UFF e a Rede de Atenção à Saúde Mental Municipal, bem como apoiar institucionalmente os programas e projetos de atendimento à saúde mental aos estudantes da UFF²⁵.

A UFSCar, através do Prof.º Eduardo Pinto e Silva está elaborando um documento com “diretrizes para saúde mental” e está concorrendo a um edital para atender a atividades de um semestre com o projeto intitulado “o cuidado com estudantes universitários em situação de sofrimento psíquico”, um grupo operativo utilizando as técnicas de Pichon Rivière.

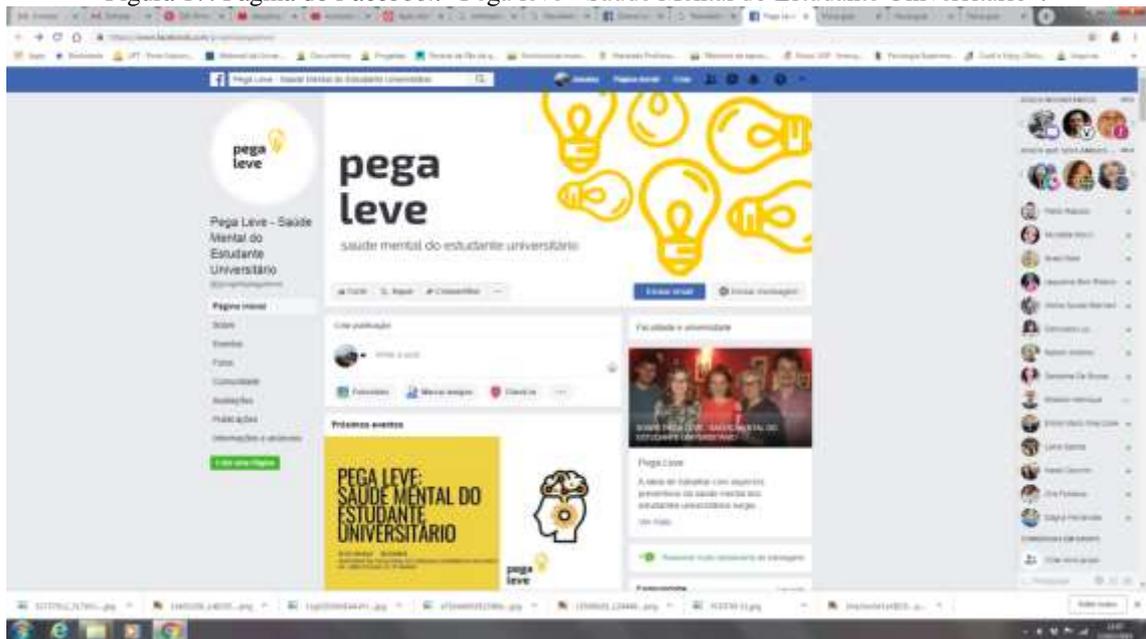
Vale destacar que, em 13 de abril de 2018, foi criado um coletivo interinstitucional de pesquisadores brasileiros, envolvidos com o tema da Saúde Mental nas Instituições de Ensino Superior. Atualmente o grupo, que se articula via *WhatsApp*, é composto por 59 pessoas (na data de 04.11.2019), dentre elas algumas das pessoas citadas aqui, incluindo esta pesquisadora.

A sociedade em geral e a mídia parecem também estar se sensibilizando com a situação dos discentes universitários do país. Há várias páginas no *Facebook*, por exemplo, para acolher e apoiar esses estudantes, bem como tirar sátira das situações habituais do dia a dia de situações comuns nas universidades, através de charges, tirinhas, memes, dentre outros, a fim de abordar os sofrimentos de forma mais leve e descontraída, conforme exemplificada pelos *prints* a seguir:

²⁴ Informações retiradas do site: <https://www.ulbra.br/palmas/infraestrutura-e-servicos/alteridade>.

²⁵ Informações retiradas do site: <http://www.uff.br/?q=tags/saude-mental>.

Figura 17: Página do *Facebook* “Pega leve - Saúde Mental do Estudante Universitário”.



Fonte: <https://www.facebook.com/projetopegaleve/>. Print em 11.02.2019.

A página do *Facebook* “Pega leve - Saúde Mental do Estudante Universitário” foi criada por estudantes da Diretoria da Liga de Psiquiatria e Saúde Mental, como um Projeto de Extensão vinculado à Faculdade de Medicina (FAMED) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), criado em 2018, cujo objetivo principal é “criar uma rede de identificação e encaminhamento adequado de estudantes em risco, além de visibilizar a questão da saúde mental na universidade”²⁶.

Figura 18: Página do *Facebook* “Drama universitário”.

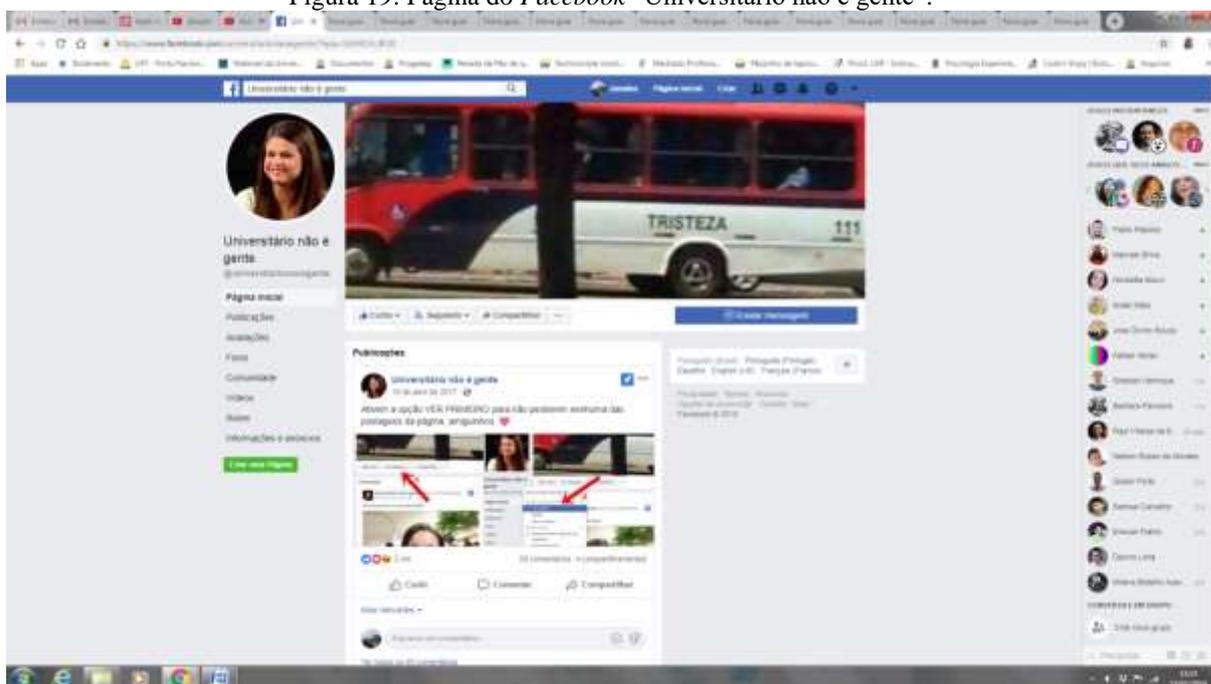


Fonte: <https://www.facebook.com/pg/DramaUniversitario/>. Print em 11.02.2019.

²⁶ Informações retiradas da própria página do *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/projetopegaleve/>> Acessado em: 01 mar 2019.

A página do *Facebook* “Drama universitário” foi criada em 2012 e é uma “série de animação sobre o cotidiano universitário e seus dramas”, apresentando pequenos vídeos e cartoons na forma de humor²⁷.

Figura 19: Página do *Facebook* “Universitário não é gente”.



Fonte: https://www.facebook.com/universitariaoegente/?epa=SEARCH_BOX. Print em 11.02.2019.

A página do *Facebook* “Universitário não é gente” foi criada com a intenção de “reclamar da vida universitária”²⁸, através de memes e vídeos de humor com relação ao cotidiano universitário.

Há também o Centro de Valorização da Vida (CVV), uma associação civil sem fins lucrativos, filantrópica, fundada em São Paulo, formada por voluntários que “doam seu tempo e sua atenção para quem deseja conversar com outra pessoa de forma anônima, sigilosa e sem julgamentos ou críticas” e realizam “apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo por telefone, *e-mail* e *chat* 24 horas todos os dias”²⁹.

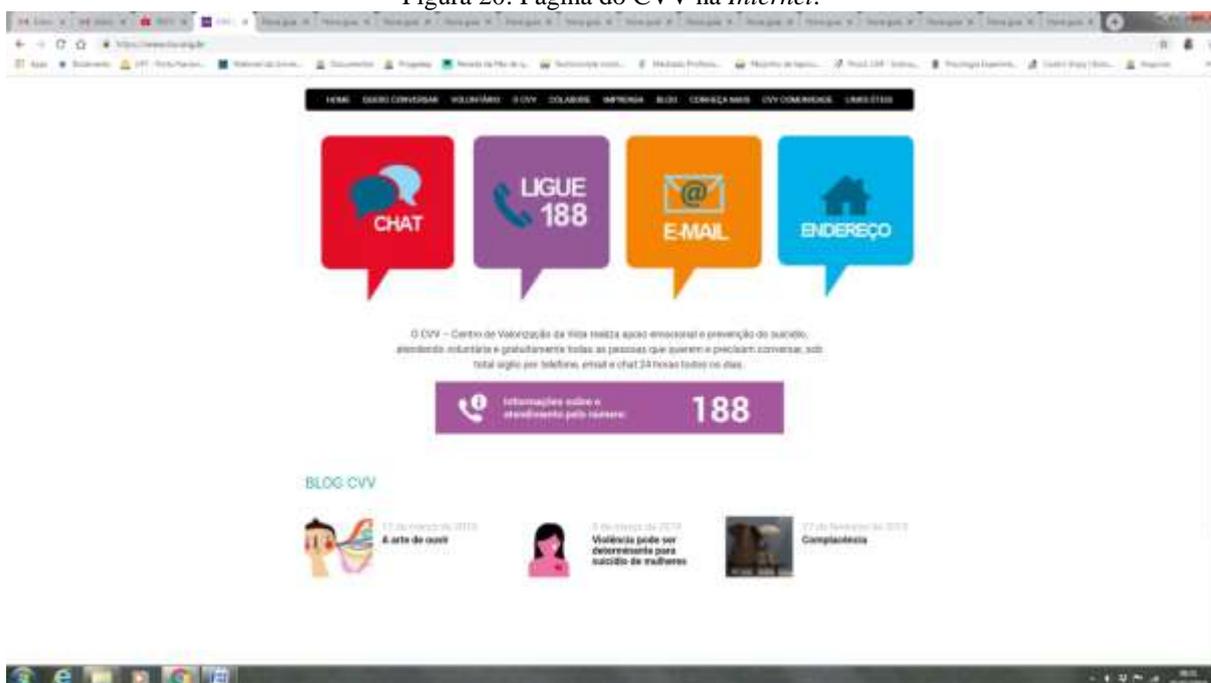
²⁷ Informações retiradas da própria página do *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/DramaUniversitario/>> Acessado em: 01 mar 2019.

²⁸ Informações retiradas da própria página do *Facebook*. Disponível em: https://www.facebook.com/universitariaoegente/?epa=SEARCH_BOX. Acessado em: 01 mar 2019.

²⁹ Informações retiradas do site oficial do CVV. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/>. Acessado em: 01 mar 2019.

Qualquer pessoa com 18 anos de idade ou mais, com pelo menos quatro horas por semana disponível e desejo de ajudar pessoas, pode se inscrever para ser plantonista do Programa de Apoio Emocional do CVV, participando de um curso gratuito para a de preparação de voluntários, em uma de suas sedes ou no ambiente virtual. O CVV também possui um blog vinculado à sua página da internet, com textos que abordam as questões de saúde mental e prevenção de suicídio, conforme imagem abaixo³⁰:

Figura 20: Página do CVV na *Internet*.



Fonte: <https://www.cvv.org.br/>. Print em 11.02.2019.

Além dos atendimentos, realizados em 93 postos espalhados em todo Brasil, o CVV realiza outras ações para a comunidade, sempre relacionadas ao apoio emocional, visando estimular uma melhor convivência consigo mesmo e em grupo, bem como o autoconhecimento. O CVV também mantém o Hospital Francisca Julia, que fica em São José dos Campos – São Paulo (SP), e atende pessoas com transtornos mentais e dependência química³¹.

Embora o CVV não tenha sido criado devido a situação atual das universidades, bem como para auxiliar os universitários e a comunidade acadêmica especificamente, apresenta-se como um ponto de auxílio para estes jovens.

³⁰ Informações retiradas do site oficial do CVV. Disponível em: <<https://www.cvv.org.br/>> Acessado em: 01 mar 2019.

³¹ Informações retiradas do site oficial do CVV. Disponível em: <<https://www.cvv.org.br/>> Acessado em: 01 mar 2019.

4 RESULTADOS

Participaram da presente pesquisa o total de 185 estudantes, todavia, após se aplicar os critérios de inclusão e exclusão, restou o total de 176 (100%) estudantes de pós-graduação *stricto sensu* como participantes com respostas válidas. Um participante foi excluído da pesquisa devido ao fato de ser aluno especial de doutorado e oito foram excluídos por não pertencerem à área de Comunicação, ou seja, os programas aos quais estão vinculados não estão na área de Comunicação da plataforma Sucupira da CAPES até o momento da conclusão desta pesquisa.

Desta forma, os estudantes se dividem, com relação à modalidade de estudo, conforme tabela abaixo³²:

Tabela 02: Comparações das modalidades de pós-graduação *stricto sensu*.

MODALIDADE DA PÓS-GRADUAÇÃO	DISCENTES		TOTAL
	MESTRADO	DOCTORADO	
Acadêmico	64,8% (114)	27,3% (48)	92,0% (162)
Profissional	8,0% (14)	---	8,0% (14)
Total	72,7% (128)	27,3% (48)	100,0% (176)

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Na divisão por sexo dos respondentes, verificou-se um percentual mais elevado no quantitativo do sexo feminino (65,9%) em relação ao masculino (34,1%). Com relação ao estado civil, a maioria se declarou solteiro (52,3%), seguido dos declarados casados ou em união estável (41,5%).

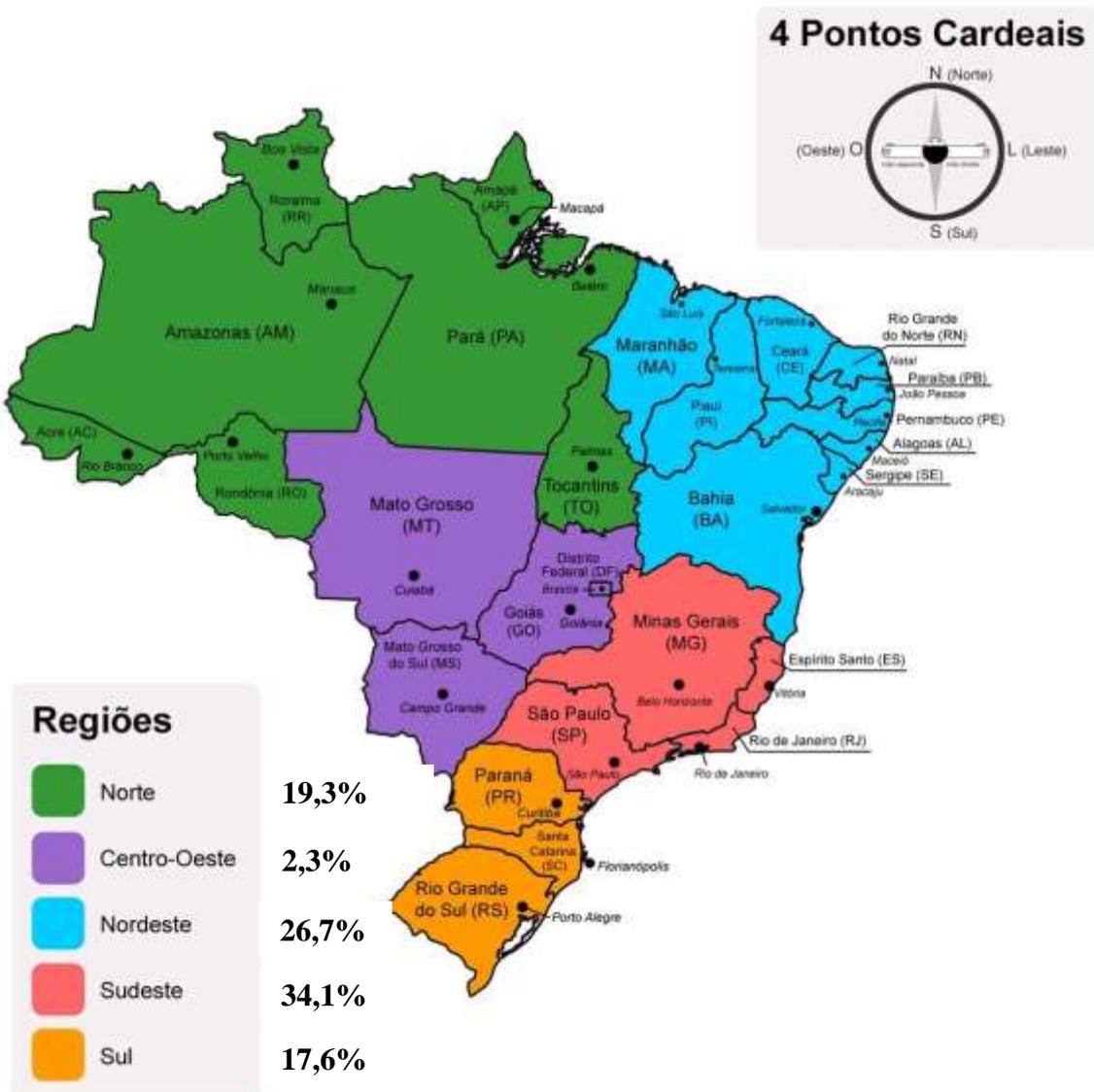
Em relação à quantidade de filhos, verificou-se que 30,1% tem filhos e 69,9% não tem. Dos que possuem (53 discentes), 54,7% tem apenas 1 filho, 34% tem 2 filhos, 9,4% tem 3 filhos e 1,9% têm 4 filhos. Nenhum dos participantes tem 5 filhos ou mais. Em comparação com sexo, as pós-graduandas mulheres possuem mais filhos do que os homens, somando-se em 71,7%.

³² Atualmente há poucos doutorados profissionais no Brasil, devido ao fato de ser uma modalidade nova. Na área de Comunicação não existe nenhum doutorado profissional registrado na Plataforma Sucupira da CAPES até o momento de conclusão da presente pesquisa.

Quanto à faixa etária, dentre os respondentes, verificou-se uma amplitude entre 18 e 30 anos de idade (45,5%), seguida da idade de 31 a 40 anos (39,2%) e de 41 a 50 anos (10,2%). Observa-se, assim, que os estudantes se caracterizam por serem jovens, todavia, 5,1% possuem 51 anos ou mais. A maioria dos indivíduos, (41,5%), afirmou residir com companheiro(a)/esposo(a), seguidos dos que residem com os pais (19,3%), sozinho(a) (16,5%) e com amigos(as)/colegas (10,2%).

Na divisão dos participantes quanto à região geográfica das universidades, observa-se as distinções na figura abaixo:

Figura 21: Participantes por região do país.



Fonte: <https://br.pinterest.com/>. Salvo em 01.11.2019. Alterado pela autora (2019).

A tabela abaixo apresenta a correlação entre todas as variáveis apresentadas até o presente momento, distinguindo os estudantes de mestrado e de doutorado.

Tabela 03: Comparações das variáveis da população estudada.

VARIÁVEL	DESCRIÇÃO VARIÁVEL	MODALIDADE DA PÓS-GRADUAÇÃO		TOTAL
		MESTRADO	DOCTORADO	
Sexo	Masculino	26,7%	7,4%	34,1%
	Feminino	46,0%	19,9%	65,9%
Idade	18 a 30 anos	38,6%	6,8%	45,5%
	31 a 40 anos	23,9%	15,3%	39,2%
	41 a 50 anos	6,3%	4,0%	10,2%
	Mais que 51 anos	4,0%	1,1%	5,1%
Estado Civil	Casado/união estável	29,0%	12,5%	41,5%
	Divorciado/separado	2,8%	2,3%	5,1%
	Solteiro	39,8%	12,5%	52,3%
	Viúvo	1,1%	---	1,1%
Filhos	Sim	22,2%	8,0%	30,1%
	Não	50,6%	19,3%	69,9%
Região do Brasil em que se situa o Programa de Pós-Graduação	Centro-oeste	2,3%	---	2,3%
	Nordeste	20,5%	6,3%	26,7%
	Norte	17,6%	1,7%	19,3%
	Sul	13,1%	4,5%	17,6%
	Sudeste	19,3%	14,8%	34,1%
Reside na cidade em que se encontra o Programa de Pós-Graduação	Sim	56,8%	19,3%	76,1%
	Não	15,9%	8,0%	23,9%

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Apesar de a maioria dos respondentes encontrarem-se na região sudeste, o programa que obteve mais estudantes que responderam à pesquisa estão concentrados na Universidade Federal do Tocantins e na Universidade Federal de Pernambuco, que se encontram nas regiões norte e nordeste, respectivamente. Conforme pode ser observado na tabela a seguir:

Tabela 04: Programas de pós-graduação *stricto sensu* em Comunicação do Brasil.

PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO <i>STRICTO SENSU</i>	FREQUÊNCIA	%
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade - Universidade Federal do Tocantins - UFT	27	15,3
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	25	14,2
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal do Paraná - UFPR	15	8,5
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades - Universidade Federal do Espírito Santo - UFES	12	6,8
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio	12	6,8
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ	10	5,7
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG	9	5,1
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	9	5,1
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal de Sergipe - UFSE	8	4,5
Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia - Universidade Federal do Pará - UFPA	7	4,0
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo - Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM	5	2,8
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa - Fundação Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA	5	2,8
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal do Ceará - UFC	4	2,3

Programa de Pós-Graduação em Indústrias Criativas - Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP	4	2,3
Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público - MPCOM - Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS	4	2,3
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS	4	2,3
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal do Maranhão - UFMA	3	1,7
Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual – PPGCINE - Universidade Federal Fluminense - UFF	3	1,7
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP	2	1,1
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal do Piauí - UFPI	2	1,1
Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som - Universidade Federal de São Carlos - UFSCar	2	1,1
Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano - Universidade Federal Fluminense - UFF	1	0,6
Programa de Mestrado em Jornalismo - Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG	1	0,6
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Estadual Paulista - Unesp	1	0,6
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal de Santa Maria - UFSM	1	0,6
Total	176	100,0

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Observa-se na tabela acima que 45,45% das universidades listadas neste estudo (Apêndice B) tiveram pelo menos um pós-graduando que a respondeu, todavia, a adesão dos estudantes à pesquisa foi diferente. Infere-se que o instrumento chegou a boa quantidade do público alvo e que o quantitativo de participantes maior da UFT se deve ao fato de os mestrandos serem colegas da pesquisadora e participarem de um mesmo grupo no *WhatsApp*,

o que demonstra um laço de solidariedade e cooperação, algo raro na sociedade contemporânea, pois se entende que responder pesquisas torna-se mais uma tarefa no cotidiano dos estudantes de pós-graduação.

Com relação à “organização do trabalho”, a maioria destes estudantes, 76,1%, residem na cidade em que realizam seus estudos, todavia, 21,6% tiveram que mudar de cidade para conseguirem estudar. A maioria se graduou no ano de 2010 (45,4%), seguidos dos anos de 2016 (10,8%) e 2018 (7,9%), sendo que os primeiros se graduaram no ano de 1990 (1,1%) e os últimos no primeiro semestre de 2019 (1,1%).

A maioria ingressou na pós-graduação entre 2018 (37,5%) e 2019 (37%), seguidos de 2017 (13,6%) e 2016 (10,2%), sendo que o primeiro ingressou no ano de 2004 (0,6%). Comparando as modalidades de mestrado e doutorado e o ano de inserção no programa, observa-se que a maioria dos mestrandos entraram no programa em 2018 (46,1%), seguidos dos que entraram em 2019 (44,5%), 2017 (7,9%) e 2016 (1,6%). Já os doutorandos, entraram em 2016 (33,3%), 2017 (29,2%), 2019 (16,7%), 2018 (14,6%), 2015 (4,2%) e 2014 (2,1).

Com relação ao curso concluído na graduação, a grande maioria se formou em Jornalismo (57,4%), seguidos por Publicidade e Propaganda (17%) e Relações Públicas (3,3%). Ou seja, a maioria dos estudantes são profissionais habilitados na área de comunicação social. Já fora da área de Comunicação Social, a maioria encontra-se no Direito (2,3%), seguidos de Artes Visuais (1,7%) e Letras (1,7%) com um percentual bem menor. É importante salientar que houve participantes formados em outras áreas, como Administração, Ciências Sociais, Economia e História, dentre outros, todavia, com menor adesão.

A maioria destes estudantes estavam cursando disciplinas no momento da aplicação do questionário (62,5%). Destes, 17,3% cursam pelo menos 1 disciplina de 30 horas semestrais, 16,4% cursam pelo menos 1 disciplina de 45 horas semestrais, 21,8% cursam pelo menos 1 disciplina de 60 horas semestrais, 1,8% cursam 1 disciplina de 90 horas semestrais e 0,9 cursam pelo menos 1 disciplina de 120 horas semestrais.

A maioria passa de 5 a 10 horas semanais (26,7%) estudando fora da sala de aula, seguidos de 16 a 20 horas (21%), 11 a 15 horas (17,6%), pelo menos 4 horas (14,8%) e 21 a 25 horas (8,0%). Observa-se que apenas 9,1% estudam mais do que 26 horas semanais e 2,8 não estudam fora da sala de aula.

A maioria fica envolvido com atividades do mestrado/doutorado por volta de 5 a 10 horas semanais (22,7%), seguidos de 16 a 20 horas (18,8%), 11 a 15 horas (18,2%), 21 a 25 horas (10,8%) e, pelo menos, 4 horas (10,2%). Sendo que 15,9% passam mais de 26 horas

semanais envolvidos com essas atividades e 3,4% não se encontram envolvidos com atividades do mestrado/doutorado durante a semana.

No que diz respeito ao trabalho, 58% dos participantes alegaram trabalhar concomitantemente à pós-graduação, com vínculos principalmente como celetistas (25,5%), seguidos de servidores públicos (20,6%), professores (13,7%) e *freelancers* (10,8%).

A grande maioria não possui bolsa para o estudo (62,5%). Dos que possuem (66 discentes), 74,2% é da CAPES, 13,6% da FACEPE (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco), 3,0% da FUNPAR (Fundação Universidade Federal do Paraná), 1,5% da FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) e as demais (7,5%) são institucionais, ou seja, algum tipo de bolsa provido pela própria universidade ou programa ao qual o discente faz parte. A maioria também não recebe auxílio financeiro de terceiros (54%) e, dos que recebem (81 discentes), a maioria é dos pais (74,1%), seguido dos cônjuges (19,8%) e avós (2,5%).

A maioria não possui nenhum auxílio da universidade (94,9%), e dos que possuem (9 discentes), dois enumeraram a bolsa alimentação (22,2%), um a bolsa permanência (11,1%) e um uma bolsa de trabalho em agência de comunicação da universidade (11,1%). Os demais que responderam sim a essa pergunta, elencaram obter desconto por ser ex-aluno da graduação, ensino gratuito e verba para eventos, professores, energia, biblioteca e orientação; e até mesmo o afastamento integral para cursar a pós-graduação, são considerados, por eles, uma forma de “auxílio” proveniente da universidade.

Com relação às formas de abusos, violências e sofrimentos na pós-graduação e na universidade, a grande maioria relatou não ter sofrido nenhuma violência no mestrado/doutorado (78,9%), todavia, os que sofreram (37 discentes) apontaram principalmente o assédio/violência psicológica (29,73%), seguidos de assédio/violência institucional (16,22%), assédio/violência moral (13,51%), assédio/violência moral juntamente com assédio/violência psicológica (13,51%) e assédio/violência Institucional (8,11%). Vale ressaltar que, nesta questão, o participante poderia marcar mais de uma opção, uma vez que o ambiente de trabalho/estudo pode propiciar um ou mais tipos de violências.

Todavia, por serem importantes as formas como essas violências se apresentavam, foram separadas de acordo com o que os participantes responderam à pergunta. Assim, alguns marcaram apenas uma das opções, outros duas ou mais e nesta pesquisa está apresentado conforme respostas dos participantes.

Já com relação às principais dificuldades encontradas durante o mestrado/doutorado, foram obtidas 1096 respostas, uma vez que nesta questão os participantes poderiam marcar

mais de uma opção. Assim, “conciliar o mestrado/doutorado com o trabalho”, seja ele, formal ou informal, apareceu como a maior dificuldade encontrada, seguida por “pressão pela produção” e por “dificuldades financeiras”. Já o “apoio familiar” aparece como algo pouco recorrente, bem como “discriminações e preconceitos” e a “falta de identificação com o programa”. Conforme pode ser observado no gráfico a seguir:

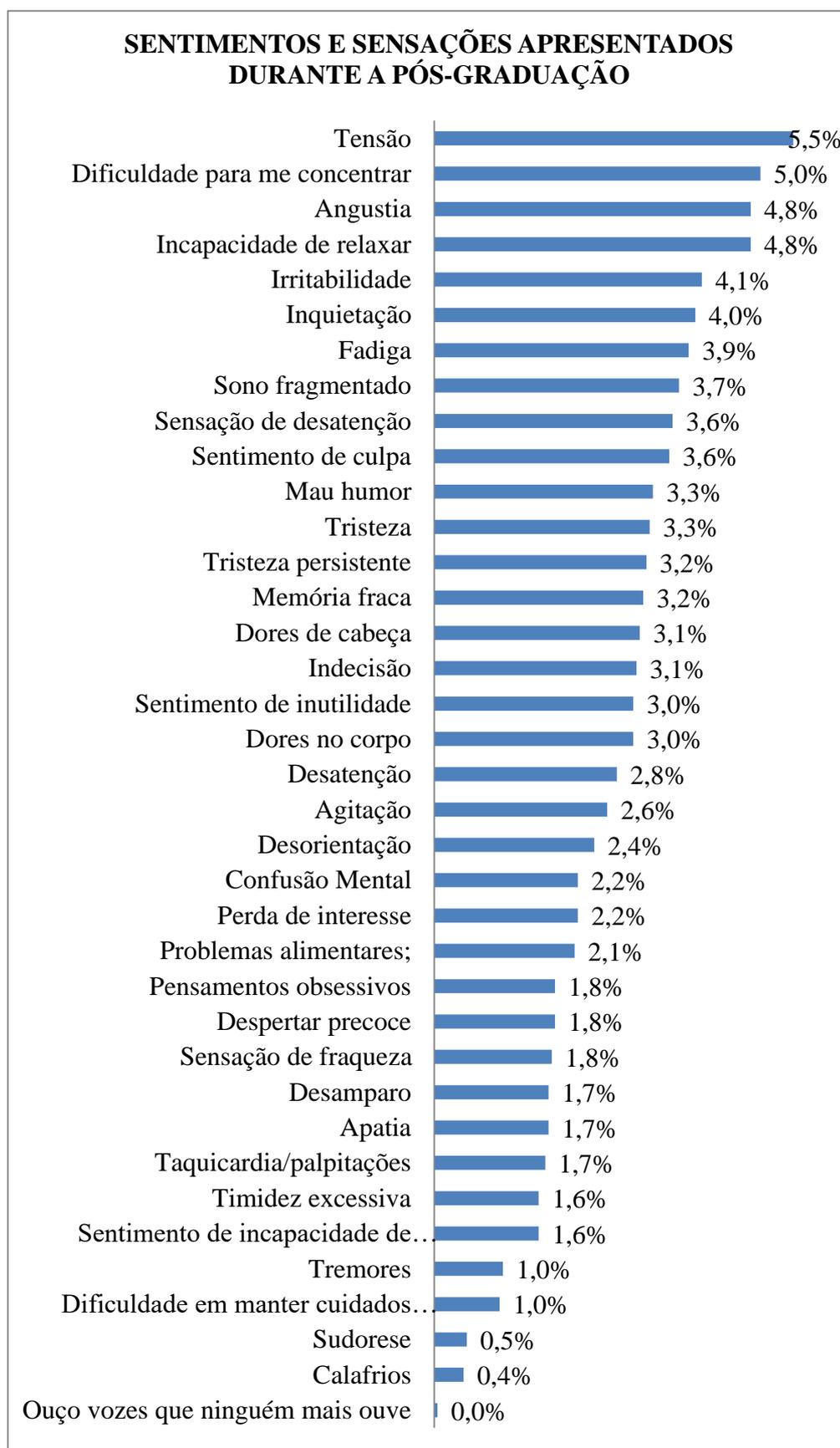
Gráfico 01: Principais dificuldades encontradas no mestrado/doutorado.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Com relação aos sentimentos e sensações que surgiram durante o curso de mestrado/doutorado, obteve-se 2001 respostas, uma vez que nesta questão os participantes poderiam marcar mais de uma opção. Assim, observa-se, no gráfico a seguir, que a grande proporção foi com relação à “tensão” presenciada durante o curso, seguidos, principalmente, da “dificuldade em se concentrar”, do sentimento de “angústia”, da “incapacidade de relaxar” e da sensação de “fadiga”. As sensações que apareceram em menor número foram sentir “calafrios”, “sudorese” e “dificuldade em manter cuidados pessoais”. A sensação de “ouvir vozes que ninguém mais ouve” não foi marcada por nenhum participante. Conforme pode ser observado no gráfico a seguir:

Gráfico 02: Sentimentos e sensações apresentadas durante o curso de mestrado/doutorado.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A maioria dos participantes relatou não ter desenvolvido nenhuma doença durante o mestrado/doutorado (69,9%). Dos que desenvolveram (53 discentes), a maioria (39,6%) relatou crise de ansiedade, seguido de gastrite (9,4%), depressão (9,4%) e dores musculares (7,5%). Outras doenças e sintomas citados foram: *Burnout*, câncer, cisto pilonidal, enxaqueca, gripe, insônia, labirintite, obesidade, viroses, síndrome do pânico, tendinite, acentuação de bruxismo já existente.

Com relação à busca de tratamento para essas doenças 71,6% responderam que não buscaram. Dos que afirmaram ter buscado (50 discentes), 44% relataram ser para ansiedade e 10% para depressão. Outros sintomas e doenças para os quais os alunos buscaram tratamento foram: câncer, doenças de pele autoimunes, dores no joelho e costas, epicondilite, gastrite, úlcera, gastroenterite, ganho de peso, compulsão alimentar, gripe, hérnia de disco, labirintite, lombalgia, problema na coluna, otite, terapia para tratar de questões mentais, enxaqueca, problemas de escrita ligada a baixa auto-estima e outros problemas como bruxismo exacerbado após a inserção na pós-graduação.

A maioria dos participantes afirmou não fazer uso de medicamentos psiquiátricos (83,5%). Dos que fazem (29 discentes), 51,7% é para ansiedade, 44,8% é para depressão e 3,4% usam fitoterápicos. A maior parte não conhece alguém que tentou se suicidar ou se suicidou enquanto a pessoa fazia mestrado/doutorado (90,3%), entretanto, embora pequeno, é significativo o percentual de 9,7% que conhece alguém que tentou se suicidar ou se suicidou enquanto a pessoa fazia pós-graduação.

Com relação à energia e disposição suficiente no dia-a-dia, as respostas dos estudantes foram quase equiparadas. 52,8% relataram não dispor dessa energia, enquanto 47,2% afirmaram tê-la. Com relação à frequência em que os estudantes possuem sentimentos negativos, a resposta foi 5,7% nunca, 45,5% algumas vezes, 18,2% frequentemente, 22,7% muito frequentemente e 8% sempre.

Com relação ao sofrimento ético, 96% não foram obrigados a realizar algo que ia contra seus princípios (éticos, religiosos, etc.) durante o mestrado/doutorado. Todavia, os 4% que afirmaram ter sofrido com isso relataram os seguintes temas/categorias: a) Inserir o nome de outro autor em uma pesquisa que não tenha participado da autoria; b) abordar um tema que não gosta; c) retirar um tema da pesquisa e/ou não abordá-lo por seu orientador não acreditar no tema; d) puxar o saco pra conseguir uma boa colocação; e) assinar algo que não se sentia confortável e f) se dedicar inteiramente ao mestrado, deixando de dormir, comer, independente de horários ou dias da semana.

Com relação à satisfação, sofrimento criativo e prazer na universidade, a maioria dos alunos encontram-se satisfeitos (50%) ou muito satisfeitos (27,3%). Com relação ao programa de pós-graduação também se encontram, na maioria, satisfeitos (45,5%) ou muito satisfeitos (29,5%). Com relação ao curso em si, a maioria acredita ser um curso bom, encontrando-se satisfeitos (45,5%) e muito satisfeitos (30,1%).

Já com relação à satisfação com sua capacidade para o estudo, a maioria encontra-se satisfeito (30,7%), seguidos de regular (29%) e insatisfeito (25%). Com relação à concretização dos trabalhos da pós-graduação, a maioria acredita estar regular (33%), seguidos de satisfeito (30,1%) e insatisfeito (17%). Com relação ao orientador, a grande maioria afirma estar muito satisfeito (51,1%), seguidos de satisfeito (23,9%) e regular (13,6%).

Como vantagens da pós-graduação *stricto sensu* foram agrupadas principalmente os seguintes apontamentos: desenvolvimento do pensamento crítico; possibilidade de lecionar; aprofundamento em um tema do seu interesse; nova visão da ciência e do mundo acadêmico; possibilidade de ir para eventos/congressos; maior motivação para estudar; contatos profissionais; possibilidade de estudar fora do país; especialização em determinada área; pesquisar e produzir; conhecer novas técnicas de pesquisa; publicações de artigos científicos/resumos/capítulos de livro/livros; ampliação da rede de contatos; possibilidade de conhecer outros estados e/ou países; possibilidade de estudar fora do seu estado; desenvolvimento de habilidades para trabalhar em equipe e; viagens para congressos.

Com relação a atividade física, 55,1% afirmaram realizar algum tipo atividade física, destacando as seguintes: musculação/academia (38,1%), caminhada (12,4%), corrida (10,3%), ciclismo (8,2%), Pilates (7,2%), dança (4,1%), natação (4,1%), hidroginástica/ginástica (3,1%), *crossfit* (2,1%) e futebol (2,1%).

Com relação às horas semanais dedicadas ao lazer, a maior parte dedica-se de 6 a 10 horas (40,3%), seguidos de 1 a 5 horas (29,5%) e 11 a 15 horas (15,9%), com as seguintes atividades apresentadas: assistir Netflix; só descansar mesmo; não fazer nada; ir ao cinema; ir barzinhos; ir ao teatro; dança e escrita; jogos; games; leitura de livros de literatura; ida à praia e ida a restaurantes.

Com relação aos destinos que os mestrandos e doutorandos estão dando ao sofrimento vivenciado no meio acadêmico, a maior parte (58%) relata que a universidade em que estudam possui algum tipo de apoio psicossocial ao discente. Todavia, destes, 36,3% relataram não saber ou desconhecer qual setor ou ação/programa da universidade é responsável por tal apoio, sendo citados os seguintes setores: núcleo de apoio ao estudante de

pós-graduação, Núcleo de Desenvolvimento Educacional (NuDE); Núcleo de Apoio Discente e Docente, NAP, SPA, UEPG Abrace³³; e ações/programas: Mais Vida; atendimento gratuito, atendimento particular, grupo de reunião mensal promovido pela reitoria e atendimento psicológico (difícil acesso), apoio psicológico, apoio psicopedagógico, apoio psicossocial.

Já com relação ao serviço de apoio psicossocial ao discente oferecido e promovido pelo próprio programa de pós-graduação ao qual estão vinculados, 90,9% dos participantes relataram não existir. Dos que disseram que sim (16 discentes), a maioria, 43,8%, relatou, na realidade, não conhecer esse tipo de serviço no programa de pós-graduação *stricto sensu*. Ou seja, acreditam que sim, mas não tem certeza se existe algum apoio psicossocial vinculado ao programa de pós-graduação ou não. 25,1% afirmaram que o programa de pós-graduação oferece apoio ao discente e atendimento psicológico. 31,3% afirmaram que o programa de pós-graduação realiza palestras, projetos e oficinas voltadas à temáticas como saúde mental e/ou prazer-sofrimento.

A maioria (83,5%) dos discentes não participou de alguma atividade para apoio psicossocial no último ano, ademais, os que participaram (29 discentes), 13,8%, não especificaram qual atividade. Os demais apontaram: terapia (69%); participação em palestra (6,9%); psicoterapia (6,9%) e SPA (3,4%). Faz-se importante salientar que “terapia” é um termo bastante genérico, usado para especificar atividades que criam bem-estar em diversas áreas da vida humana, como sentimental, emocional, psíquico e espiritual.

Nas questões abertas foram pré-definidas as categorias: “O que sinto...”, “Quando me sinto bem procuro...” e “Quando me sinto mal procuro...”, de acordo com as perguntas abertas do questionário: “Complete as frases a seguir: 1. Quando penso nas atividades do meu mestrado/doutorado eu sinto...; 2. Quando eu me sinto bem diante das atividades do mestrado/doutorado eu procuro...; 3. Quando eu me sinto mal diante das atividades do mestrado/doutorado eu procuro...”, respectivamente.

A análise de conteúdo das respostas destas questões resultou em temas que foram classificados e agrupados segundo a valoração que os estudantes atribuíram às respostas de cada pergunta, bem como a frequência de respostas observadas de todos os 176 participantes válidos, em cada uma delas, conforme pode ser observado na tabela a seguir:

³³ “Abrace o HU – Somar e Multiplicar o Bem” é um projeto do Hospital Universitário Regional dos Campos Gerais Wallace Thadeu de Mello e Silva da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), cujo objetivo é atuar, fomentar e promover a organização e execução direta ou indireta de projetos, programas ou planos de ação e de doações de recursos físicos, humanos e financeiros, bem como de todas as ações voltadas para a saúde, em prol dos usuários, estudantes e servidores do HU. Informações retiradas do *Facebook*, página: https://www.facebook.com/pg/abraceohu/about/?ref=page_internal.

Tabela 05: Categorias e temas das questões abertas com percentual.

CATEGORIAS	O QUE SINTO....		QUANDO ME SINTO BEM PROCURO...		QUANDO ME SINTO MAL PROCURO...	
		%		%		%
TEMAS	Angústia/ Ansiedade/ Preocupação	38,6	Aproveitar e produzir (Ler, estudar, escrever...)	65,9	Desvincular das atividades do mestrado (lazer, atividade física...)	39,2
	Alegria/ Felicidade/ Satisfação	19,9	Compartilhar com pessoas	16,5	Estudar mais	19,3
	Motivação/ Interesse/ Responsabilidade/ Desafio	15,9	Relaxar/ Divertir	9,7	Compartilhar a angústia (colegas, amigos...)	13,1
	Frustração/Dificuldade/ Cansaço	11,4	Satisfação	3,4	Descansar	12,5
	Nervosismo/ Pânico/Desespero	8,5	Mais conhecimento/ Mais informação	2,3	Silenciar/ Chorar/ Esconder	6,8
	Realizado(a)	2,8	Descansar	1,1	Buscar ajuda (colegas, professores..)	6,3
	Transformação/ Aprendizagem	2,8	Não sabe/ Não respondeu	1,1	Não sabe/ Não respondeu	2,8

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Observa-se na tabela acima que, na categoria “O que sinto...”, com relação à pergunta “Quando penso nas atividades do meu mestrado/doutorado eu sinto....”, os dois primeiros temas possuem conotações contrárias. Enquanto o primeiro expressa um sentimento negativo, o segundo expressa algo positivo advindo da pós-graduação.

Ao se agrupar os temas com conotações a sentimentos e sensações negativas, (Angústia/Ansiedade/Preocupação + Frustração/ Dificuldade/ Cansaço + Nervosismo/Pânico/Desespero), encontra-se um percentual de 58,5% de participantes. Já com relação aos sentimentos e sensações positivas (Alegria/Felicidade/Satisfação + Motivação/Interesse/Responsabilidade/Desafio + Realizado(a) + Transformação/Aprendizagem), encontra-se um percentual de 41,4% de participantes.

Assim, observa-se que, nesta questão, encontram-se mais verbalizações de cunho negativo do que positivo, conforme exemplificado na tabela abaixo:

Tabela 06: Temas - “Quando penso nas atividades do meu mestrado/doutorado eu sinto...”.

TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Angústia/Ansiedade/ Preocupação	<ul style="list-style-type: none"> • Tenho que produzir; • Ansiedade; • Insegurança; • Preocupação com prazos; • Receio...
Alegria/Felicidade/ Satisfação	<ul style="list-style-type: none"> • Animo; • Entusiasmo; • Empolgação; • Feliz por trabalhar em algo que me sinto capaz; • Orgulho...
Motivação/Interesse/ Responsabilidade/ Desafio	<ul style="list-style-type: none"> • Motivado; • Desafiado; • Responsabilidade; • Interesse; • Desafio; • Motivação...
Frustração/Dificuldade/ Cansaço	<ul style="list-style-type: none"> • Vontade de fazer, mas cansaço e preguiça; • Cansaço; • Cansado, porém motivado por gostar; • Frustrado; • Dificuldade...
Nervosismo/Pânico/ Desespero	<ul style="list-style-type: none"> • A pressão de estar atrasada para a qualificação; • Nervosismo; • Vontade de chorar; • Tensão e ansiedade; • Desespero...
Realizado(a)	<ul style="list-style-type: none"> • Realização pessoal e profissional; • Uma meta alcançada • Reconhecimentos; • Realização...
Transformação/ Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Um aprendiz; • Aprendizagem; • Necessidade de transformar ideias em texto escrito; • Parte de um processo necessário a se passar para a conclusão do mestrado...

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Na questão: “Quando eu me sinto bem diante das atividades do mestrado/doutorado eu procuro...”, obteve-se as seguintes verbalizações, conforme tabela a seguir:

Tabela 07: Temas - “Quando eu me sinto bem diante das atividades do mestrado/doutorado eu procuro...”.

TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Aproveitar e produzir (Ler, estudar, escrever...)	<ul style="list-style-type: none"> • Produzir ainda mais para aproveitar esse momento e me sinto satisfeita pela pesquisa; • Escrever um pouco mais a pesquisa, produzir; • Incentivo pra concluir as atividades que estão pendentes ou que precisam ser terminadas; • Produzir mais e compartilhar com amigos, familiares e colegas de curso; • Fazer mais; • Executar as leituras, buscar mais referências e estar atento aos professores durante as aulas; • Aproveitar para ir além nas minhas leituras e reflexões; • Manter o ritmo de estudos; • Aproveitar e produzir; • Escrever! • Eu me sinto geralmente bem com as atividades do mestrado, então o habitual é eu mergulhar na pesquisa, me aprofundando nas leituras e na análise do meu objeto de pesquisa...
Compartilhar com pessoas	<ul style="list-style-type: none"> • Compartilhar com pessoas próximas; • Divulgar para os colegas de profissão; • Contribuir; • Falar com os amigos; • Contar para todo mundo; • Contagiar/colaborar; • Conversar com amigos e colegas; • Auxiliar meus colegas que necessitam de alguma atividade da pós; • Compartilhar ideias e novidades, conversar sobre isso com outras pessoas; • Compartilhar minhas experiências com pessoas que também trabalham com pesquisa...
Relaxar/Divertir	<ul style="list-style-type: none"> • Balancear meu tempo, incluindo fazer outras coisas que me são importantes além de estudar, como assistir coisas, ler, ouvir música...; • Celebrar; • Relaxar; • Relaxar e sair com amigos; • Falar com os amigos; • Minha família, amigos e igreja; • Assistir a filmes, ouvir músicas, ou fazer outras leituras; • Ocupar meu tempo com outras atividades. Sempre que as demandas da academia estão em dia, aproveito para dedicar tempo a atividades não relacionadas com a pesquisa...
Satisfação	<ul style="list-style-type: none"> • Ter mais ânimo; • Repetir pra mim mesma que aquele espaço é meu e eu sou boa nisso; • Satisfeita; • Pensar no ganho que está sendo realizar todas as atividades;

	<ul style="list-style-type: none"> • Sempre me sinto bem...
Mais conhecimento/ Mais informação	<ul style="list-style-type: none"> • Mais informações; • Mais conhecimento; • Saber mais; • Quando realizo alguma meta - publicações, reconhecimento em alguma atividade, convites internos e externos para eventos ou trabalhos acadêmicos....
Descansar	<ul style="list-style-type: none"> • Descansar.
Não sabe/ Não respondeu	<ul style="list-style-type: none"> • Não sei.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Observa-se, na tabela 05 e na tabela acima, que o primeiro tema formado (Aproveitar e produzir (Ler, estudar, escrever...)), atingiu um percentual verbalizado por mais de 50% dos participantes, o que demonstra que quando os estudantes se sentem bem eles estudam mais, passando até a auxiliar os demais colegas com o estudo, compartilhando conhecimento, conforme demonstrado pelo segundo tema mais apontado: compartilhar com pessoas. Estes dois temas, juntamente com o tema “Mais conhecimento/Mais informação”, apresentam um movimento dos próprios discentes em busca de mais produção, estudo e conhecimento, somando-se em 84,7% dos acadêmicos. Os temas “Satisfação”, “Relaxar/Divertir” e “Descansar” refletem o bem-estar na academia, que agregam uma “leveza” no trabalho, podendo até contribuir para o aumento da produção, conforme referenciado no parágrafo anterior. Na questão: “Quando eu me sinto mal diante das atividades do mestrado/doutorado eu procuro...”, observaram-se as seguintes verbalizações, demonstradas na tabela a seguir:

Tabela 08: Temas - “Quando eu me sinto mal diante das atividades do mestrado/doutorado eu procuro...”.

TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Desvincular das atividades do mestrado (lazer, atividade física...)	<ul style="list-style-type: none"> • Meditar; • Lembrar que apesar de amar a pesquisa, minha vida não se limita a ela; • Busco uma fuga, geralmente com atividades de lazer; • Busco me organizar com tempo e horário para desenvolver atividades; • Eu procuro diminuir o ritmo de estudo, intercalando com atividades de lazer; • Distrair-me; • Esquecer que tenho prazos a cumprir; • Relaxar; • Me afastar um pouco e me distrair com outra coisa; • Dar uma pausa e voltar posteriormente quando me sentir melhor; • Fazer atividade física; • Me distrair com atividades diversas (andar de bicicleta, assistir a um filme, encontrar amigos, desenhar, etc.); • Fazer algo desvinculado as atividades do mestrado;

	<ul style="list-style-type: none"> • Relaxar e fazer outras coisas; • Me distrair com outras atividades ou conversar com meus colegas; • Parar tudo e tomar uma taça de vinho com boa música, o dia todo ou noite toda; • Parar todas as atividades e descansar a mente; • Procrastinar, falar com algum colega ou com minha terapeuta, mas muitas coisas acabo guardando só pra mim mesmo; • Me afastar um pouco, respirar, fazer um exercício físico até a vontade voltar; • Caminhar ouvindo música; • Me distrair assistindo séries, namorando, dormindo; • Distração...
Estudar mais	<ul style="list-style-type: none"> • Respirar fundo e buscar alternativas; • Estudar; • Respira fundo e pensar passo a passo; • Perseverar; • Ler; • Superar; • Buscar um esforço para estar presente em sala de aula, mesmo não conseguindo executar as leituras, muito necessárias para compreensão adequada do conteúdo; • Correr atrás do prejuízo; • Manter-me mais reclusa; • Estudar; • Tento organizar leituras e as tarefas, para aos poucos diminuir a sensação de "tempo perdido" que por vezes tenho quando fico muitos dias sem pensar na pesquisa, ou fazer qualquer atividade relativa a ela; • Organizar-me e me disciplinar...
Compartilhar a angústia (colegas, amigos...)	<ul style="list-style-type: none"> • Conversar com pessoas que provavelmente se sentem ou já se sentiram assim, conversar com a orientadora, amigos. Às vezes, se possível, passar um dia sem tratar nada do mestrado enquanto me restabeleço emocionalmente; • Conversar com minha orientadora; • Aconselhamento; • Terapia; • Desabafar com amigos; • Conversar e reorganizar; • Compartilhar minha angústia, seja como orientador ou com amigos; • Dividir as frustrações com pessoas queridas; • Conversar com colegas, orientador; • Conversar com entes queridos, ir às terapias, acupuntura, meditar; • Conversar com outras pessoas que fazem doutorado também...
Descansar	<ul style="list-style-type: none"> • Descansar um pouco, para não permitir que o trabalho se torne um peso; • Descansar a retorno às atividades bem melhor; • Dar um tempo, fazer um intervalo, deixar para o dia seguinte, se o prazo permitir; • Descansar e relaxar um pouco; • Dormir;

	<ul style="list-style-type: none"> • Respirar um pouco, pensar em outras coisas; • Dar um intervalo e tentar não associar os problemas imediatos a incapacidade de resolvê-los de maneira duradoura; • Apenas dormir, fico extremamente desanimada; • Espairar...
Silenciar/Chorar/ Esconder	<ul style="list-style-type: none"> • Me esconder do mundo; • Chorar, conversar sobre as dificuldades com alguém q possa ajudar; • Chorar pra expurgar isso, depois respirar e me organizar; • Me esconder, fico com dificuldade de me relacionar naturalmente com os colegas de trabalho; • Ficar mais no meu canto; • Prazos cada vez menores, falta de reconhecimento no país com a profissão, mercado de trabalho cada vez mais difícil. A ansiedade e dúvida sobre como será a vida após a conclusão do doutorado com a atual situação de crise no país é responsável por crises de pânico e ansiedade constantes; • Me manter mais reclusa; • Silenciar, me esconder...
Buscar ajuda (colegas, professores...)	<ul style="list-style-type: none"> • Minha terapeuta (rs); • Meu psicanalista; • Buscar apoio com os colegas para superar o mal-estar; • Ajuda de acadêmicos mais experientes; • Minha família, amigos e igreja; • Buscar ajuda com meus colegas; • Resolver problemas mais simples, conversar com amigos, me distrair com outros afazeres; • Buscar ajuda de orientador ou psicólogo...
Não sabe/ Não respondeu	<ul style="list-style-type: none"> • Não sei; • Isso não ocorre.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

O primeiro tema mais verbalizado quando o aluno se sente mal diante das atividades do mestrado/doutorado (Desvincular das atividades do mestrado (lazer, atividade física...)), também é apresentado quando o aluno se sente bem diante das atividades do mestrado/doutorado (Relaxar/Divertir). Todavia, na primeira está em 39,2%, enquanto na segunda está em 9,7%, conforme tabela 04. O que demonstra que os participantes procuram mais o relaxamento, prazer e o ócio, quando não estão se sentindo bem.

O segundo tema (Estudar mais) apresentado pelos discentes quando eles se sentem mal, também é apresentado quando eles se sentem bem (Aproveitar e produzir (Ler, estudar, escrever...)), aparecendo em 19,3% quando estão mal e 65,9% quando estão bem. Ou seja, os estudantes costumam ser mais produtivos quando se sentem bem do que quando se sentem mal.

O apoio social também aparece como um fator importante apresentando. Quando os estudantes se sentem mal, as verbalizações a respeito do apoio social aparecem nos temas

“Compartilhar a angústia (colegas, amigos...)” e “Buscar ajuda (colegas, professores...)”, somando-se em 19,4%.

A angústia e o desespero também aparecem nas falas dos alunos, podendo ser observada no tema “Silenciar/Chorar/Esconder”, na qual há verbalizações a respeito de isolamento, introversão e choro. Refletindo como a sobrecarga do trabalho acadêmico pode influenciar na saúde mental e relações sociais dos alunos-trabalhadores.

Diante dos resultados aqui expostos, apresenta-se no capítulo a seguir a discussão destes dados.

5 DISCUSSÕES

A partir das informações sociodemográficas, observa-se que os participantes da pesquisa formam um perfil majoritário de mestrados, sendo a maioria jovens (entre 18 e 40 anos de idade), solteiros (residentes com pais, amigos ou só), sem filhos e que residem na cidade em que estudam. O que demonstra um prolongamento do amparo dos pais.

Este perfil vai ao encontro do público “exigido” pela CAPES, devido ao produtivismo e individualismo imperante, que exige cada vez mais dos acadêmicos, como escrita, apresentações em eventos e publicações, com o aumento da sobrecarga de trabalho e a diminuição dos prazos (ALCADIPANI, 2011; SPINK; ALVES, 2011).

O período que separa a graduação e a inserção em uma pós-graduação foi de, em média, 8 e 9 anos, no grupo pesquisado, uma vez que maioria dos mestrados ingressou entre 2016 a 2019. Já os doutorandos entraram entre 2014 a 2019. Observa-se ainda que o tempo médio de 24 meses para a conclusão do mestrado não pode ser atendido por uma parcela dos participantes (infere-se que os mestrados que ingressaram em 2016 e 2017 estejam com prorrogação). Ao passo que, entre os doutorandos, observou-se que possivelmente os ingressantes em 2014 e 2015 estejam também em período de prorrogação, excedendo os 48 meses estipulados pela CAPES para conclusão do curso.

Desta forma, devido às elevadas exigências de produção na academia, reguladas pelos índices de avaliação da CAPES, torna-se difícil a entrada e permanência de estudantes em idade mais avançada, com família constituída (esposo(a) e filhos), que demandam tempo e dinheiro para seu sustendo e familiares, uma vez que houve o encurtamento do prazo médio de titulação no país e pelas diretrizes da avaliação periódica dos programas e pressão para que se qualifique e defenda o quanto antes (COSTA; NEBEL, 2018; ZANDONÁ *et al.*, 2014).

Apesar de as mulheres terem mais filhos em comparação aos homens participantes, a pesquisa demonstra que elas estão em sua maioria em idade fértil e não possuem filhos, o que é um dado importante, uma vez que as mulheres encontram-se em sua maioria também na fase mais produtiva da sua vida acadêmica, inferindo-se que o peso da maternidade não combina com a academia, pois há a necessidade de se escolher entre um ou outro, ao invés de conciliação, com a ampliação dos espaços nas universidades e apoio às mães pesquisadoras.

Além de todas as exigências que sofre um mestrando, a mulher teria uma carga maior para se dedicar fora do ambiente de estudo, além da licença maternidade, que aparentemente não é bem vinda na pós-graduação, uma vez que, apesar de direito adquirido, isso aumenta o tempo da mulher no programa e, muitas vezes, é visto como um empecilho para sua conclusão

e rebaixamento da sua capacidade de número de produções, e conseqüentemente da nota do programa.

Embora exista um relatório em que os programas enviam à CAPES, via plataforma sucupira, com um espaço para justificativas de licença maternidade e licenças para tratamento de saúde, de modo a não impactar na nota do programa quanto ao tempo de conclusão do aluno requerente, as gestões dos cursos de pós-graduação ainda precisam conhecer melhor do processo de preenchimento dos relatórios, para não transpor aos alunos uma penalidade que não lhes cabe. Tal exemplo se insere como um assédio/violência institucional, no qual atos e ações políticas ocorrem de modo intensamente incrustada e burocratizada na organização, de modo a prejudicar a aluno (SCIALPI, 2004; HELOANI; BARRETO, 2018).

Verifica-se nas análises que, apesar de os respondentes serem jovens, há um lapso de, em média, nove anos entre graduação e mestrado/doutorado, inferindo-se que a carreira docente pode não ter sido a primeira opção de muitos ou não tiveram a oportunidade de inserção na pós-graduação logo após a formação, permeando o mercado de trabalho, e talvez retornando à pós em busca de outras possibilidades de trabalho, como a docência, por exemplo.

Outro ponto a ser abordado é a união, de muitos estudantes, da graduação-mestrado-doutorado-pós-doutorado, o que pode demonstrar que estes estão buscando uma forma de prolongar a vida acadêmica e ter um “salário-bolsa” devido à grande taxa de desemprego atual do país.

As informações acima vão ao encontro do que se vive na sociedade atual, com a precarização do trabalho, no qual há uma falta de perspectiva dos jovens em relação à inserção no mundo do trabalho. Ao invés de comemorar mais uma etapa da vida e o fato de conseguir se formar depois de muito esforço, ele passa a ser formalmente um desempregado. Daí a necessidade de permanecer na universidade, com a expectativa de se obter uma bolsa para sustentar a si e sua família (ANTUNES, 2000; 2005; 2008).

O instrumento de coleta de dados apontou que 62,5% estão matriculados em pelo menos uma disciplina, 97,2% dedicam horas de estudos semanais fora da sala de aula e 96,6% ficam envolvidos com atividades da pós-graduação durante a semana. Além deste tempo destinado ao estudo/trabalho, 58% dos participantes trabalham concomitantemente à pós-graduação, intensificando ainda mais o processo de estudar e a jornada de trabalho.

Além disso, a maioria não recebe auxílio financeiro de terceiros (54%) e não possui qualquer auxílio da universidade (94,9%) (como bolsa alimentação, auxílio moradia, dentre outros), necessitando, muitas vezes, recorrer ao auxílio financeiro de pais e cônjuges.

Uma informação interessante apresentada nesta pesquisa foi o fato de alguns discentes considerarem o ensino gratuito da universidade pública, destinação de verbas para eventos, energia, biblioteca e bem como os próprios professores e a orientação destes como uma forma de auxílio da universidade.

Desta forma, este produtivismo acadêmico, marcado pela falta de tempo dos estudantes que precisam trabalhar, estudar e ter produtividade, juntamente com a falta de suporte financeiro, aparece como uma espécie de “ciclo sem fim”. O estudante de graduação se forma, sem conseguir emprego no mercado de trabalho retorna à universidade, com a possibilidade de conseguir uma bolsa de estudos, que muitas vezes não oferece este apoio. Então retorna ao mercado de trabalho para poder se sustentar e findar a pós-graduação, ainda que num trabalho precarizado e abaixo de sua qualificação.

Os próprios participantes da pesquisa apontaram que “conciliar o mestrado/doutorado com o trabalho”, seja ele, formal ou informal, a “pressão pela produção” e as “dificuldades financeiras” são as principais dificuldades que eles enfrentam no seu dia a dia como estudantes/trabalhadores de pós-graduação.

As informações acima demonstram uma sobrecarga em todo esse processo, pois soma-se o estudo nas disciplinas ao tempo que o aluno precisa se dedicar fora destas, seja para criar artigo para a avaliação das disciplinas ou para ler, escrever trabalhos, artigos e a dissertação ou tese, com o tempo do trabalho formal ou informal, sem contar com a necessidade de dedicação à família e à vida social (CARDOSO, 2018; ZANDONÁ *et al.*, 2014; SAVIANI, 2002; DELGADO, 2007; COSTA; NEBEL, 2018).

A necessidade de dedicação quase que exclusiva ao programa de mestrado, juntamente com a falta de auxílio financeiro de terceiros (54%), somado à dificuldade em se obter uma bolsa de estudos (62,5% dos participantes não recebem bolsa), é uma realidade que está se agravando cada vez mais (pois o governo está condicionando a liberação de bolsas às notas do programa) são fatores que podem gerar sofrimento e adoecimento da população pesquisada.

A sobrecarga no ambiente de trabalho/estudo têm se intensificado nos últimos tempos, com exigências vindas da CAPES, exigências estas que são repassada aos programas (pela forma de avaliação e distribuição de bolsas, por exemplo), são repassadas aos docentes (que precisam produzir cada vez mais e mais para elevar a nota do programa) e que são repassadas aos discentes (que precisam também produzir cada vez mais, muitas vezes, abdicando da qualidade da pesquisa) (COSTA; NEBEL, 2018; SPINK; ALVES, 2011; ZANDONÁ *et al.*, 2014; SGUISSARDI, 2008).

Essa análise é corroborada pela fala da ex-diretora da CAPES, Rita de Cássia Barradas Barata, em que ela afirma que os “doutores estão saindo mais como técnicos do que como pensadores”, uma vez que o modelo da pós-graduação foca mais na produtividade científica, quantidade de produção, do que na qualidade daquilo que se é produzido (CARDOSO, 2018).

Neste sentido, o sofrimento no trabalho/estudo tem-se agravado nos últimos anos, podendo vir a se tornar patogênico. Segundo Dejours (2011), este sofrimento ocorre quando o sujeito não encontra forma de negociar com a organização de trabalho, tornando as vivências fixas e rígidas, impedindo-o de exercitar sua capacidade criadora e necessitando usar de estratégias defensivas para suportar o trabalho. Nesta pesquisa aparecem, por exemplo, a inércia na produção, na qual o sujeito busca fazer qualquer outra atividades ou o aumento da produção quando se sentem mal na pós-graduação, que podem ser caracterizada como “deslocamento”, quando uma emoção associada a uma situação particular passa a ser associada a outra situação, ou “negação”, no qual o sujeito evita a percepção de algum aspecto doloroso da realidade, negando os fatos (CANÇADO; SANT’ANNA, 2013; MORAES, 2013a).

Tal sofrimento leva à vivência de fracasso, frustração, alienação e ao sentimento de impotência que, quando persistente, pode comprometer a saúde do sujeito, abrindo portas para manifestação de patologias, psíquicas e/ou somáticas (MORAES, 2013b; MONTEIRO *et al.*, 2015; DEJOURS, 2011) como algumas citadas pelos participantes desta pesquisa, por exemplo: cansaço, frustração, dificuldade, pressão de estar atrasado para a qualificação, nervosismo, vontade de chorar, tensão e ansiedade, desespero, dentre outros.

Assim, essa elevada pressão no ambiente acadêmico, juntamente com a falta de sentido e falta de significação, pode levar a um aumento de estresse e a um desgaste mental, podendo se agravar e gerar diversas outras patologias, como essas apontadas por alguns alunos neste estudo: crise de ansiedade, gastrite, depressão, dores musculares, enxaqueca, gripe, insônia, labirintite, obesidade, viroses, dentre outras. Além de intensificar problemas já existentes como, por exemplo, o agravamento do bruxismo, relatado por um participante nesta pesquisa (SOUZA, 2018; ZANDONÁ *et al.*, 2014; VIEIRA, 2017).

Outra fonte de sofrimento encontrado no ambiente universitário são os assédios e violências sofridas durante a jornada da pós-graduação. Embora a grande maioria dos participantes tenham relatado não ter sofrido nenhuma violência/assédio no mestrado/doutorado (78,9%), se faz importante uma análise neste sentido, uma vez que podem desencadear sofrimentos, adoecimentos e até um agravante para o risco de suicídio

(OLIVEIRA; NUNES, 2008; ODÁLIA, 1991; MINAYO, 1994; WIEVIORKA, 1997; HELOANI; BARRETO, 2013).

A violência e o assédio envolvem interações sociais complexas, que podem gerar dor e sofrimento e quando o sujeito não consegue sair do ambiente adoecedor ou elaborar esse sofrimento, através da mobilização subjetiva, criando-se e (re)inventando-se, transformando-o em prazer ou em realização criativa, este sofrimento pode tornar-se patológico (MENDES; DUARTE, 2013; MONTEIRO *et al.*, 2015; FERREIRA, 2013a; DEJOURS, 2007; 2011).

Os sentimentos e sensações que emergem durante o curso de mestrado/doutorado, também são fatores a serem observados quando se pensa na saúde mental e no processo de prazer-sofrimento. Assim, “tensão”, “dificuldade em se concentrar”, “sensação de angústia”, “incapacidade de relaxar” e “fadiga” foram os mais citados pelos discentes neste estudo.

Tais informações vão ao encontro do que Han (2015) chama de “Sociedade do Desempenho”, considerada a atualidade, em que o ser humano necessita ser extremamente positivo e proativo sob toda e qualquer circunstância e a todo tempo, o que acaba levando ao cansaço e ao esgotamento do sujeito que, muitas vezes, adocece.

Neste contexto Dejours (2007; 2011) e Ferreira (2013a) falam das chamadas “patologias da modernidade” ou “patologias da solidão”, caracterizadas pela dor e sofrimento excessivos, gerados pelo modelo produtivo do capitalismo pós-industrial e suas configurações sócio históricas. O sujeito não se permite o ócio, o descanso e, muitas vezes, quando se permite relaxar, sente-se culpado por não estar produzindo, deixando em segundo plano sua saúde e qualidade de vida, abrindo mão de passar tempo com a família, adotar bons hábitos alimentares, realizar atividades físicas e de lazer.

Neste contexto a pesquisa apresentou que 55,1% dos participantes realizam atividade física. Tal dado, embora seja mais da metade dos participantes, não se configura uma grande quantidade. A relevância de realizar uma atividade física se dá pelo fato de que a atividade física possui benefícios para a saúde mental, como a diminuição do estresse, ansiedade e depressão, além de melhorar a qualidade de vida de pessoas com doenças não psiquiátricas, bem como auxilia na socialização, aumentando os laços de afetividade entre as pessoas, “amenizando a sensação de isolamento, tornando a pessoa mais envolvida e cooperativa nas atividades em que participa melhorando sua disposição física, aumentando a sua autoestima, bem como reduzindo a ociosidade” (LOURENÇO *et al.*, 2017, p. 2).

Com relação às horas semanais dedicadas ao lazer, apenas 2,3% apontou não possuir nenhum tempo para descanso e lazer, um dado bastante otimista, pois o isolamento social é

um fator de risco ao adoecimento, agravamento de patologias e até mesmo tentativas de suicídio e/ou o ato em si (HELOANI; BARRETO, 2018; MERLO; HELOANI, 2013).

Embora a maioria dos participantes tenha relatado não ter desenvolvido nenhuma doença durante o mestrado/doutorado (69,9%) e não fazer uso de medicamentos psiquiátricos (83,5%), muitos apontaram a ansiedade como a doença que mais apareceu durante o percurso de estudo, seguido da depressão. Dos que se disseram adoecidos, a maioria buscou tratamento e medicação. Faz-se importante salientar que foi relatada a acentuação de doenças já existentes, o que demonstra que a saúde mental desses estudantes não deve ser negligenciada.

O sofrimento ético, caracterizado como um conflito moral e emocional do sujeito consigo mesmo, no qual o trabalhador submete-se ou participa de situações que vão de encontro aos seus valores e princípios éticos e morais, apareceu num percentual muito baixo (4%), o que indica um resultado diferente do verbalizado por vários estudantes em sites como da ANPG (Associação Nacional de Pós-Graduandos). Este resultado também pode indicar uma mobilização por parte do sujeito, levando-o a transformar o sofrimento ético vivenciado em um sofrimento criativo ou prazer.

Outro ponto positivo apresentado nesta pesquisa é que a maioria dos participantes não conhece alguém que tentou se suicidar ou se suicidou enquanto a pessoa fazia mestrado/doutorado (90,3%). Todavia, os participantes que responderam “sim” à esta pergunta, precisam ser valorizados em sua fala, uma vez que o tema suicídio e saúde mental está aparecendo como uma demanda a ser abordada nas universidades, não apenas com os discentes, mas também com os docentes e técnicos administrativos (VÄRNIK, 2012; WHO, 2014; MERLO; HELOANI, 2013; BOTEAGA, 2014).

Dejours (2011) aponta que tentativas de suicídio e o ato em si estão correlacionadas às patologias da solidão, que aparecem no mundo contemporâneo com a evolução do trabalho, onde o isolamento, a solidão e a desolação instalam-se de forma tão intensa e tão grave que o sujeito não consegue criar defesas suficientemente eficazes contra o sofrimento.

A maior parte dos estudantes encontra-se bastante satisfeita com a universidade (77,3%), com o programa de pós-graduação (75%), com o curso em si (75,6%) e com o orientador (75%), o que apresenta o ambiente universitário como um importante motivador e propulsor para a saúde. Infere-se que, se este espaço de trabalho for cuidado, onde as relações sejam de afeto, solidariedade e cooperação, é possível a construção de saúde, mesmo diante das adversidades que o produtivismo exige.

Já com relação à satisfação com sua capacidade para o estudo e a concretização dos trabalhos da pós-graduação, a maioria acredita estar entre regular e insatisfeitos (50% e 54%,

respectivamente). Estes dados geram algumas dúvidas, principalmente comparando com as respostas positivas em relação à toda pós-graduação em si, como: “Não seria muita cobrança em si mesmo?”; “Há alguma distinção entre os níveis de auto exigência de um aluno que trabalha para outro que não trabalho?”; “Ou para quem tem bolsa e quem não tem?”; “Será que tem um ideal de aluno?”.

Tais perguntas não poderão ser respondidas nesta pesquisa, todavia, levando-se em consideração outros estudos que apontam a crescente expansão da exigência e cobrança intensificada pela produção e desempenho dentro da academia, com inúmeras atividades a serem executadas ao mesmo tempo, como aulas, produção de artigos, científicos e periódicos, livros e capítulos de livros, produção da dissertação/tese, participação em congressos e pesquisas (nacionais e internacionais), dentre outros, infere-se que haja uma auto cobrança do discente para atingir todos esses objetivos, almejados e cobrados durante a pós-graduação (CARDOSO, 2018; ZANDONÁ *et al.*, 2014; SAVIANI, 2002; DELGADO, 2007; COSTA; NEBEL, 2018).

Com relação à energia e disposição suficiente no dia-a-dia, a maioria (52,8%) relata não dispor de tal energia; e os sentimentos negativos apareceram com uma frequência extremamente elevada (94,4%). Assim, a insatisfação, baixa energia, indisposição e sentimentos negativos aparecem como sofrimentos advindos da lacuna entre o trabalho prescrito (dimensão formal) e as situações reais do trabalho (dimensão informal). O trabalho prescrito é observado através de “no quê” e “como” as atividades devem ser executadas, no caso dos programas seria ditado por documentos como o “regime didático do curso”, “manual de trabalhos acadêmicos e científicos”, “modelo de projeto e de dissertação”, dentre outros. Já o trabalho real é a “maneira desenvolvida pelo trabalhador para lidar com as situações reais de trabalho”, compostas pelas interações e relações dos trabalhadores (COSTA, 2013b), como, por exemplo, a relação com o orientador, com os professores das disciplinas, as horas destinadas a pesquisas e elaboração de trabalhos científicos.

A lacuna entre o trabalho prescrito e o trabalho real é o trabalho em si, ou seja, a rotina em que se encontram esses estudantes, com as contradições, conflitos, incoerências e inconsistências do trabalho de se estudar, o ajustado e o rearranjado constantemente no dia a dia para ser concretizado (COSTA, 2013b; MONTEIRO *et al.*, 2015).

Assim, o estudante/trabalhador depara-se com dificuldades, constrangimentos e confrontos com fracassos que ultrapassam o domínio técnico e o conhecimento científico, e que precisarão ser elaboradas através de estratégias de mediação individuais e/ou coletivas.

Com relação aos destinos que os participantes estão dando ao sofrimento vivenciado no meio acadêmico, a maior parte, (58%), relata que a universidade em que estuda possui algum tipo de apoio psicossocial ao discente. Todavia, destes, 36,3% relataram não saber ou desconhecer qual setor ou ação/programa da universidade é responsável por tal apoio.

Da mesma forma, apesar de 90,9% dos participantes terem relatado não existir apoio psicossocial ao discente oferecido e promovido pelo próprio programa de pós-graduação, dos que disseram que sim, a maioria (43,8%) relatou que, na realidade, não conhece esse tipo de serviço. Tal fato gera algumas inquietações que precisariam ser averiguadas, para fazer com que este cuidado chegue até os alunos da pós-graduação, como por exemplo: aumentar a publicização do apoio psicossocial da universidade, bem como das redes municipais e estaduais, através de mais visibilidade nos *sites* das universidades, nas atividades de aula magna, nas recepções de novos alunos e apresentação, pelos profissionais da universidade que trabalham na assistência estudantil, de como funciona o apoio psicossocial, dentre outros.

A participação em atividades para apoio psicossocial no último ano também foi bastante baixa (83,5%). Estes dados indicam um déficit na promoção e divulgação dessas ações pelas universidades e pelos programas, pontuando discussões e métodos para acessar estes estudantes, como por exemplo: através de campanhas e formas de cuidado da saúde mental dos estudantes, disciplinas diferenciadas, eventos psicoeducativos, divulgações através de cartazes espalhados pelos campi, redes sociais, contatos individuais, dentre outros.

Na análise de conteúdo, as sensações e sentimentos negativos apresentam-se num percentual superior (58,5%) em comparação aos positivos, elucidando um aspecto de sofrimento da pós-graduação. Todavia, ao se observar as verbalizações, como por exemplo: “tenho que produzir”, “ansiedade”, “preocupação com prazos”, “vontade de fazer, mas cansaço e preguiça”, “cansado, porém motivado por gostar”, “pressão de estar atrasada para a qualificação”, “frustração”, “nervosismo”, dentre outros; observa-se que são falas que expressam a realidade inerente de se fazer mestrado ou doutorado, que, embora seja normal, uma vez que todo o trabalho veicula tacitamente um custo humano expresso sob a forma de carga de trabalho, não podem ser falas negligenciadas, pois as vivências de prazer-sofrimento têm como uma das implicações o confronto do sujeito com esta carga que, por conseguinte, tem impacto no seu bem-estar psíquico, qualidade de vida e possível adoecimento (FERREIRA; MENDES, 2001; SALGADO; AIRESSANTOS, 2018).

Neste contexto, a psicodinâmica do trabalho aponta que a “normalidade” no trabalho não se caracteriza pela ausência de sofrimento, mas sim pelo compromisso entre o sofrimento e as estratégias de defesa, que exige do sujeito uma elaboração tanto individual quanto

coletiva, resultante das exigências do trabalho e a ameaça de desestabilização psíquica e somática (VASCONCELOS, 2015; MENDES; ARAÚJO, 2013; DEJOURS, 1999; 2011; 2004; 2017a; 2017c; MORAES, 2015).

Com relação ao que os alunos fazem quando se sentem bem, o ato de “produzir (Ler, estudar, escrever...)”, “compartilhar com pessoas” seu conhecimento e buscar “mais conhecimento/mais informação”, se destacou na maior parte dos participantes (85,3%), bem como também apareceu a categoria “estudar mais” (19,3%) quando os alunos se sentem mal, apontando que há um prazer e/ou sofrimento criativo no ato de produzir e reproduzir. Neste contexto, o trabalhar torna-se um mediador entre saúde e emancipação, ganhando sentido e se tornando um mobilizador de prazer e ganhos (DEJOURS, 1999; 2011; 2017a; 2017c; MENDES; ARAÚJO, 2013; MACÊDO; HELOANI, 2013; VASCONCELOS, 2015).

Com relação ao que os alunos fazem quando se sentem mal, nota-se que o tema com mais verbalizações “desvincular das atividades do mestrado (lazer, atividade física...)” (39,2%) também aparece nas verbalizações dos participantes quando estes se sentem bem através do tema “relaxar/divertir” (9,7%), demonstrando que descansar e se divertir atuam como um princípio mobilizador, no qual o sujeito, a partir da inteligência da prática, promove uma resignificação do sofrimento, buscando transformar o sofrimento (patológico) em algo benéfico para si (sofrimento criativo).

Todavia, é importante salientar que, nestes casos, o acompanhamento ao discente é importante, pois se estes estudantes fazem atividades desvinculadas ao mestrado/doutorado devido ao fato de se sentirem mal, pode ser uma manifestação de negação ao objetivo de concluir o programa, que pode vir a se concretizar como um abandono do curso ou atraso na formação, dois indicadores que fazem os programas perderem nota na avaliação da CAPES. Deste modo, cuidar dos alunos, acompanhá-los de perto é também uma forma de cuidar do programa de um modo geral.

Outro ponto importante a salientar do tema “quando os estudantes se sentem mal” são as verbalizações a respeito do apoio social, que aparecem nas categorias “compartilhar a angústia (colegas, amigos...)” e “buscar ajuda (colegas, professores...)” (19,4%), apontando o apoio social, a escuta e acolhimento pelo outro como um fator importante e necessário.

Desta forma, se faz importante trabalhar a gestão dos programas de forma a propiciar redes de afeto entre as turmas de mestrado e doutorado, visando minimizar um ambiente competitivo, prezando pelos rituais de solidariedade e acolhimento na entrada de cada turma, envolvendo uma turma para receber a outra, bem como a formação de grupos via *WhatsApp* ou demais redes sociais, para que as conversas fluam e contribuam para que encontros reais

aconteçam, pois a formação de vínculos pode ajudar a estreitar laços e apoiarem uns aos outros.

Neste contexto Lancman (2011) e Heloani e Barreto (2018) falam sobre a reconstrução da subjetividade e da capacidade de se reapropriar a inteligência destruída pelo trabalho, que possibilita a reorganização deste, uma vez possuem potencial para emancipação, reapropriação, transformação e reconstrução da sua realidade, transformando sofrimento em prazer. A escuta, o contato com o outro, as redes de amizade e apoio, são de fundamental importância, pois possuem a capacidade de humanizar e legitimar a voz daquele que se encontra em sofrimento psíquico (HELOANI; BARRETO, 2018; LANCMAN, 2011).

O ambiente universitário é complexo e multifacetado, no qual o estudante de pós-graduação *stricto sensu* perpassa por diversas experiências e atividades, interagindo com diversos sujeitos, em ambientes com dinâmicas novas e diferenciadas. Assim, tanto o sofrimento quanto o prazer emergem dos ajustes da história do estudante juntamente com a organização do trabalho, ou seja, a rotina e as experiências vividas no ambiente universitário da pós-graduação *stricto sensu* que podem ser subvertidas em prazer.

Como todo ambiente de trabalho, a organização do trabalho da universidade é um *locus* das vivências de prazer e sofrimento dos estudantes, sempre um confronto do prescrito com o real, que se deixa reconhecer por sua resistência a se submeter aos conhecimentos e às diferentes formas de saber-fazer. Portanto, este confronto é gerador de sofrimento, que pode vir a se tornar patogênico quando se torna insuportável. Todavia, em seu sentido inverso, quando este sofrimento possibilita deslocamento dos limites do trabalho real, podendo ativar estratégias de mobilização subjetiva ou levar o sujeito à ação e, conseqüentemente à alteração da sua realidade e da sua perspectiva, a saúde e o prazer são conquistados. (LANCMAN; SZNELWAR, 2011; MENDES; MULLER, 2013; TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013).

A partir da análise de todo esse conjunto de dados é possível observar que o prazer-sofrimento é um constructo único indissociável, no qual um não existe sem o outro e um não anula a presença do outro. Portanto, essa vivência de prazer-sofrimento no mundo acadêmico é apresentada nos programas de pós-graduação em comunicação do Brasil de modo intrínseco ao fato de ser um estudante/trabalhador. Todavia, se faz importante não negligenciar a saúde mental e a qualidade de vida à comunidade universitária, que vem demandando cada vez mais projetos e ações dos profissionais que atuam na área de apoio ao estudante, juntamente com os docentes que atuam diretamente com os alunos, com a finalidade de ressignificar o sofrimento, evitando que este se transforme em patologias ou leve ao fim da vida através do suicídio.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatando as inquietações que suscitaram esta pesquisa, buscou-se analisar as vivências de prazer-sofrimento que os mestrandos e doutorandos vinculados aos Programas de Pós-graduação em Comunicação no Brasil têm vivenciado, considerando o estudante como um ser trabalhador, levando em consideração as similaridades do ofício, como: horas trabalhadas, horas de dedicação extra, atividades de pesquisa, pressão por resultados, necessidade de produção, exige transformação, exige esforço, transforma e emancipa o sujeito, cria identidade, cria cultura, relações interpessoais, dentre outros.

A partir dessa indagação, formularam-se três objetivos específicos, são eles: a) Caracterizar a organização do trabalho a que os mestrandos e doutorandos estão submetidos; b) Identificar as fontes de prazer e de sofrimento ético, patológico e criativo no trabalhar dos mestrandos e doutorandos, e c) Analisar os destinos que os mestrandos e doutorandos estão dando ao sofrimento vivenciado no meio acadêmico.

Com relação ao primeiro objetivo específico, observou-se que a caracterização da organização do trabalho dos estudantes *stricto sensu* em comunicação não aparece como uma causa direta para o adoecimento, possuindo fatores que podem levar tanto ao sofrimento quanto ao prazer, que podem, inclusive, ser observados nas falas dos participantes, nas análises das questões abertas. Todavia, uma vez que os estudantes não são considerados “trabalhadores”, também não são tratados e reconhecidos como tal, o que pode dificultar ao se pensar em um ambiente mais saudável e em ações para a saúde mental desses estudantes, pois como diz a fala de um estudante de pós-graduação e título deste trabalho “estudar, para um pós-graduando *stricto sensu*, é o trabalho!”.

Este estudo aponta uma autocobrança e sentimentos negativos, principalmente referentes ao seu próprio desempenho na universidade, que não podem ser negligenciados devido ao risco de se tornarem sérias patologias e de serem um agravante ao risco de suicídio. Tornando-se imprescindível a existência de mecanismos que promovam o reconhecimento deste sofrimento e do estudante como um trabalhador, que sofre exigências e pressões advindas do mundo universitário e que, ao mesmo tempo, precisa lidar com responsabilidades e exigências de fora deste meio.

Até o presente momento, a afirmação de que o “estudante é trabalhador” não é reconhecida socialmente, incluindo o próprio ambiente universitário. Isso revela uma dificuldade em legitimar o papel da universidade na sociedade, uma vez que o estudar é um trabalho criativo e importante para esta, possuindo consequências que vão muito além da

formação de um sujeito e da entrega de um diploma. Assim, sugere-se também pesquisas futuras com as próprias universidades, buscando compreender como os dados levantados nesta e em outras pesquisas, que visam olhar para a saúde mental, qualidade de vida, adoecimento e suicídio dos estudantes, pode impactar na universidade.

Com relação ao segundo objetivo específico, como fontes de sofrimentos evidenciaram-se as dificuldades do dia-a-dia na universidade, como: o conciliar o mestrado/doutorado com um trabalho remunerado, a pressão pela produção e dificuldades financeiras, bem como algumas formas de assédios e violências como, por exemplo, o assédio moral e o institucional; o sofrimento ético, que emerge quando o estudante é obrigado a fazer algo que vai contra seus princípios, como inserir o nome de outro autor em uma pesquisa ou retirar um tema da pesquisa e/ou não abordá-lo por vontade de seu orientador; a falta de bolsas de estudos e apoio da universidade também aparece na pesquisa. Já em relação ao sofrimento criativo e o prazer, os discentes apresentaram-se bastante satisfeitos com suas respectivas universidade e programas, apontando algumas vantagens da pós-graduação, como o desenvolvimento do pensamento crítico, possibilidade de ir para eventos/congressos, maior motivação para estudar, publicações de: artigos científicos/resumos/capítulos de livro/livros, dentre outros.

Com relação ao terceiro objetivo específico os resultados sinalizam que, de alguma forma, os estudantes estão conseguindo desenvolver estratégias eficazes para evitar adoecimentos. Muitos afirmaram saber da existência de um serviço de apoio psicossocial ao discente na universidade, embora não saibam como funciona e, talvez por isso, não a usem. Alguns buscaram atendimento médico, como psicoterapia e outros tipos de terapias e alguns recorrem a exercícios físicos para liberação de estresse e sobrecarga de trabalho. Estratégias como relaxar, se divertir, ficar com amigos e fazer atividades não relacionadas ao trabalho, também apareceram nos resultados deste estudo.

Assim, considera-se que a presente pesquisa atingiu aos objetivos propostos e que os estudantes de pós-graduação *stricto sensu* em comunicação atribuem significados ao seu trabalho/estudo, mesmo diante das vivências de sofrimento, podendo os resultados desta pesquisa virem a subsidiar a elaboração de projetos e ações de saúde e qualidade de vida no trabalho/estudo, direcionando assim, a forma como a universidade e programas de pós-graduação *stricto sensu* poderão lidar com os seus estudantes.

Reforça-se assim a importância de investimentos da alta gestão (reitoria, pró-reitorias e direção de campi) em ações que tenham como foco preventivo a saúde dos estudantes em todo o âmbito da universidade (principalmente as multi campis) e, também, a necessidade de

se qualificar servidores (professores e técnico-administrativos) para uma primeira escuta/acolhimento deste aluno em sofrimento.

Também se faz necessário, por parte dos docentes e dos programas dos quais fazem parte, uma melhor e maior atenção à saúde mental e ao sofrimento de seus alunos, desenvolvendo ações que possam promover qualidade de vida no trabalho ou desempenhando um papel humanístico de acolhimento e escuta e, caso necessário, encaminhamentos a profissionais especializados. Esses processos possibilitam que os discentes se mantenham engajados e sintam-se reconhecidos, fator importante para a saúde mental.

Sugere-se para pesquisas futuras, sobre a mesma temática abordar os seguintes assuntos: a) Declaração da cor de pele, uma vez que a questão racial não foi abordada neste estudo; b) declaração quanto à etnia (indígena ou quilombola, por exemplo), uma vez que tais questões podem ter maior ou menor impacto na saúde mental destes estudantes em um programa de pós-graduação; c) a distinção entre estudar em universidade pública ou privada, e os impactos na saúde mental dos discentes; d) a relação aos gastos com a pós-graduação (incluindo livros, transporte, alimentação, moradia, etc.); e) declaração quanto à questão de gênero (orientação sexual), pois a questão sobre sexo se refere apenas ao sexo de nascimento, bem como realizar um recorte para averiguar se a orientação sexual tem sido ou não mais um fator de sofrimento dos estudantes da pós-graduação; f) verificar se o tempo de permanência dos estudantes no seu local de estudo/trabalho (como, por exemplo, morar na Casa do Estudante) causa algum impacto em sua saúde mental ou seja um fator de risco para o suicídio; g) estudar como esses estudantes podem vir a desenvolver estratégias defensivas eficazes diante das vivências de sofrimento no meio universitário; h) porque a saúde mental na academia é uma “tragédia silenciada”, ou seja, porque os pesquisadores demoram tanto para pesquisar fenômenos que então inseridos na própria academia e no dia a dia dos pesquisadores; i) estudar a formação e o papel dos discentes como orientadores e j) Estudar registros de violências nas universidades (por exemplo: roubos).

Os resultados desta pesquisa podem auxiliar na proposta de mudanças e práticas em diversos Programas de Pós-Graduação – PPG’s, não apenas da área de Comunicação, embora as informações aqui coletadas possam ser utilizadas diretamente em ações voltadas para os discentes destes programas, uma vez que estes constituíram o público alvo da presente pesquisa. A outros PPGs, esta pesquisa pode auxiliar em ações voltadas aos mecanismos de formação de orientadores, por exemplo, uma vez que tal prática não ocorre na formação dos professores nos mestrados ou doutorados, vindo este profissional aprender na prática do dia a dia como docente.

Como estudante de mestrado e trabalhadora pude sentir na pele o prazer e o sofrimento do dia a dia neste processo. Para mim foi um processo penoso, pois além das inúmeras tentativas, sem sucesso, para adentrar em um mestrado, quando finalmente consegui, este não era na minha área. Todavia, me apaixonei pelos estudos na área da comunicação e conheci pessoas maravilhosas. O programa fica em uma cidade e eu trabalho em outra, esse deslocamento que ocorria todos os dias em que tinha aulas presenciais é imensamente cansativo. Apesar de trabalhar na mesma universidade em que estudo (porém em campi diferentes) não consegui me afastar para os estudos, inicialmente por estar em estágio probatório, posteriormente por terem concedido a vários outros servidores, extrapolando a cota do campus para este tipo de licença. Não consegui remoção para o campus em que estudo e cidade em que moro. Desta forma, participar das aulas, congressos e eventos, grupo de pesquisa, assistir qualificação e banca de colegas sempre foi extremamente difícil, principalmente após a implantação do ponto eletrônico no meu trabalho. Vivi as cobranças do produtivismo, de fazer produções e produções, apresentá-las em congressos e, ainda, conciliar isto com meu trabalho e família. Vivi as exigências do programa, com o cumprimento das atividades programadas e os pedidos para qualificar e defender antes dos períodos determinados pela CAPES, a fim de elevar a pontuação do programa.

Mas, ao mesmo tempo, ter entrado neste mestrado e o cursar foi uma grande realização e vitória. Viajar, conhecer novos lugares, ir a congressos e outros eventos, conhecer pessoas novas, com elevado grau de conhecimento e que contribuem cada vez mais para o nosso crescimento profissional e pessoal também, estudar em um grupo de pesquisa e compreender o quanto seus pares podem somar aos seus estudos e que você não é tão “burro” quanto pensa e que consegue ajudá-los também, fazer amizades, que poderão durar para o resto de nossas vidas, trocar experiências, que te enriquecem como ser humano e te ajudam a se tornar um ser melhor, para você, no seu lar e na sociedade.

Enfim, não me arrependo de ter escolhido realizar esse sonho tão almejado de me tornar mestra. Se bem que tive a grande sorte de ter uma orientadora maravilhosa e incrível, cheia de energia, ideias inovadoras e paciência, tanto com minha lentidão nas produções como com alguns estresses que se acumularam entre mestrado, trabalho e vida familiar/social. Tive a sorte de participar de um grupo de pesquisa maravilhoso em que os membros não apenas ajudam com relação as produções, mas são pessoas que se importam com as pessoas, buscando tornar essa jornada mais leve e prazerosa. Ainda tenho um longo caminho a percorrer, muitas coisas a aprender e evoluir, mas concluo esta etapa estando muito feliz (embora exausta. Risos).

REFERÊNCIAS

- ALCADIPANI, R. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação acadêmica. **Caderno EBAPE**. BR. Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, dez. 2011, p. 1174-1178.
- ANCHIETA, V. C. C.; GALINKIN, A. L.; MENDES, A. M. B.; NEIVA, E. R. Trabalho e riscos de adoecimento: um estudo entre policiais civis. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 2, 2011, p. 199-208.
- ANJOS, F. B. dos. Organização do trabalho. IN: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Org.). **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013, p. 267-272.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.
- ANTUNES, R. **O Caracol e sua Concha**: Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho?**: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2008.
- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ALVES, J. J. **Mobilização Subjetiva para o Prazer-Sufrimento no Trabalho dos Taquígrafos Parlamentares**: Uma Prática em Clínica Psicodinâmica da Cooperação. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília. 106f, Brasília, 2014.
- ARANHA, M. L. de A. **História da Educação**. 2 ed. rev. atual. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARAÚJO, J. N. G. de. Entre servidão e sedução do trabalhador: Uma secular insistência do capital. In: MENDES, A. M. **Trabalho e Saúde**: O sujeito entre a emancipação e a servidão. Curitiba: Juruá, 2008, p. 54-68.
- ARTHURO, S. **Depressão na Pós-Graduação e Pós-Doutorado**. *Jornal da Ciência (JC)*, 2012.
- BALBACHEVSKY, E. A pós-graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida. In: BROCK. C.; SCHWARTZMAN, S. **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: 1977.
- BARRETO, M. **Assédio moral**: a violência sutil. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – PUC/SP. 188f, São Paulo, 2005.
- BERNARDO, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, 2014, p.129-139.

BISPO, A. C. K. A.; HELAL, D. H. A dialética do prazer e sofrimento de acadêmicos: Um estudo com mestrandos em administração. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 12, n. 4, 2013, p. 121-136.

BORSOI, I.C.F. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 1, 2012, p. 81-100.

BOTTEGA, C. G. Comportamento suicida: epidemiologia. **Psicologia USP**. v. 25, n. 3, 2014, p 231-236.

BRODY, J. E. Taxa de suicídio entre universitários só cresce; veja como evitar. **Viva Bem**. 05 jul. 2018. Disponível em: <https://vivabem.uol.com.br/noticias/redacao/2018/07/05/suicidio-e-a-segunda-caoa-de-morte-entre-universitarios-veja-como-evitar>. Acesso em: 07 jan. 2019.

BUENO, F. da S. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Lisa, 1988.

CAMPOS, A. S. Violência e trabalho. In: MENDES, R. (Org.). **Patologia do trabalho**. Rio de Janeiro: Atheneup, 2003, p. 1641-1655.

CANÇADO, V. L.; SANT'ANNA, A. de S. Mecanismos de Defesa. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013, p. 249-254.

CAPES. História e missão. 2017. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>. Acesso em: 07 jan. 2019.

CARDOSO, C. Modelo da produtividade na pesquisa está esgotado, diz ex-diretora da Capes. **Direito da Ciência: análise, opinião e jornalismo investigativo**. 31 ago. 2018. Disponível em: <http://www.diretodaciencia.com/2018/08/31/modelo-da-produtividade-na-pesquisa-esta-esgotado-diz-ex-diretora-da-capes/>. Acesso em: 05 ago. 2018.

CARLOMAGNO, M. C.; ROCHA, L. C. da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: Uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 7, n. 1, 2016.

CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (org.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto alegre, Editora da UFRGS, 2011.

CESARINO JÚNIOR, A. F. **Direito Social Brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 1970.

CHAUÍ, M. Ética e violência. **Revista Teoria e Debate**. São Paulo, v. 11, n. 39, 1998, p. 32-41.

COSTA, E. G. Da; NEBEL, L. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. **Polis, Revista Latino-americana**, v. 17, n. 50, 2018, p. 207-227.

COSTA, S. H. B. Sentido do Trabalho. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013a, p. 375-379.

COSTA, S. H. B. Trabalho Prescrito e Trabalho Real. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013b, p. 467-472.

CRISTINI, F. Professor da UFMG é afastado após denúncia de assédio sexual e moral. **G1**. Minas Gerais. 23 out. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/10/professor-da-ufmg-e-afastado-apos-denuncia-de-assedio-sexual-e-moral.html>. Acesso em: 05 ago. 2018.

CUPERTINO, V. Prazer e Sofrimento na Prática Docente no Ensino Superior: Estudo de Caso em uma IFES Mineira. Dissertação (Mestrado Acadêmico em administração) - Programa de Pós-graduação em Administração, Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte, 104f, 2012. Disponível em: http://unihorizontes.br/novosite/banco_dissertacoes/141120121413361141.pdf. Acesso em: 22 dez. 2018.

DAL ROSSO, S. **O ardil da flexibilidade**: os trabalhadores e a teoria do valor. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: Estudo de psicopatologia do trabalho. 5ªed. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DEJOURS, C. **Conferências brasileiras**: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho. São Paulo: Fundap: EAESP/FGV, 1999.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**. São Paulo, v. 14, nº. 3, 2004, p. 27-34.

DEJOURS, C. A psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade. In A. M. Mendes, S. C. C. Lima, E. P. Facas (Orgs.). **Diálogos em Psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2007.

DEJOURS, C. Avant-propos para a edição brasileira. In: LANCMAN, S.; LAERTE I. (Orgs.). **Christophe Dejours**: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Brasília: Paralelo 15, 2011.

DEJOURS, C. **O trabalho Vivo**. Brasília: Paralelo 15, 2012.

DEJOURS, C. Novas formas de servidão e suicídio In: DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho**: casos clínicos. Porto Alegre: Dublinense, 2017a, p. 117-142.

DEJOURS, C. Prefácio. In: DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho**: casos clínicos. Porto Alegre: Dublinense, 2017c, p. 6-8.

DELGADO, J. O. Neoliberalismo y capitalismo académico. **Universidade de Santiago de Compostela**, 2007. Disponível em: <http://firgoa.usc.es/drupal/node/34777>. Acesso em: 22 fev. 2019.

DUTRA, E. Suicídio de Universitários: O Vazio Existencial de Jovens na Contemporaneidade. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. Rio de Janeiro. v. 12, n. 3, 2012, p. 924-937.

ENSP/Fiocruz. Escola nacional de saúde pública Sérgio Arouca. Fundação Oswaldo Cruz. Saúde mental de jovens preocupa universidades. **Radis**. v. 181, p. 8, 2017.

FACAS, E. P.; SILVA, L. M da.; ARAÚJO, M. A. S. Trabalhar. In: VIEIRA, F. de O. (org.). **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba, PR: Juruá Editora, 2013, p. 461-465.

FALQUETO, J.; FARIAS, J. Saturação teórica em pesquisas qualitativas: Relato de uma experiência de aplicação em estudo na área de administração. IN: 5º CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM CIÊNCIAS SOCIAIS. Porto, Portugal, 2016.

FAVERO, D. Aluno acusa professor por 6 anos de assédio na PUC-RS. **Terra**. Porto Alegre. 27 jul. 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/aluno-acusa-professor-por-6-anos-de-assedio-na-puc-rs,1677a641a1e30dbc4c77b1b8864163fcw0ulRCRD.html>. Acesso em: 05 ago. 2018.

FERRARI, I.; NASCIMENTO, A. M.; MARTINS FILHO, I. G. da S. **História do Trabalho, do Direito do Trabalho e da Justiça do Trabalho**. São Paulo: LTr, 1998.

FERREIRA, J. B. Patologia da Solidão. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013a.

FERREIRA, J. B. Real do Trabalho. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013b, p. 343-349.

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. “Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor”: atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. **Estudos de Psicologia**, v. 6, n. 1, 2001, p. 93-104.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

FONAPRACE. **Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras**. Brasília, Brasil: FONAPRACE/ANDIFES, 2011.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: Contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, nº. 1, p. 17-27, jan. 2008.

FREITAS, M. E. de. Análise Organizacional. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

FURQUIM, M. C. de A. **A Cooperativa como alternativa de trabalho**. São Paulo: LTr, 2001.

FUZEIRA, V. Morte de estudante na Universidade de Brasília suspende aulas. **Metrópoles**. 05 jun. 2018. Disponível em: <https://www.metrolopes.com/distrito-federal/morte-de-estudante-na-universidade-de-brasilia-suspende-aulas>. Acesso em: 18 nov. 2019.

GATTI, B. A reflexão sobre os desafios da pós-graduação: novas perspectivas sociais, conhecimento e poder. **Revista Brasileira de Educação**. n. 18. set. a dez 2001, p. 108-116.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GEWIN, V. Under a cloud: Depression is rife among graduate students and postdocs. **Nature**, n. 490, 2012, p. 299-301

GHIZONI, L. D. Cooperação. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

GHIZONI, L. D. **Psicodinâmica do Trabalho**. Minicurso. Universidade Federal do Tocantins. Palmas, 2018a.

GHIZONI, L. D. **Análise de Conteúdo**. Minicurso. Universidade Federal do Tocantins. Palmas, 2018b.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, 1995, p.57-63.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 34 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

GONZÁLEZ-REY, F. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2003.

HAN, B. C. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HELOANI, R.; BARRETO, M. Assédio Moral e Sexual. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

HELOANI, R.; BARRETO, M. **Assédio Moral: Gestão por humilhação**. Curitiba: Juruá Editora, 2018.

HIRIGOYEN, M. F. **Assédio Moral: A violência perversa no cotidiano**. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HIRIGOYEN, M. F. **Mal-estar no trabalho**: redefinindo o assédio moral. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HOFFMANN, C.; TRAVERSO, L. D.; ZANINI, R. R. Contexto de trabalho das pessoas com deficiência no serviço público federal: contribuições do inventário sobre trabalho e riscos de adoecimento. **Gestão & Produção**, v. 21, n. 4, 2014, p. 707-718.

HONNET, A. **Luta por Reconhecimento**: A gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo, 2003.

JUNTA, C. Quando a relação professor/estudante se torna abusiva na pós-graduação? **ANPG** (Associação Nacional de Pós-Graduandos). 11 abr. 2017. Disponível em: <http://www.anpg.org.br/quando-a-relacao-professorestudante-se-torna-abusiva-na-pos-graduacao/>. Acesso em: 05 ago. 2018.

KUBO, S. H.; GOUVÊA, M. A. Análise de fatores associados ao significado do trabalho. **R. Adm.**, São Paulo, v.47, n.4, out./nov./dez. 2012, p.540-554.

LANCMAN, S. O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. U. (org.) **CHRISTOPHE DEJOURS**: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo 15. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. U. (org.) **CHRISTOPHE DEJOURS**: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo 15. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

LIMA, S. C. da C. Coletivo de Trabalho. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

LOURENÇO, B. DA S.; PERES, M. A. DE; PORTO, I. S. OLIVEIRA, R.M. P. de; DUTRA, V. F. D. Atividade física como uma estratégia terapêutica em saúde mental: revisão integrativa com implicação para o cuidado de enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 21, n. 3, 2017, p. 1-8.

MACÊDO, K. B.; HELOANI, R. Identidade. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Obra original publicada em 1867), 1998.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MEIRELES, M. R. G.; CENDÓN, B. V. Aplicação prática dos processos de análise de conteúdo e de análise de citações em artigos relacionados às redes neurais artificiais. **Inf. Inf., Londrina**, v. 15, n. 2, jul./dez. 2010, p. 77-93.

MENDES, A. M.; ARAÚJO, L. K. R. **Clínica Psicodinâmica do Trabalho**: O sujeito em ação. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

MENDES, A. M.; DUARTE, F. S. Mobilização Subjetiva In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

MENDES, A. M.; MULLER, T. da C. Prazer no Trabalho. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

MERLO, Á. R. C.; HELOANI, R. Suicídio (e Trabalho). In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

MINAYO, M. C. S. A violência social sob a perspectiva da Saúde Pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, 1994, p. 7-18.

MINAYO, M. C. de S. O desafio da Pesquisa social. MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 34 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MIRANDA, I. M. de O. *et al.* Caracterização da ideação suicida em estudantes universitários. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. v. 16. N. 1. jan./jul. 2018.

MONTEIRO, J. K.; VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M. **Trabalho e prazer: Teoria, pesquisa e práticas**. Curitiba: Juruá Editora, 2015.

MONTEIRO, J. K.; JACOBY, A. R. Sobrecarga no Trabalho. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

MORAES, F. T. Estudantes de mestrado e doutorado relatam suas dores na pós-graduação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 dez. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/12/1943862-estudantes-de-mestrado-e-doutorado-relatam-suas-dores-na-pos-graduacao.shtml>. Acesso em: 05 ago. 2018.

MORAES, R. D. de M. Estratégias Defensivas. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013a.

MORAES, R. D. de M. Sofrimento Criativo e Patogênico. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013b.

MORAES, R. D. de M. Trabalho e emancipação: um olhar da psicodinâmica do trabalho.

MORAES, R. D. de M.; VASCONCELOS, A. C. L. (Org.). **Trabalho e emancipação: a potência da escuta clínica**. Curitiba: Juruá, 2015.

NEFFA, J. C. El trabajo humano y su centralidad. In: NEFFA, J. C. **Los riesgos psicosociales en el trabajo: una contribución a su estudio**. 1 ed. Libro Digital, 2015, p.10-60.

ODÁLIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

OLIVEIRA, A. DA S. D; PEREIRA, M. DE S.; LIMA, L. M. de. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. **Psicologia Escolar e Educacional**. v. 21, nº 3, São Paulo, 2017, p. 609-619.

OLIVEIRA, C. R. de. **História do Trabalho**. Série Princípios. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

OLIVEIRA, C. S. de. A sociedade do cansaço e a desfeminização da escola. **Extra Classe - Exclusivo Web**. Sinpro/RS. 09 out. 2018. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/exclusivoweb/2018/08/a-sociedade-do-cansaco-e-a-desfeminizacao-da-escola/>. Acesso em: 05 ago. 2018.

OLIVEIRA, M. do C. L. de; SILVEIRA, S. O(s) sentido(s) do trabalho na contemporaneidade, **PPG linguística/UFJF**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, 2012, p. 149-165.

OLIVEIRA, R. P. de; NUNES, M. de O. Violência Relacionada ao Trabalho: uma proposta conceitual. **Saúde Soc**. São Paulo, v.17, n. 4, 2008, p.22-34.

OREJUELA, J. J. Primero afirmar, luego integrar La interdisciplinariedad y las ciencias sociales. **Revista Científica Guillermo de Ockham**. v. 1. 7, n. 1, Enero/Junio de 2009, p. 41-56.

PEREIRA, A. G.; CARDOSO, F. dos S. Suicidal Ideation in University Students: Prevalence and Association with School and Gender. **Paidéia**. v. 25, n. 62, 2015a, p. 299-306.

PEREIRA, A. G.; CARDOSO, F. dos S. Ideação suicida na população universitária: uma revisão de literatura. **Revista E-Psi**. v. 5, n. 2, 2015b, p. 16-34.

PRECISAMOS falar sobre os Efeitos Psicológicos da Pós-Graduação. **Como sobreviver ao doutorado**. 15 jun. 2017. disponível em: <http://comosobreviveradoutorado.com/2017/06/15/efeitos-psicologicos-da-pos-graduacao/>. Acesso em: 05 ago. 2018.

RICHARDSON, R. J. *et al* (org.). **Pesquisa social: Métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROIK, A.; PILATTI, L. A. **Psicodinâmica do Trabalho**: uma perspectiva teórica. IN: XXIX encontro nacional de engenharia de produção. A engenharia de produção e o desenvolvimento sustentável: integrando tecnologia e gestão. Salvador, BA. 2009.

SALGADO, C. C. R.; AIRES, R. F. de F.; SANTOS, F. J. S. dos. Dialética do “prazer e sofrimento”: A relação de mestrandos e doutorandos com seu trabalho acadêmico. **CONTEXTUS – Revista Contemporânea de Economia e Gestão**. v. 16, n. 2, mai./ago. 2018.

SALUM, G. A.; BLAYA, C.; MANFRO, G. G. Transtorno do pânico. **Revista a de Psiquiatria do Rio Grande do Sul – APRS**. RS, v. 31, n. 2, p. 86-94, 2009.

SANTOS, A. R. dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 7 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, H. G. B. dos; MARCON, S. R.; ESPINOSA, M. M.; BAPTISTA, M. N.; PAULO, P. M. C. de. Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. v. 25, p. 1-8, 2017.

SAVIANI, D. Transformações do Capitalismo, do Mundo do Trabalho e da Educação. In: LOMBARDI, J. C., SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Org.). **Capitalismo, Trabalho e Educação**. Campinas. São Paulo: Autores Associados, HISTEDBR, 2002.

SCIALPI, D. **Violencias en la administración pública: Casos y miradas para pensar la administración pública como ámbito laboral**. Buenos Aires: Catálogos, 2004.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: Consequências pessoais do trabalho no capital**. 13 ed. Rio de Janeiro, Record, 2008.

SGUISSARDI, V. Pós-graduação em Educação no Brasil - Conformismo, neoprofissionalismo, heteronomia e competitividade. In: MANCEBO, D; SILVA JR, J. dos R; OLIVEIRA, J. F. de. (Org.). **Reformas e Políticas: Educação Superior e Pós-Graduação no Brasil**. Campinas: Alínea, 2008, p. 137-165.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualit@s Revista Eletrônica**, v.17, n. 1, 2015, p. 1-14.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3 ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SPIES, J. Estudante de 21 anos morre no campus da UnB na Asa Norte. **Metrópoles**. 20 set. 2019. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/distrito-federal/estudante-de-21-anos-morre-no-campus-da-unb-na-asa-norte>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SPINK, P.; ALVES, M.A. O Campo Turbulento da Produção Acadêmica e a Importância da Rebeldia Competente. **Revista O&S**, v. 18, n. 57, 2011, p. 337-343.

SOARES, C. R. V. **Significado do trabalho: um estudo comparativo de categorias ocupacionais**. 1992. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil, 1992.

SOUTO, B. L. C.; BECK, C.L.C.; TRINDADE, L. R.; SILVA, R. M. da; BACKES, D. S.; BASTOS, R. A. O trabalho docente em pós-graduação: Prazer e sofrimento. **Rev Enferm UFSM**, v. 7, n. 1, jan./fev. 2017, p. 29-39.

SOUZA, A. de. O lado B de ser cientista no Brasil. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco. 18 fev. 2018. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/outros/ultimas-noticias/46,37,46,11/2018/02/18/interna_vidaurbana,741859/o-lado-b-de-ser-cientista-no-brasil.shtml. Acesso em: 05 ago. 2018.

STEVENSON, W. J. **Estatística aplicada à administração**. Tradução Alfredo Alves de Farias. São Paulo, Harbra, 1981.

TORRES, C. C.; ABRAHÃO, J. I. A atividade de teleatendimento: uma análise das fontes de prazer e sofrimento no trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 31, n. 114, 2006, p. 113-124.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TSCHIEDEL, R. M.; MONTEIRO, J. K. Prazer e sofrimento no trabalho das agentes de segurança penitenciária. **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 3, 2013, p. 527-535.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS (UFT). **Programa de Promoção à Vida e à Saúde Mental**. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS (UFT). **Regimento Didático do Mestrado Acadêmico em Comunicação e Sociedade - PPGCom**. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2018.

VÄRNIK, P. Suicide in the world. **International Journal of Environmental Research and Public Health**. v. 9, 2012, p. 760- 771.

VASCONCELOS, A. C. L. Sofrimento Ético. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

VASCONCELOS, A. C. L. Antecedente e construção da psicodinâmica do trabalho. MORAES, R. D. de; VASCONCELOS, A. C. L. (Org.). **Trabalho e emancipação: a potência da escuta clínica**. Curitiba: Juruá, 2015.

VERGARA, S. C. **Método de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2006.

VIEIRA, A. P. Perdi o sentido da vida durante uma depressão na pós-graduação. **Veja SP**. 24 nov. 2017. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/terapia/perdi-sentido-vida-graduacao-depressao/>. Acesso em: 05 ago. 2018.

VIEIRA, V. A. As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing. **Revista da FAE**, Curitiba, v. 5, nº 1, p. 61-70, jan./abr., 2002.

WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**. São Paulo, v. 9, n. 1, 1997, p. 5-41.

WHO. **World Health Organization**. 2014. Disponível em: www.who.int/mental_health/prevention/suicide/country_reports/en/index.html. Acesso em: 05 ago. 2019.

ZANDONÁ, C.; CABRAL, F. B.; SULZBACH, C. C. Produtivismo acadêmico, prazer e sofrimento: um estudo bibliográfico. **PERSPECTIVA, Erechim**. v. 38, n. 144, dezembro/2014, p. 121-130.

ANEXOS
ANEXO 01 - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA (CEP)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
 EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE - PPGCom**

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
 FEDERAL DO TOCANTINS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O TRABALHAR NA ACADEMIA: "ESTUDAR PARA UM PÓS-GRADUANDO STRICTO SENSU É O TRABALHO!"

Pesquisador: JANAINA VILARES DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 14589419.9.0000.5519

Instituição Proponente: Fundação Universidade Federal do Tocantins

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.547.902

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa social, cuja premissa fundamental é levantar e aprofundar sobre a percepção de um grupo social, buscando identificar suas características (RICHARDSON, 1999). Visto que o presente trabalho se propõe a investigar as vivências de prazer-sofrimento dos mestrandos e doutorandos, caracteriza-se como um estudo tanto de natureza descritiva, quanto exploratória.

Quanto à abordagem esta será qualitativa, pois parte da construção social das realidades em estudo e encontra-se interessada nas perspectivas dos

participantes do seu conhecimento empírico e cotidiano em relação à questão a ser estudada (FLICK, 2009ab). Assim, para análise, inicialmente, os dados serão lançados no software Atlas TI e depois serão apreciados através da análise de conteúdo de Bardin

(1977), visando o aprofundamento da compreensão do grupo social estudado e dos aspectos da realidade que não podem ser quantificados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Quanto ao procedimento, trata-se de uma pesquisa de campo, que perpassa pelo levantamento bibliográfico, mas estende-se coleta de dados junto a sujeitos, extraindo informações diretamente da realidade dos participantes (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uf@uft.edu.br

Continuação do Parecer: 3.547.902

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar as vivências de prazer-sofrimento que os mestrandos e doutorandos vinculados aos Programas de Pós Graduação em Comunicação e Informação do Brasil tem vivenciado.

Objetivo Secundário:

Caracterizar a organização do trabalho a que os mestrandos e doutorandos estão submetidos; Identificar as fontes de prazer e de sofrimento ético, patológico e criativo no trabalhar dos mestrandos e doutorandos; Descrever os destinos que os mestrandos e doutorandos estão dando ao sofrimento vivenciado no meio acadêmico.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os eventuais riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem estar relacionados ao desconforto emocional, intimidação, angústia, insatisfação, irritação e algum mal-estar frente aos questionamentos. Contudo, caso isso ocorra, por gentileza, fique à vontade em interromper a sua participação, em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

Benefícios:

Considerando as características da pesquisa, os benefícios para os participantes desse estudo ocorrerá através do levantamento da organização do trabalho, dos sofrimentos éticos, patológicos e criativos, bem como do prazer advindo do trabalhar do mestrando, levando a possibilidade de se pensar em saúde mental e na prevenção do adoecimento físico e psicológico, bem como na prevenção de intento e suicídios concretizados na organização do trabalho do mestrando.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de Mestrado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados, considerando a justificativa da pendência 3.

Recomendações:

Retirar a logomarca e o nome da UFT no TCLE;

Enumerar as páginas do TCLE, por exemplo: 1/2;2/2.

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoxarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 3.547.902

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Salientamos, que é necessário o envio do relatório final da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

OBS.: As recomendações devem ser acatadas.

Após o término da pesquisa, o pesquisador deverá encaminhar um breve relatório da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1351338.pdf	20/08/2019 14:45:53		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Carta_de_isencao_a_autorizacao_do_reitor_da_UFT_para_a_realizacao_da_pesquisa.docx	20/08/2019 14:44:37	JANAINA VILARES DA SILVA	Aceito
Outros	Carta_de_resposta_as_pendencias.docx	20/08/2019 14:42:26	JANAINA VILARES DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	20/08/2019 14:40:12	JANAINA VILARES DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_dissertacao_Janaina_Vilares.docx	20/08/2019 14:39:04	JANAINA VILARES DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto.pdf	17/05/2019 11:45:17	JANAINA VILARES DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_dissertacao_janaina_vilares.pdf	08/05/2019 10:32:56	JANAINA VILARES DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	08/05/2019 10:31:18	JANAINA VILARES DA SILVA	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	08/05/2019 10:31:00	JANAINA VILARES DA SILVA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	08/05/2019 10:30:42	JANAINA VILARES DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoxarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 3.547.902

Não

PALMAS, 02 de Setembro de 2019

Assinado por:
PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoxarifado

Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090

UF: TO **Município:** PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uf@uft.edu.br

APÊNDICES
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE - PPGCom**

Este questionário faz parte de um estudo desenvolvido pelo PPGCOM da UFT, sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida, tomando como referência a **sua experiência dentro da universidade**. **Por favor, responda a todas as questões**. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada.

Identificação

Se deseja receber os dados deste estudo deixe seu e-mail:

1. Você é discente de:
 Mestrado Doutorado

2. Você é aluno regular do programa?
 Sim Não (Não prossegue a pesquisa)

3. Qual a modalidade da pós-graduação? acadêmico profissional

4. Selecione o Programa de pós-graduação *stricto sensu* que você faz parte:
 - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo - Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM
 - Produção Jornalística e Mercado MPPJM - Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM
 - Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Fundação Cásper Líbero - FCL
 - Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS
 - Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Fundação Universidade Federal de Roraima - UFRR
 - Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal de Sergipe - UFSE
 - Comunicação e Indústria Criativa - Fundação Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA
 - Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal do Piauí - UFPI
 - Mestrado em Comunicação Social - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas
 - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP
 - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio

- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS
- () Programa de Pós Graduação em Comunicação - Universidade Anhembi Morumbi - UAM
- () Mestrado em Comunicação - Universidade Católica de Brasília - UCB
- () Indústrias Criativas - Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP
- () Programa de Pós Graduação em Comunicação - Universidade de Brasília – UnB
- () Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Universidade de São Paulo - USP
- () Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais - Universidade de São Paulo – USP
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura - Universidade de Sorocaba - UNISO
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
- () Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos
- () Programa de Pós-Graduação em Multimeios - Universidade Estadual de Campinas - Unicamp
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Estadual de Londrina - UEL
- () Programa de Mestrado em Jornalismo - Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Estadual Paulista – Unesp
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea - Universidade Federal da Bahia - UFBA
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas - Universidade Federal da Paraíba – UFPB
- () Programa de Pós-Graduação em Jornalismo - Universidade Federal da Paraíba - UFPB
- () Mestrado em Comunicação - Universidade Federal de Goiás - UFG
- () Mestrado em Comunicação e Sociedade - Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF
- () Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
- () Programa de Pós-Graduação em Jornalismo - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
- () Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som - Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
- () Tecnologias, Comunicação e Educação - Universidade Federal de Uberlândia - UFU
- () Comunicação - Universidade Federal do Ceará - UFC
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades - Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
- () Comunicação - Universidade Federal do Maranhão - UFMA
- () Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia - Universidade Federal do Pará - UFPA
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal do Paraná - UFPR
- () Mestrado em Comunicação - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação- Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
- () Criação e Produção de Conteúdos Digitais- Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
- () Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade - Universidade Federal do Tocantins - UFT
- () Mídia e Cotidiano - Universidade Federal Fluminense - UFF
- () Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual – PPGCINE - Universidade Federal Fluminense
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal Fluminense
- () Pós-Graduação em Comunicação Social – POSCOM - Universidade Metodista de São Paulo - UMESP
- () Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público – MPCOM - Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS
- () Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Paulista - UNIP
- () Mestrado e Doutorado em Comunicação e Linguagens - Universidade Tuiuti do Paraná – UTP
- () Outro. Qual? _____

5. O seu Programa de Pós Graduação situa-se em qual região do Brasil?

- () Norte () Nordeste () Centro-oeste () Sul () Sudeste

Eixo V: Destinos aos sofrimentos vivenciados

6. Complete as frases a seguir:

Quando penso nas atividades do meu mestrado/doutorado **eu sinto**....

Quando eu me sinto **bem** diante das atividades do mestrado/doutorado **eu procuro**...

Quando eu me sinto **mal** diante das atividades do mestrado/doutorado **eu procuro**...

7. A **Universidade** que você estuda tem algum tipo de **apoio psicossocial ao discente**:

Não Sim

Se sim, qual(is)? _____

8. O **Programa de Pós Graduação** em que você faz parte tem algum tipo de **apoio psicossocial ao discente**: Não Sim Qual(is)? _____

9. Você já participou de alguma atividade de apoio psicossocial no último ano?

Não Sim Se sim Qual(is)? _____

Eixo IV: Fontes de Prazer e Sofrimento Criativo

Assinale a alternativa que você julga que melhor se enquadra, sendo: 1 - Totalmente insatisfeito; 2 - Parcialmente insatisfeito; 3 - Nem satisfeito, nem insatisfeito; 4 - Parcialmente satisfeito; 5 - Totalmente satisfeito:

10. O quão satisfeito você está com a sua universidade?

(1) Totalmente insatisfeito (2) Parcialmente insatisfeito (3) Nem satisfeito, nem insatisfeito
(4) Parcialmente satisfeito (5) Totalmente satisfeito

11. Quão satisfeito você está com o Programa do Mestrado/Doutorado?

(1) Muito insatisfeito (2) Insatisfeito (3) Nem satisfeito nem insatisfeito (4) Satisfeito
(5) Muito Satisfeito

12. Quão satisfeito você está com o seu curso?

(1) Muito insatisfeito (2) Insatisfeito (3) Nem satisfeito nem insatisfeito (4) Satisfeito
(5) Muito Satisfeito

13. Quão satisfeito (a) você está com sua capacidade para o estudo?

(1) Muito insatisfeito (2) Insatisfeito (3) Nem satisfeito nem insatisfeito (4) Satisfeito
(5) Muito Satisfeito

14. Quão satisfeito (a) você está com a concretização dos trabalhos da pós?

(1) Muito insatisfeito (2) Insatisfeito (3) Nem satisfeito nem insatisfeito (4) Satisfeito
(5) Muito Satisfeito

15. Quão satisfeito você está com o seu orientador(a)?

(1) Muito insatisfeito (2) Insatisfeito (3) Nem satisfeito nem insatisfeito (4) Satisfeito
(5) Muito Satisfeito

16. Para você quais as vantagens do mestrado/doutorado (pode marcar mais de um item):

<input type="checkbox"/> Crescimento intelectual	<input type="checkbox"/> Retorno financeiro	<input type="checkbox"/> Acesso a melhores vagas no mercado
<input type="checkbox"/> Qualificação profissional	<input type="checkbox"/> Reconhecimento profissional	<input type="checkbox"/> Ampliação das suas possibilidades profissionais
<input type="checkbox"/> Crescimento Pessoal	<input type="checkbox"/> Reconhecimento no meio profissional e acadêmico	
<input type="checkbox"/> Conhecimento especializado		

- Acesso a novas técnicas e tecnologias de pesquisa e trabalho
- Desenvolvimento de habilidades para trabalhar em equipe
- Desenvolvimento do pensamento crítico
- Possibilidade de lecionar
- Contatos profissionais
- Especialização em determinada área
- Possibilidade de estudar fora do seu estado
- Possibilidade de estudar fora do país
- Possibilidade de ir para eventos/ congressos
- Possibilidade de conhecer outros estados e/ou países.

- 17.** Quantas horas da semana você dedica ao lazer?
- Não tenho lazer
 - 1-5
 - 6-10
 - 11-15
 - Mais de 16 horas

- Nova visão da ciência e do mundo acadêmico
- Aprofundamento em um tema do seu interesse
- Conhecer novas técnicas de pesquisa
- Melhorar sua proficiência em outro idioma
- Conhecer novas técnicas de pesquisa
- Maior motivação para estudar, pesquisar e produzir
- Ampliação da rede de contatos
- Não existe nenhuma vantagem em fazer mestrado/doutorado
- Viagens para congressos

- 18.** Qual(is) atividade(s) de lazer você costuma fazer:
- Sair com amigos
 - Ir barzinhos
 - Ir ao cinema
 - Ir ao teatro
 - Assistir netflix
 - não fazer nada, só descansar mesmo
- Outro(s). Qual(is)
-

- Apoio financeiro para participação em eventos científicos
 - Publicações de artigos científicos/resumos/ capítulos de livro/ livros
 - Não existe nenhuma vantagem em fazer mestrado/ doutorado
 - Outra(s).
- Qual(is):_____
-
-
-
-

- 19.** Você realiza alguma atividade física? () Não () Sim. Se sim qual(is)?_ () Academia fechada () Academia ao ar livre () Caminhada () Pilates () Corrida () Outra? Qual:
-

Eixo III: Fontes de Sofrimento Ético e Patogênico

- 20.** Para você, quais as principais dificuldades encontradas no mestrado/doutorado (pode marcar mais de uma alternativa):

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Seleção do mestrado/doutorado | <input type="checkbox"/> Falta de orientação |
| <input type="checkbox"/> Falta de bolsas | <input type="checkbox"/> Falta de identificação com o orientador |
| <input type="checkbox"/> Baixo valor da bolsa | <input type="checkbox"/> Relação professor-estudante |
| <input type="checkbox"/> Desemprego | <input type="checkbox"/> Relação orientador-orientando |
| <input type="checkbox"/> Dificuldade financeira | <input type="checkbox"/> Falta de identificação com o programa |
| <input type="checkbox"/> Conciliar o mestrado/doutorado com o trabalho (formal ou informal) | <input type="checkbox"/> Competição entre os discentes |
| <input type="checkbox"/> Distância entre a residência e a universidade | <input type="checkbox"/> Competição entre os docentes |
| <input type="checkbox"/> Necessidade de mudar de cidade para fazer o mestrado/doutorado | <input type="checkbox"/> Humilhação por parte do orientador |
| <input type="checkbox"/> Adaptação a novas situações | <input type="checkbox"/> Humilhação por parte dos colegas |
| | <input type="checkbox"/> Pouco tempo para finalizar o mestrado/doutorado |
| | <input type="checkbox"/> Falta de apoio familiar |

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Distância da família | <input type="checkbox"/> Dificuldade de aprendizado |
| <input type="checkbox"/> Incompreensão por parte da família e amigos | <input type="checkbox"/> Falta de sentido no trabalho de escrever, produzir e publicar |
| <input type="checkbox"/> Dificuldade no relacionamento social e interpessoal | <input type="checkbox"/> Pouco tempo para fazer os trabalhos das disciplinas |
| <input type="checkbox"/> Dificuldade nas relações amorosas ou conjugais | <input type="checkbox"/> Pouco tempo para fazer a dissertação |
| <input type="checkbox"/> Conflito de valores e religiosos | <input type="checkbox"/> Atividades além das disciplinas e dissertação (grupo de pesquisa, congressos...) |
| <input type="checkbox"/> Discriminações e preconceitos | <input type="checkbox"/> Carga horária excessiva de trabalho |
| <input type="checkbox"/> Pressão pela produção | <input type="checkbox"/> Outro(s). Qual(is): |
| <input type="checkbox"/> Carga excessiva de trabalhos acadêmicos | _____ |
| <input type="checkbox"/> Falta de disciplina ou hábito de estudo | _____ |
| <input type="checkbox"/> Dificuldades de acesso a materiais e meios de estudo | _____ |

21. Você já sofreu algumas dessas violências no mestrado/doutorado:

- Assédio/violência moral (“constitui uma violação dos direitos fundamentais e uma mácula à dignidade humana”);
- Assédio/ violência sexual (condutas de natureza sexual, em variadas forma de expressão, seja verbal ou gestual, proposta ou imposta a outra pessoa, contra o seu desejo);
- Assédio/violência física (violência pelo uso de força física para oprimir ou ofender a outro);
- Assédio/violência psicológica (atos e atitudes abusivas, materializados pelo medo, insultos e geração de estresse);
- Assédio/violência laboral (aborda várias categorias, antes “inseridos” no assédio moral, todavia não é apenas um ato isolado, como um ato vingativo e raivoso por parte da chefia. Este é mais utilizado em situações mais “explícitas”, enquanto o termo assédio moral é mais utilizado para ações mais sutis, cujo nexos causal é mais difícil de ser provado)
- Assédio/violência Institucional (violência genérica, ou seja, está relacionada a atos e ações políticas, ocorrendo de modo intensamente incrustada e burocratizada, tanto em organizações públicas quanto privadas);
- Bullying* (caracterizada por um conjunto de condutas abusivas, que ocorre de forma intencional e com frequência, realizada por um ou mais colegas dirigidas a uma pessoa);
- Mobbing* (assemelha-se ao, todavia concentra-se em uma perseguição coletiva, ou seja, um fenômeno grupal).

22. Você desenvolveu alguma doença durante o mestrado/doutorado? Não Sim Qual(is)? _____

23. Marque dentre as opções abaixo quais os sentimentos e sensações você apresentou durante o seu curso de mestrado/doutorado:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Medo de errar | <input type="checkbox"/> Desesperança |
| <input type="checkbox"/> Medo de emitir opiniões | <input type="checkbox"/> Sentimento de solidão |
| <input type="checkbox"/> Medo de ser vítima de fofocas | <input type="checkbox"/> Sensação de desatenção |
| <input type="checkbox"/> Desânimo ou falta de vontade de fazer as coisas | <input type="checkbox"/> Desorientação |
| <input type="checkbox"/> Sensação de desamparo | <input type="checkbox"/> Confusão Mental |
| <input type="checkbox"/> Sensação de desespero | <input type="checkbox"/> Tristeza persistente |
| | <input type="checkbox"/> Timidez excessiva |

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mau humor | <input type="checkbox"/> Sensação de formigamento |
| <input type="checkbox"/> Problemas alimentares; | <input type="checkbox"/> Taquicardia/palpitações |
| <input type="checkbox"/> Irritabilidade | <input type="checkbox"/> Sensação de desmaio |
| <input type="checkbox"/> Tensão | <input type="checkbox"/> Dores no peito |
| <input type="checkbox"/> Tremores | <input type="checkbox"/> Ânsia de vômito/náusea |
| <input type="checkbox"/> Inquietação | <input type="checkbox"/> Sensação de asfixia |
| <input type="checkbox"/> Indecisão | <input type="checkbox"/> Boca seca |
| <input type="checkbox"/> Desatenção | <input type="checkbox"/> Sudorese |
| <input type="checkbox"/> Agitação | <input type="checkbox"/> Tontura |
| <input type="checkbox"/> Dificuldade para me concentrar | <input type="checkbox"/> Dores de cabeça |
| <input type="checkbox"/> Memória fraca | <input type="checkbox"/> Perda exagerada de peso |
| <input type="checkbox"/> Incapacidade de relaxar | <input type="checkbox"/> Ganho exagerado de peso |
| <input type="checkbox"/> Pensamentos obsessivos | <input type="checkbox"/> Perda de apetite |
| <input type="checkbox"/> Sono fragmentado | <input type="checkbox"/> Ganho de apetite |
| <input type="checkbox"/> Despertar precoce | <input type="checkbox"/> Dificuldade para comer |
| <input type="checkbox"/> Fadiga | <input type="checkbox"/> Compulsão alimentar |
| <input type="checkbox"/> Choro com facilidade | <input type="checkbox"/> Perda da libido |
| <input type="checkbox"/> Angústia | <input type="checkbox"/> Frigidez |
| <input type="checkbox"/> Tristeza | <input type="checkbox"/> Impotência |
| <input type="checkbox"/> Desânimo | <input type="checkbox"/> Ejaculação precoce |
| <input type="checkbox"/> Desamparo | <input type="checkbox"/> Distúrbios menstruais |
| <input type="checkbox"/> Sentimento de inutilidade | <input type="checkbox"/> Sentimentos de irrealidade |
| <input type="checkbox"/> Sentimento de culpa | <input type="checkbox"/> Ouço vozes que ninguém mais ouve |
| <input type="checkbox"/> Falta de prazer em passatempos | <input type="checkbox"/> Enxergo formas ou pessoas que não estão presentes |
| <input type="checkbox"/> Perda de interesse | <input type="checkbox"/> Sinto cheiros que ninguém mais sente |
| <input type="checkbox"/> Dificuldade de sentir intimidade e proximidade | <input type="checkbox"/> Penso em ferir outras pessoas propositalmente |
| <input type="checkbox"/> Apatia | <input type="checkbox"/> Penso em me ferir propositalmente |
| <input type="checkbox"/> Dificuldade em manter cuidados de higiene | <input type="checkbox"/> Sentimento de incapacidade de trabalhar |
| <input type="checkbox"/> Dificuldade em manter cuidados pessoais | <input type="checkbox"/> Sinto que não vale a pena viver |
| <input type="checkbox"/> Sinto-me isolado | <input type="checkbox"/> Desejo estar morto |
| <input type="checkbox"/> Dores no corpo | <input type="checkbox"/> Pensamento suicida |
| <input type="checkbox"/> Zumbido nos ouvidos | <input type="checkbox"/> Tentativa de suicídio |
| <input type="checkbox"/> Perturbação da visão | <input type="checkbox"/> Vontade de desistir de tudo |
| <input type="checkbox"/> Calafrios | <input type="checkbox"/> _____ Outros. |
| <input type="checkbox"/> Calores | Qual(is)? _____ |
| <input type="checkbox"/> Sensação de fraqueza | |

24. Você tem energia e disposição suficiente para seu dia a dia:

- Sim Não

25. Com que frequência você tem sentimentos negativos (mau humor, desespero, ansiedade, depressão, sintomas de pânico)?

- (1) Nunca (2) Algumas vezes (3) Frequentemente (4) Muito frequentemente (5) Sempre

26. Faz uso de algum medicamento psiquiátrico?

- (_____) Sim (_____) Não Para o que? _____

27. Você já buscou tratamento para alguma doença desenvolvida durante o mestrado/doutorado?

() Sim () Não Para qual?

28. Você conhece alguém que tentou se suicidar ou se suicidou enquanto ele fazia mestrado/doutorado?

() Sim () Não

29. Você já foi obrigado a fazer algo que ia contra seus princípios (éticos, religiosos...) durante o mestrado/doutorado?

() Sim () Não. O que?

Eixo II: Organização do trabalho

30. Você trabalha concomitantemente ao mestrado/doutorado? () Não () Sim.

Se sim, qual? _____

31. Você possui bolsa de auxílio? () Sim () Não.

Se sim, qual órgão? () CAPES () CNPq () Outra. Qual? _____

32. Você recebe algum auxílio da universidade? () Não () Sim.

Se sim, qual(is)? () Alimentação () Moradia () Permanência () Transporte () Outra(s). Qual(is)? _____

33. Você recebe algum auxílio financeiro de terceiros? () Não () Sim.

Se sim, de quem? () Pais () Conjugue () Filho(s) () Amigos Outra(s). Quem? _____

34. Você está cursando disciplinas este semestre? () Não () Sim. (Se sim, prossiga. Se não, vá para a pergunta 32).

35. Quantas disciplinas de 30h você está cursando no semestre atual?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () Mais de 5.

36. Quantas disciplinas de 45h você cursando no semestre atual?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () Mais de 5.

37. Quantas disciplinas de 60h você cursando no semestre atual?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () Mais de 5.

38. Quantas disciplinas de 90h você cursando no semestre atual?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () Mais de 5.

39. Quantas disciplinas de 120h você cursando no semestre atual?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () Mais de 5.

40. Quantas horas você estuda por semana fora da sala de aula?
 Nenhuma Até 4h De 5 a 10h De 11 a 15h De 16 a 20h De 21 a 25h Mais de 26h.

41. Quantas horas semanais você fica envolvido com atividades do mestrado/doutorado?
 Nenhuma Até 4h De 5 a 10h De 11 a 15h De 16 a 20h De 21 a 25h Mais de 26h.

Eixo I: Perfil do Participante

42. Sexo: M F

43. Idade: 18 a 30 anos 31 a 40 anos 41 a 50 anos mais que 51 anos

44. Estado Civil: solteiro casado/união estável divorciado/separado viúvo

45. Você possui filhos? Não Sim Se sim, quantos:

1 3 5
 2 4 6 ou mais

46. Com quem você mora? sozinho pais amigos companheiro(a)/esposo(a) Outro. Quem _____

47. Você mora na cidade em que estuda? Sim Não

48. Teve que mudar de cidade para fazer o mestrado/doutorado? Sim Não

49. Ano e Semestre da formatura na graduação:

anterior ao ano de 2012/2 2016/1
 2010/1 2013/1 2016/2
 2010/2 2013/2 2017/1
 2011/1 2014/1 2017/2
 2011/2 2014/2 2018/1
 2012/1 2015/1 Igual ou posterior a 2018/2
 2015/2

50. Ano e Semestre da inserção no mestrado/doutorado:

Igual ou anterior a 2016/2 2018/1
 2017/1 2018/2
 2017/2 2019/1

51. Qual o curso concluído na graduação?

Jornalismo Administração
 Publicidade e Propaganda Economia
 Relações Públicas Direito
 Psicologia Ciências sociais
 Serviço Social Outro. Qual? _____

APÊNDICE B - PPG's EM COMUNICAÇÃO DA PLATAFORMA SUCUPIRA



Nº	Universidade	Programa	Modalidade	Contatos
1.	Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo	Mestrado e Doutorado	<p>Rua Doutor Álvaro Alvim, 123 - Vila Mariana - São Paulo/SP - CEP: 04018-010</p> <p>Site: www.espm.br/ppgcom. E-mail: ppgcom@espm.br</p> <p>Telefone: (11) 5085-4638 Fax: (11) 5085-4870</p> <p>Coordenador (a): Denise Cogo. E-mail: denisecogo2@gmail.com</p>
2.		Produção Jornalística e Mercado MPPJM	Mestrado	<p>Rua Doutor Álvaro Alvim, 123 - Vila Mariana - São Paulo/SP - CEP: 04018-010</p> <p>Site: http://www.espm.br/mppjm.</p> <p>E-mail: mppjm-sp@espm.br</p> <p>Telefone: (11) 5085-4638 Ramal: (11) 5085-4587 Ramal:</p> <p>Coordenador (a): Maria Elisabete Antonioli.</p>
3.	Fundação Casper Líbero - FCL	Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Mestrado	<p>Av. Paulista, 900 5 andar - Cerqueira César - São Paulo/SP - CEP: 01310-940</p> <p>Site: casperlibero.edu.br/mestrado/.</p> <p>E-mail: posgraduacao@casperlibero.edu.br</p> <p>Telefone: (11) 3170-5875 Coordenador (a): Marli dos</p>

				Santos. E-mail: msantos@casperlibero.edu.br
4.	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS	Programa de Pós-graduação em Comunicação	Mestrado e Doutorado	Cidade Universitária, Bloco IV - Campo Grande/MS - CEP: 79070-900 Site: www.mestrado comunicacao.sites.ufms.br. E-mail: ppgcom.faalc@ufms.br Telefone: (67) 3345-7644 Coordenador (a): Gerson Luiz Martins. E-mail: gerson.martins@ufms.br
5.	Fundação Universidade Federal de Roraima - UFRR	Programa de Pós-graduação em Comunicação	Mestrado	Capitão Ene Garcez, Bairro Aeroporto. Site: www.ufrr.br. E-mail:---- Telefone: (95) 3621-3178/ (95) 3624-8676 Coordenador (a): Tatiane Hilgemberg Figueiredo
6.	Universidade Federal de Sergipe - UFSE	Programa de Pós-graduação em Comunicação	Mestrado	Av. Marechal Rondon, S/N Centro de Vivência da UFS, Andar Superior, Sala 02 - Jardim Rosa Elze - São Cristóvão /SE - CEP: 49100-000 Site: www.poscomunicacao.ufs.br. E-mail: mestrado comunicacao.ufs@gmail.com. Coordenador (a): Josenildo Luiz Guerra. E-mail: jl_guerra@uol.com.br
7.	Fundação	Comunicação	e Mestrado	Avenida General Osório, nº

	Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA	Indústria Criativa		<p>900. CEP: 96400-100</p> <p>Site: http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcic/.</p> <p>E-mail: ppgcicunipampa@gmail.com</p> <p>Telefone: (53) 3240-5400/ (55) 3967-1700/4201</p> <p>Coordenador (a): Sara Alves Feitosa</p>
8.	Universidade Federal do Piauí - UFPI	Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Mestrado	<p>Campus Ministro Petrônio Portela - Centro de Ciências da Educação - PPGCOM-Mestrado em Comunicação, s/n - sala 462 - Ininga - Teresina/PI - CEP: 64049-550</p> <p>Site: http://www.sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/portal.jsf?lc=pt_BR&id=369.</p> <p>E-mail: ppgcompi@edu.ufpi.br.</p> <p>Coordenador (a): Nilsângela Cardoso E-mail: nilcardoso@gmail.com</p> <p>Vice-Cordenador (a): Gustavo Said. E-mail: gsaid@uol.com.br</p>
9.	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas	Mestrado em Comunicação Social	Mestrado	<p>Av. Dom José Gaspar, 500 - Coração Eucarístico - Belo Horizonte/MG - CEP: 30535-901</p> <p>Site: www.pucminas.br/cursos/mestrado.php?tipo=5&pai=52&pagina=947&menu=57&cabecalho=1.</p> <p>E-mail: mestradofca@pucminas.br</p>

				<p>Telefone: (31) 3319-4546</p> <p>Coordenador (a): Marcio Serelle. E-mail: marcio.serelle@gmail.com</p>
10.	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP	Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica	Mestrado e Doutorado	<p>Rua Ministro Godoy, 969 4o. Andar Bloco A Sala 4A8 - Perdizes - São Paulo/SP - CEP: 05014-901</p> <p>Site: www.pucsp.br/pos/cos. E-mail: cos@pucsp.br</p> <p>Telefone: (11) 3670-8146</p> <p>Coordenador (a): Rogério da Costa Santos. E-mail: rogcosta@pucsp.br</p> <p>Vice-Coordenador (a): Christine. E-mail: christinegreiner3@gmail.com</p>
11.	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio	Programa de Pós-graduação em Comunicação	Mestrado e Doutorado	<p>Rua Marquês de São Vicente, 225 6º andar - Prédio Kennedy - Gávea - Rio de Janeiro/RJ - CEP: 22453-900</p> <p>Site: www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/progcom.html.</p> <p>E-mail: poscom@puc-rio.br</p> <p>Telefone: (21) 3527-1144</p> <p>Coordenador (a): Arthur César de Araújo Ituassu Filho. E-mail: ituassu@puc-rio.br</p>
12.	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS	Programa de Pós-graduação em Comunicação Social	Mestrado e Doutorado	<p>Av. Ipiranga, 6681 Prédio 07 - Sala 319 - Partenon - Porto Alegre/RS - CEP: 90619-900</p> <p>Site: www.pucrs.br/famecos/pos.</p> <p>E-mail: famecos-pg@pucrs.br</p> <p>Telefone: (51) 3320-3658</p>

				<p>Fax: (51) 3320-3858</p> <p>Coordenador (a): Cristiane Freitas Gutfreind. E-mail: cristianefreitas@pucrs.br</p> <p>Vice-Coordenador (a): Carlos Gerbase. E-mail: cgerbase@pucrs.br</p>
13.	Universidade Anhembi Morumbi - UAM	Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Mestrado	<p>Casa do Ator, 294 7º Andar - Unidade 5- Vila Olímpia - São Paulo/SP - CEP: 4546-000</p> <p>Site: www.anhembi.br/mestrado/municacao.</p> <p>E-mail: mecomunicacao@anhembi.br</p> <p>Telefone: (11) 3847-3037</p> <p>Coordenador (a): Luiz Vadico. E-mail: vadico@hotmail.com. E-mail: rferraraz@anhembi.br. E-mail: lauracanepa@anhembimorumbi.edu.br</p>
14.	Universidade Católica de Brasília - UCB	Mestrado em Comunicação	Mestrado	<p>Campus Avançado Asa Norte - SGAN 916, Módulo B, Salas A-203, A-204, A-205, A-206 e A-207 - Asa Norte - Brasília/BA - CEP: 70790-160</p> <p>Site: www.ucb.br/poscomunicacao.</p> <p>E-mail: poscomunicacao@pos.ucb.br</p> <p>Telefone: (61) 3448-7270 / 3448-7128 / 3448-7196 / 3448-7211</p> <p>Coordenador (a): Florence Marie Dravet. E-mail: flormd@gmail.com</p>
15.	Universidade Católica de	Programa de Pós-Graduação em	Mestrado	<p>Rua Almeida Cunha, 245, Bloco G4, 8º andar, Setor A</p>

	Pernambuco - UNICAP	Indústrias Criativas		<p>Boa Vista, Recife – PE, Brasil – CEP: 50.050-480</p> <p>Site: http://www.unicap.br/home/mestrado-profissional-em-industrias-criativas/</p> <p>E-mail: ppgcriativas@unicap.br</p> <p>Telefone: (81) 2119-4020/ (81) 2119-4369/ (81) 2119-4331</p> <p>Coordenador (a): Juliano Mendonca Domingues da Silva.</p>
16.	Universidade de Brasília - UnB	Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Mestrado e Doutorado	<p>Fundação Universidade de Brasília - Instituto Central de Ciências - Ala Norte - Sala Ass-615 (Subsolo) – Campus Universitário Darcy Ribeiro, s/n - Asa Norte - Brasília/DF - CEP: 70910-900</p> <p>Site: ppgcom.fac.unb.br/.</p> <p>E-mail: poscom@unb.br</p> <p>Telefone: (61) 3107-6539 / 3107-6541</p> <p>Coordenador (a): João José Azevedo Curvello.</p> <p>E-mail: jjacurvello@gmail.com</p>

17.		Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação	Mestrado e Doutorado	<p>Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 PPGCOM/USP - Escola de Comunicações e Artes - Butantã - Cidade Universitária/SP - CEP: 05508-900</p> <p>Site: www3.eca.usp.br/pos/ppgcom.</p> <p>E-mail: ppgcom@usp.br</p> <p>Telefone: (11) 3091-4507 Fax: (11) 3091-4507</p> <p>Coordenador (a): Roseli Fígaro. E-mail: figaro@uol.com.br</p>
18.	Universidade de São Paulo - USP	Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais	Mestrado e Doutorado	<p>Avenida Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443 Cidade Universitária - Butantã - São Paulo/SP - CEP: 05508-020</p> <p>Site: www.pos.eca.usp.br/index.php?q=pt-br/meios_processos_audiovisuais.</p> <p>E-mail: ppgmpa@usp.br</p> <p>Telefone: (11) 3091-4286</p> <p>Coordenador (a): Esther Império Hamburger. E-mail: ehamb@usp.br</p> <p>Vice-Coodenador (a): Irene de Araujo Machado. E-mail: irenear@usp.br</p>

19.	Universidade de Sorocaba - UNISO	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura	Mestrado e Doutorado	<p>Rodovia Raposo Tavares, Km 92, 5 - Centro - Sorocaba/SP - CEP: 18035-430</p> <p>Site: comunicacaoecultura.uniso.br.</p> <p>E-mail: comunicacao.cultura@uniso.br</p> <p>Telefone: (15) 2101-400 Fax: (15) 2101-403</p> <p>Coordenador (a): Maria Ogecia Drigo. E-mail: maria.ogcia@gmail.com</p> <p>Vice-ordenador (a): Luciana Coutinho Paglarini de Souza. E-mail: luciana.souza@uniso.br</p>
20.	Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ	Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Mestrado e Doutorado	<p>Rua São Francisco Xavier, 524 - Maracanã - Rio De Janeiro/RJ - CEP: 20550-013</p> <p>Site: http://www.ppgcom.uerj.br/.</p> <p>E-mail: ppgcomunic@gmail.com</p> <p>Telefone: (21) 2334-0757 Fax: (21) 2334-0390</p> <p>Coordenador (a): Erick Felinto de Oliveira. E-mail: erickfelinto@gmail.com</p>

21.	Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação	Mestrado e Doutorado	<p>São Leopoldo, 950 - Cristo Rei - Rio Grande do Sul/RS - CEP: 93022-750</p> <p>Site: www.unisinos.br/ppg/comunicacao.</p> <p>E-mail: poscom@unisinos.br</p> <p>Telefone: (51) 3590-8450 Fax: (51) 3590-8132</p> <p>Coordenador (a): Gustavo Daudt Fischer. E-mail: gfischer@unisinos.br</p>
22.	Universidade Estadual de Campinas - Unicamp	Programa de Pós-Graduação em Multimeios	Mestrado e Doutorado	<p>Rua Elis Regina, 50 Cidade Universitária Zeverino Vaz - Barão Geraldo - CAMPINAS/SP - CEP: 13083-854</p> <p>Site: www.iar.unicamp.br.</p> <p>E-mail: secretaria.cpgia@iar.unicamp.br</p> <p>Telefone: (19) 3521-7196</p> <p>Coordenador (a): Marcius Freire. E-mail: marcius.freire@gmail.com</p>

23.	Universidade Estadual de Londrina - UEL	Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Mestrado	<p>Rodovia Celso Garcia Cid, PR, 445 Km 380 Caixa Postal 6001 - Campus Universitário - Londrina/PR - CEP: 86051-990</p> <p>Site: www.uel.br/pos/mestradocomunicao.</p> <p>E-mail: mestrado.com@uel.br</p> <p>Telefone: (43) 3371-4744 Fax: (43) 3371-4328</p> <p>Coordenador (a): Alberto Carlos Augusto Klein. E-mail: betoklein@yahoo.com.br</p> <p>Vice Coordenador (a): Rozinaldo Antonio Miani. E-mail: ramiani@uol.com.br</p>
24.	Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG	Programa de Mestrado em Jornalismo	Mestrado	<p>Praça Santos Andrade, 1 - Centro - Ponta Grossa/PR - CEP: 84010-790</p> <p>Site: http://pitangui.uepg.br/propesp/ppgjr/.</p> <p>E-mail: mestradojornalismo@uepg.br</p> <p>Telefone: (42) 9828-0808</p> <p>Coordenador (a): Paula Melani Rocha. E-mail: pmrocha@uepg.br</p>

25.	Universidade Estadual Paulista – Unesp	Programa de Pós-graduação em Comunicação	Mestrado e Doutorado	<p>Avenida Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube, N.14-01 - Vargem Limpa - Bauru/SP - CEP: 17033-360</p> <p>Site: http://www.faac.unesp.br/#41, 41.</p> <p>E-mail: spg@faac.unesp.br</p> <p>Telefone: (14) 3103-6057 Fax: (14) 3103-6057</p> <p>Coordenador (a): Danilo Rothberg. E-mail: danilo@faac.unesp.br</p> <p>Vice coordenador (a): Laan Mendes de Barros. E-mail: laan.mb@uol.com.br E-mail: danroth@uol.com.br</p>
26.	Universidade Federal da Bahia - UFBA	Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea	Mestrado e Doutorado	<p>Rua Barão de Geremoabo, s/n - Campus de Ondina - Salvador/BA - CEP: 40170-290</p> <p>Site: www.poscom.ufba.br.</p> <p>E-mail: pos-com@ufba.br</p> <p>Telefone: (71) 3283-6193</p> <p>Coordenador (a): Lia da Fonseca Seixas E-mail: liaseixas@gmail.com</p>

27.	Universidade Federal da Paraíba - UFPB	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas	Mestrado	<p>Campus I - Cidade Universitária, s/n - Castelo Branco - João Pessoa/PB - CEP: 59059-900</p> <p>Site: www.cchla.ufpb.br/ppgc.</p> <p>E-mail: ppgc@cchla.ufpb.br</p> <p>Telefone: (83) 3216-7925</p> <p>Coordenador (a): Alberto Pessoa. E-mail: albertoricardopessoa@gmail.com</p> <p>Vice Coordenador (a): Eunice Simões Lins E-mail: euniceslins@gmail.com</p>
28.		Programa de Pós-Graduação em Jornalismo	Mestrado	<p>Av. Moraes Rego, 12345 Campus I - Cidade Universitária - Recife /PE - CEP: 58051-900</p> <p>Site: http://ccta.ufpb.br/</p> <p>E-mail: zulmiranobrega@uol.com.br</p> <p>Telefone: (11) 1111-1111. Fax: (11) 1111-1111</p> <p>Coordenador (a): Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho E-mail: zulmiranobrega@uol.com.br</p>
29.	Universidade Federal de Goiás - UFG	Mestrado em Comunicação		

30.	Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF	Mestrado em Comunicação e Sociedade	Mestrado e Doutorado	<p>Rua José Lourenço Kelmer, s/n - São Pedro - Juiz de Fora/MG - CEP: 36036-330</p> <p>Site: http://www.ufjf.br/ppgcom/.</p> <p>E-mail: mestrado.comunicacao@ufjf.edu.br</p> <p>Telefone: (32) 2102-3601</p> <p>Coordenador (a): Iluska Maria da Silva Coutinho. E-mail: iluskac@globo.com</p>
31.	Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG	Pós-Graduação em Comunicação Social	Mestrado e Doutorado	<p>Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas & Secretaria do Programa de Pós-graduação em Comunicação. Av. Antônio Carlos, 6627 Sala 4234 - 4º Andar - Pampulha - BELO HORIZONTE/MG - CEP: 31270-901</p> <p>Site: www.fafich.ufmg.br/ppgcom.</p> <p>E-mail: ppgcom@fafich.ufmg.br</p> <p>Telefone: (31) 3409-5072</p> <p>Coordenador (a): Ângela Cristina Salgueiro Marques. E-mail: angelasalgueiro@gmail.com</p>

32.	Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP	Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Mestrado	<p>Rua do Catete, 166 ICSA-UFOP - Centro - Mariana/MG - CEP: 35420-000</p> <p>Site:www.ppgcom.ufop.br.</p> <p>E-mail: ppgcom@icsa.ufop.br</p> <p>Telefone: (31) 3558-2275</p> <p>Coordenador (a): Marta Regina Maia.</p> <p>E-mail: marta@martamaia.pro.br</p> <p>Vice coordenador (a): Marcelo Freire Pereira de Souza.</p> <p>E-mail: marcelofreire@gmail.com</p>
33.	Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Mestrado e Doutorado	<p>Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n - Cidade Universitária - Recife/PE - CEP: 50670-901</p> <p>Site: www.ufpe.br/ppgcom.</p> <p>E-mail: ppgcomufpe@yahoo.com.br</p> <p>Telefone: (81) 2126-8960</p> <p>Coordenador (a): Thiago Soares.</p> <p>E-mail: thikos@gmail.com</p>

34.	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Programa de Pós-graduação em Jornalismo	Mestrado e Doutorado	<p>Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lim, s/n CCE/Bloco A/Térreo - Trindade - Florianópolis /SC - CEP: 88040-900</p> <p>Site: www.ppgjor.posgrad.ufsc.br.</p> <p>E-mail: ppgjor@contato.ufsc.br</p> <p>Telefone: (48) 3721-6610</p> <p>Coordenador (a): Cárlica Emerim Jacinto Pereira. E-mail: coordenador.ppgjor@contato.ufsc.br</p> <p>Vice coordenador (a): Rita de Cássia Romeiro Paulino. E-mail: rcpauli@gmail.com</p>
35.	Universidade Federal de Santa Maria - UFSM	Programa de Pós-graduação em Comunicação	Mestrado	<p>Av. Roraima, prédio 21 Campus, Camobi - CEP: 97105-900</p> <p>Site: http://www.ufsm.br/poscom</p> <p>E-mail: ubertimachado@smail.ufsm.br</p> <p>Telefone: (55) 3220-8579</p> <p>Coordenador (a): Cassio dos Santos Tomaim</p>

36.	Universidade Federal de São Carlos – UFSCar	Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som	Mestrado	<p>Rodovia Washington Luiz, km 235 Caixa Postal 676 - Jardim Guanabara - São Carlos/SP - CEP: 13565-905</p> <p>Site: www.ppgis.ufscar.br.</p> <p>E-mail: ppgis@ufscar.br</p> <p>Telefone: (16) 3351-8414</p> <p>Coordenador (a): Luciana Sa Leitão Correa de Araújo. E-mail: araujo.lu@uol.com.br</p>
37.	Universidade Federal de Uberlândia - UFU	Tecnologias, Comunicação e Educação	Mestrado	<p>Avenida João Naves de Ávila. Bloco G, sala 156 - Campus Santa Mônica. CEP: 38408-100</p> <p>Site: http://www.ppgce.faced.ufu.br.</p> <p>E-mail: ppgce@faced.ufu.br</p> <p>Telefone: (34) 3291-6395</p> <p>Coordenador (a): Ana Cristina Menegotto Spanenberg</p>
38.	Universidade Federal do Ceará - UFC	Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Mestrado e Doutorado	<p>Avenida da Universidade. Centro de Humanidades - Área 2. Fortaleza – CE - CEP: 60020-180</p> <p>Site: http://www.poscomufc.com.</p> <p>E-mail: ppgcom@ufc.br</p> <p>Telefone: (85) 3366-7712</p> <p>Coordenador (a): Osmar Gonçalves dos Reis Filho</p>

39.	Universidade Federal do Espírito Santo - UFES	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades	Mestrado	<p>Avenida Fernando Ferrari, 514, 29075-910 Centro de Artes / 2º piso - Goiabeiras - Vitória/ES - CEP: 29075-910</p> <p>Site: comunicacaosocial.ufes.br.</p> <p>E-mail: poscomunicacao.ufes@gmail.com</p> <p>Telefone: (27) 4009-7860</p> <p>Coordenador (a): Edgar Rebouças. E-mail: edgard.rebouças@ufes.br</p>
40.	Universidade Federal do Maranhão - UFMA	Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Mestrado	<p>Vila Bacanga. São Luiz-MA – CEP: 65080-805</p> <p>Site: www.ufma.br.</p> <p>E-mail: -----</p> <p>Telefone: (98) 3471-1201/ (98) 3272-8003</p> <p>Coordenador (a): Thaisa Cristina Bueno</p>
41.	Universidade Federal do Pará - UFPA	Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia	Mestrado e Doutorado	<p>Rua Augusto Corrêa, 01 - Guamá - Belém/PA - CEP: 66075-110</p> <p>Site: www.ppgcom.ufpa.br.</p> <p>E-mail: poscomunicacaoufpa@gmail.com</p> <p>Telefone: (91) 3201-7972 Fax: (91) 3201-8371</p> <p>Coordenador (a): Elaide Martins da Cunha. E-mail: elaidemartins@gmail.com</p>

42.	Universidade Federal do Paraná - UFPR	Programa de Pós-graduação em Comunicação	Mestrado e Doutorado	<p>Rua Bom Jesus, 650, sala 3 - Juvevê - Curitiba/PR</p> <p>Site: http://www.humanas.ufpr.br/porta/comunicacaomestrado/.</p> <p>E-mail: ppgcom@ufpr.br</p> <p>Telefone: (41) 3313-2005</p> <p>Coordenador (a): Valquíria Michela John. E-mail: vmichela@gmail.com</p>
43.	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB	Mestrado em Comunicação	Mestrado	<p>Rua 13 de Maio, 13 Prédio do Hansen Bahia - Cachoeira/BA - CEP: 44300-000</p> <p>Site: www.ufrb.edu.br/ppgcom/.</p> <p>E-mail: pitombo@ufrb.edu.br</p> <p>Telefone: (75) 3425-2242</p> <p>Coordenador (a): Renata Pitombo Cidreira. E-mail: pitombo@ufrb.edu.br</p> <p>Vice-Coordenador (a): Hérica Lene. E-mail: hericalene@ufrb.edu.br</p>
44.	Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	Programa de Pós-graduação em Comunicação	Mestrado e Doutorado	<p>Avenida Pasteur, Sala 134 250 - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP: 22290-240</p> <p>Site: www.pos.eco.ufrj.br.</p> <p>E-mail: pos.eco@eco.ufrj.br</p> <p>Telefone: (31) 3938-5075</p> <p>Coordenador (a): Victa de Carvalho. E-mail: victacarvalho@gmail.com</p>

45.		Criação e Produção de Conteúdos Digitais	Mestrado	<p>Avenida Pasteur, Sala 134 250 - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP: 22290-240</p> <p>Site: https://www.ppgtlcom-eco-ufrj.com/</p> <p>E-mail: secretaria.ppgtlcom@eco.ufrj.br</p> <p>Telefone: (21) 3938-5084 Coordenador (a): Katia Augusta Maciel.</p>
46.	Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia	Mestrado e Doutorado	<p>Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - Campus Universitário, s/n - Lagoa Nova - Natal/RN - CEP: 59072-970</p> <p>Site: www.posgraduacao.ufrn.br/ppgem2.</p> <p>E-mail: ppgem@cchla.ufrn.br</p> <p>Telefone: (84) 3215-3926</p> <p>Coordenador (a): Valquíria Aparecida Passos Kneipp. E-mail: valquiriakneipp@yahoo.com.br</p> <p>Vice coordenador (a): Daniel Meirinho. E-mail: danielmeirinho@hotmail.com</p>

47.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	Programa de Pós-graduação em Comunicação	Mestrado e Doutorado	<p>Rua Ramiro Barcelos, 2705 sala 203 – Secretaria da Pós-Graduação - Rio Branco - Porto Alegre/RS - CEP: 90035-007</p> <p>Site: www.ppgcom.ufrgs.br.</p> <p>E-mail: ppgcom@ufrgs.br</p> <p>Telefone: (51) 3308-5116 Fax: (51) 3308-5368</p> <p>Coordenador (a): Ana Taís Martins Portanova Barros. E-mail: anataismartins@icloud.com</p>
48.	Universidade Federal do Tocantins - UFT	Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade	Mestrado	<p>109 Norte Avenida NS 15, Campus Universitário de Palmas – CUP/UFT, Sala 15, bloco II. - Plano Diretor Norte - Palmas/TO - CEP: 77001-090</p> <p>Site: www.uft.edu.br/ppgcom.</p> <p>E-mail: ppgcom@uft.edu.br</p> <p>Telefone: (63) 3232-8116</p> <p>Coordenador (a): Francisco Gilson Rebouças Porto Junior. E-mail: gilsonportouft@gmail.com</p>
49.	Universidade Federal Fluminense - UFF	Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano	Mestrado e Doutorado	<p>Rua Tiradentes, 148 - Ingá - Niterói/RJ - CEP: 24210-510</p> <p>Site: http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/.</p> <p>E-mail: ppgmc@vm.uff.br</p> <p>Coordenador (a): Denise Tavares da Silva. E-mail: denisetavares51@gmail.com</p>

50.		Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual - PPGCINE	Mestrado e Doutorado	<p>Rua Tiradentes, 148 - Ingá - Niterói/RJ - CEP: 24210-510</p> <p>Site: http://www.ppgcine.sites.uff.br/</p> <p>E-mail: secretaria.ppgcine@gmail.com</p> <p>Telefone: (21) 2629-9685</p> <p>Coordenador (a): Mariana Baltar Freire. E-mail: marianabaltar@gmail.com</p>
51.		Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Mestrado e Doutorado	<p>Rua Tiradentes, 148 - Ingá - Niterói/RJ - CEP: 24210-510</p> <p>Site: http://www.ppgcom.uff.br.</p> <p>E-mail: secretariappgcom@vm.uff.br</p> <p>Telefone: (21) 2629-9671</p> <p>Coordenador (a): Fernando Antônio Resende. E-mail: fernandoaresende1501@gmail.com</p>
52.	Universidade Metodista de São Paulo - UMESP	Pós-Graduação em Comunicação Social – POSCOM	Mestrado e Doutorado	<p>Rua Sacramento, 230 - Rudge Ramos - São Bernardo do Campo/SP - CEP: 09735-460</p> <p>Site: www.metodista.br/poscom.</p> <p>E-mail: poscom@metodista.br</p> <p>Telefone: (11) 4366-5818</p> <p>Coordenador (a): Luiz Alberto Bessera Farias. E-mail: luiz.farias@metodista.br</p>

53.	Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS	Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público - MPCOM	Mestrado	<p>Rua Santo Antônio, 50 - Centro - São Caetano Do Sul/SP - CEP: 09521-160</p> <p>Site: http://www.uscs.edu.br/pos-stricto-sensu/ppgcom/mestrado-profissional-em-comunicacao/.</p> <p>E-mail: jbfcardoso@uscs.edu.br</p> <p>Telefone: (11) 4239-3354</p> <p>Coordenador (a): João Batista Freitas Cardoso. E-mail: jbfcardoso@uol.com.br</p> <p>Vice coordenador (a): Priscila Perazzo. E-mail: prisperazzo2@gmail.com</p>
54.	Universidade Paulista - UNIP	Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Mestrado e Doutorado	<p>Rua Doutor Bacelar, 1212 4º Andar - Vila Clementino - São Paulo/SP - CEP: 04026-002</p> <p>Site: https://www.unip.br/presencial/ensino/pos_graduacao/strictosensu/ss_comunicacao.aspx.</p> <p>E-mail: pgcomunicacao@unip.br</p> <p>Telefone: (11) 5586-4180 Fax: (11) 5586-4080</p> <p>Coordenador (a): Mauricio Ribeiro da Silva. E-mail: silvamr@uol.com.br</p>

55.	Universidade Tuiuti do Paraná - UTP	Mestrado e Doutorado em Comunicação e Linguagens	Mestrado e Doutorado	<p>Rua Sydnei Antônio Rangel, 238 Proppe - Santo Inácio - Curitiba/PR - CEP: 82010-330</p> <p>Site: www.utp.br/mcl.</p> <p>E-mail: mestrado@dcl@utp.br</p> <p>Telefone: (41) 3331-7706 / 3331-7706 / 3331-7655</p> <p>Coordenador (a): Sandra Fischer. E-mail: sandrafischer@uol.com.br</p> <p>Vice coordenador (a): Rafael Tassi. E-mail: rafatassiteixeira@hotmail.com</p>
-----	-------------------------------------	--	----------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora (2019), através dos dados contidos nos sites COMPOS e CAPES, respectivamente:
<http://www.compos.org.br>
<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoIes.jsf;jsessionid=9yrEeG9R3FlmiL-4E3+7ILOP.sucupira-204?areaAvaliacao=31&areaConhecimento=60900008>. Atualizada em 20.06.2019.

APÊNDICE C - MODELO DA CARTA ÀS COORDENAÇÕES DE CURSO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE - PPGCom

Prezada Coordenação de Curso,

Meu nome é Janaína Vilarés da Silva, sou estudante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade – PPGCom, da Universidade Federal do Tocantins –UFT, e estou realizando a coleta de dados da minha dissertação, sob orientação da Prof.^a Dr.^a. Liliam Deisy Ghizoni, intitulada “Trabalhar na academia: “Estudar, para um pós-graduando *stricto sensu*, é o trabalho!””, aprovada pelo Comitê de Ética, sob registro N° 3.547.902.

Gostaria de contar com a participação do Programa _____ em minha pesquisa. Ficarei imensamente agradecida se puder direcionar esse convite, juntamente com o termo de consentimento livre e esclarecido e o link do google forms do questionário aos alunos de Pós-Graduação *stricto sensu*.

O que é a pesquisa?

* Irei investigar as vivências de prazer-sofrimento que os mestrandos e doutorandos vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e Informação do Brasil tem vivenciado.

Informações importantes:

- * O tempo médio de preenchimento do questionário é de 30 minutos.
- * Os eventuais riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem estar relacionados ao desconforto emocional, intimidação, angústia, insatisfação, irritação e algum mal-estar frente aos questionamentos. Contudo, caso isso ocorra, por gentileza, fique à

vontade em interromper a sua participação, em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

* Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFG e registrada na Plataforma Brasil sob registro N° 3.547.902.

As eventuais dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, pesquisadora responsável, via e-mail: vilares@uft.edu.br.

Você fará a diferença nessa pesquisa!

Acesse o link para responder a pesquisa:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSerXSIvzkNpbJFSequNuyB6urLWoA_0wobtRHjqwcGm6PIixw/viewform?vc=0&c=0&w=1

Janaína Vilares da Silva
Pesquisadora

Prof.^a Dr.^a Liliam Deisy Ghizoni
Pesquisadora Responsável

Prof.^o Dr. Francisco Gilson Rebouças Porto Junior
Coordenador do PPGom

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE - PPGCom

Convidamos-lhe para participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **O TRABALHAR NA ACADEMIA: “ESTUDAR, PARA UM PÓS-GRADUANDO STRICTO SENSU, É O TRABALHO!”**, aprovada pelo Comitê de Ética, sob registro N° 3.547.902. a pesquisa é coordenada pela mestranda Janaína Vilares da Silva e orientada pela Professora Doutora Liliam Deisy Ghizoni.

Abaixo serão esclarecidos detalhes sobre a pesquisa e se você tiver interesse, deverá assinar nos campos em que se pede seu nome e assinatura nesse documento, em duas vias iguais, sendo que uma delas fica com você. Em caso de recusa, você não sofrerá nenhum tipo de penalidade.

I. Objetivo e justificativa da pesquisa: o objetivo da pesquisa investigar as vivências de prazer-sofrimento que os mestrandos e doutorandos vinculados aos Programas de Pós Graduação em Comunicação e Informação do Brasil tem vivenciado. Assim, a presente pesquisa é importante porque pode contribuir para uma melhor compreensão do sofrimento decorrente do contexto universitário, especificadamente dos mestrandos e doutorandos em Comunicação e Informação.

II. Procedimentos para coleta de dados: será realizada uma pesquisa por meio de um questionário, encaminhado para os estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, por e-mail, via *google forms*.

III. Utilização das informações coletadas: os dados coletados ficarão sob minha guarda. Após passarem pelo processo de análise, estes dados serão arquivados e ficarão guardados por mim durante o período de cinco anos.

IV. Dos riscos: Os eventuais riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem estar relacionados ao desconforto emocional, intimidação, angústia, insatisfação, irritação e algum mal-estar frente aos questionamentos. Contudo, caso isso ocorra, por gentileza, fique à vontade em interromper a sua participação, em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

V. Benefícios: considerando as características da pesquisa, os benefícios para os participantes desse estudo ocorrerá através do levantamento da organização do trabalho, dos sofrimentos éticos, patológicos e criativos, bem como do prazer advindo do trabalhar do mestrando, levando a possibilidade de se pensar em saúde mental e na prevenção do adoecimento físico e psicológico, bem como na prevenção de intento e suicídios concretizados na organização do trabalho do mestrando.

VI. Forma de acompanhamento e assistência: você tem o direito de esclarecer todas as dúvidas que surgirem a qualquer momento através do e-mail vilares@uft.edu.br, tendo conhecimento que o seu nome jamais será divulgado. Em caso de necessidade o pesquisador providenciará o atendimento necessário.

VII. Liberdade de recusar, desistir e retirar o consentimento: você tem absoluta liberdade para recusar, desistir e retirar seu consentimento a qualquer tempo, sem que isto acarrete penalidade ou prejuízo de qualquer natureza para você.

VIII. Garantia de sigilo e privacidade: é de minha responsabilidade manter a sua privacidade, em absoluto sigilo. Os resultados alcançados com a pesquisa poderão ser divulgados em publicações científicas desde que sua identidade seja mantida em total sigilo.

IX. Ressarcimento e indenização: O sujeito participante não terá nenhum custo ao participar da pesquisa. Não há nenhum tipo de remuneração pela sua participação nesta pesquisa, uma vez que se trata de uma ação voluntária.

Para informações, esclarecimentos ou dúvidas sobre a pesquisa, em qualquer fase do estudo, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço: Rua 03, Quadra 17, Lote 11, s/n, Setor Jardim dos Ipês, CEP: 77500-000, Porto Nacional (profissional); telefone: (63) 3363-9419, e-mail: vilares@uft.edu.br.

Este documento será assinado em duas vias, uma via ficará com o pesquisador e a outra com o participante da pesquisa.

Estou ciente de que o resultado do trabalho poderá ser publicado em artigo científico ou outro meio científico de divulgação, preservando em sigilo o nome dos participantes. Este termo de consentimento será guardado pelos pesquisadores e, em nenhuma circunstância, ele será dado a conhecer a outra pessoa.

Eu, _____, fui informado (a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação e que caso me interessar, posso receber os resultados da pesquisa quando forem publicados. Por tudo isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela minha participação neste estudo e que posso sair quando quiser. Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora
Janaína Vilares da Silva

Assinatura da Orientadora deste estudo
Prof.^a Dr.^a Liliam Deisy Ghizoni